

ESPINDOLA, SIQUEIRA & C.  
Typographia, Encadernação,  
PAUTAÇÃO E DOURAÇÃO  
Rua Direita, 10-A—S. PAULO

Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





45

Elisa de Azevedo

A Viúva Barros





*Elisa de Abreu*

Elisa Teixeira Leite de Abreu

5849

# A VIUVA BARROS

Romance brasileiro



S. PAULO

Typ. a vapor M. L. Bühnaeds & Co.

1900



LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF PADUA  
DEPARTMENT OF HISTORY AND GEOGRAPHY  
VIA VIGEVANA, 2  
35137 PADOVA, ITALY

## I

Apezar da noite estar humida e fria, como geralmente são as noites da capital de S. Paulo, havia grande affluencia de povo em uma rua situada n'um dos mais pittorescos arrabaldes dessa cidade.

Um palacete, cujas janellas abertas lançavam para a rua escura ondas brilhantes de luz, parecia ser o centro dos olhares dos curiosos. Pertencia este rico palacete ao Dr. Joaquim de Almeida Barros, um velho desembargador muito conhecido e estimado pelas suas altas qualidades.

Pouco depois de soarem 7 horas, a rua começou a entulhar-se de carros, que com muito custo conseguiam dispersar o grupo de curiosos, para chegarem á larga porta do palacete. Então havia entre o povo empurrões, cotovelladas, querendo uns passar adiante dos outros, para verem as damas que desciam dos carros, ricamente vestidas, com o collo offuscante de pedrarias, arrastando as compridas caudas bordadas de flores artificiaes.

— Que ha por aqui? perguntou a um grupo de mulheres um sujeito que chegava naquelle momento. Uma das mulheres voltou-se.

— Ah! é o Snr. João! pois não sabe o que ha? E' hoje o casamento do Dr. Barros...

Do velho desembargador?! nem sabia que ia casar-se!

— Pois é verdade! fallava sobre isto aqui á minha vizinha. Como tenho pena do Dr. Barros! um homem tão bom, tão caridoso!

— Pena!? porque?

— Pois elle se casa... e com quem, Santo Deus! com uma criança sem juizo! Deus queira que ella não pregue boas peças...

— Com quem elle se casa, então?

— Lembra-se daquella costureirinha que morava alli na travessa, a Antonietta Vieira? pois é ella a feliz noiva!

— Que me diz, mulher?! acaso o pobre homem perderia o juizo?

— Com certeza, pois poderia escolher noiva melhor.

Ao lado das mulheres, junto á porta do palacete, um rapaz alto e vigoroso, assistia toda a conversação com os sobr'olhos fränzidos.

Ao ouvir estas ultimas palavras, não pôde mais conter-se e bradou encolerizado:

— Deixem-se de tolices, mulheres! Tudo que estão dizendo é só motivado pela inveja. Em que outra moça póde ser melhor que Antonietta?

E' bella, educada e espirituosa...

— Espirituosa de mais, isso sim!

— Que quer dizer?

— Ora! eu cá me entendo...

E provavelmente iam continuar a discussão pouco lisonjeira para a noiva do magistrado, quando parou á porta um bello *coupé* puchado por cavallos brancos.

— E' o carro da noiva; com certeza não se demoram.

Alguns minutos depois, ouvia-se um grande murmurio nas escadas.

No salão corria tambem a maledicencia entre as senhoras que apenas conheciam de vista a noiva do Dr. Barros.

— E' uma loucura! diziam as solteironas. Elle devia procurar uma mulher que o tratasse durante a velhice ou quando estivesse doente, uma mulher que não fosse tão criança! Mas qual! esses velhos são sempre tolos!

— Ou então lançasse suas vistas para alguma rapariga de familia importante, e não a uma costureira!

Esta observação era feita por uma senhora, que era mãe de duas moças que já passavam dos vinte e oito annos e nada tinham de bonitas.

A porta do fundo do salão abrindo-se repentinamente, a apparição deslumbrante da noiva fez cessar toda a conversação. Todos os olhares cravaram-se na moça e um murmurio de admiração levantou-se em sua passagem. As despeitadas tiveram que confessar, com a raiva no coração, que Antonietta era realmente de uma belleza maravilhosa.

O rosto oval de um moreno-claro, os olhos e cabellos negros, a bocca rubra formando um delicioso contraste com a extrema pallidez das faces, tal era o conjuncto d'aquella gentil cabeça. Alta, andar elegante, o olhar altivo como o de uma soberana, parecia subir os degráos de um throno. Era, mesmo, digna de possuir uma corôa pela sua belleza imponente.

Quanto á idade, as mulheres do povo não mentiam quando disseram que a noiva era uma criança.

Tendo, quando muito dezoito annos, grande era o contraste que ella formava com o futuro esposo, que já orçava pelos sessenta. E era para admirar que o magistrado, vivendo até essa idade celibatario, não procurasse uma esposa de idade mais proporcional á sua, mas uma menina que, ao entender de todos, não lhe poderia ter amor.

Os noivos appareceram, emfim, nas escadas seguidos de numeroso grupo de convidados, e os curiosos rodearam o carro, subiram até á calçada para poderem vel-os mais de perto.

O velho desembargador era ainda bem conservado e elegante para a sua idade. Sympathizado por todos, pela extrema bondade e bonhonia com que tratava tanto á classe baixa, como aos mais altos personagens, teve de distribuir cumprimentos e sorrisos á maior parte dos curiosos. De todos os lados olhavam-n'o com respeito e gratidão.

Conseguiu, emfim, entrar no carro.

Já ha muito tinham partido, e o povo ficava ainda a contemplar o palacete, commentando os acontecimentos mais insignificantes, sem se importar com frio e com a hora que já se ia adiantando. O povo é sempre assim. Nunca pecca por falta de curiosidade. Quantas mães, com os filhinhos a baterem com os dentes de frio, alli estão... esperando o que? nada! a olharem para aquella casa, cujas portas estão fechadas para ellas!

E nós que, quando estamos de longe, rimos e caçoamos da tolice do povo, quantas vezes fazemos o mesmo!

Quando voltaram da igreja os novos conjuges, ainda era grande o ajuntamento de curiosos.

— Olha, dizia uma mulher á outra, como Antonietta já está com ares de *senhora-dona*!

— Pois então? está rica, e não me admirarei nada de que amanhã nem me conheça mais! Pois será uma ingrata, porque fui eu quem lhe ensinou a costurar.

— E eu então? tornou a primeira, passei as noites á cabeceira da mãe quando estive doente, pois a filha já não podia mais de somno e de cansaço, como dizia, mas era só preguiça...

— Aquella menina não é *boa-cousa*, já ha muito notei isso, e Dens queira que o coitado do Snr. Barros... não é por fallar mal, mas ella é muito leviana... Não se lembra do namoro com o caixeiro da loja da esquina?

— Escandaloso!

Nada ha como a inveja para soltar a lingua das mulheres. Estimam e fazem boas ausencias de uma companheira, mas, si por qualquer acaso da sorte, esta consegue ficar numa posição superior, inventam logo mil defeitos contra ella, e si perguntardes que mal lhe fez a victima para assim mancharem a sua reputação, encolhem os hombros sem terem o que responder.

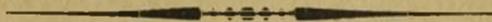
Não fallo das mulheres em geral, mas sim das invejosas unicamente. Quem escreve estas linhas é uma mulher, mas que tem a presumpção de julgar-se livre deste peccado que perdeu Caim.

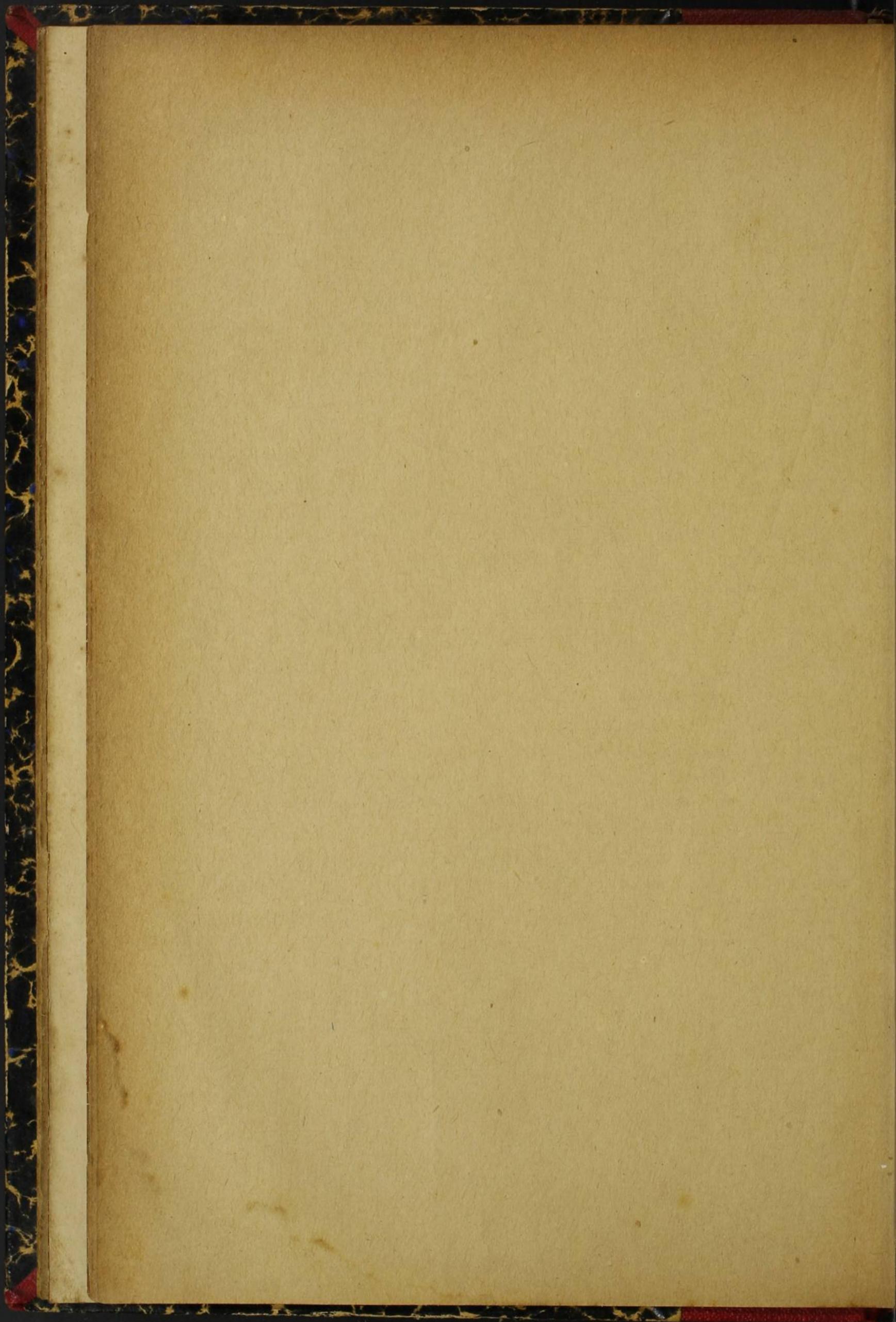
Antonietta era, portanto, o alvo de todas as antipathias, tanto das mulheres do povo, como das senhoras da sociedade.

Debalde procuravam nella um defeito qualquer, mas não o achando, diziam com desdem: «E' muito criança!» ou: «Foi uma costureira!» como si o ganhar a vida com um trabalho honrado fosse um defeito!

Pobre Antonietta! Odiavam-n'a por ser bella, joven e, ainda mais, feliz!

Mas todos esses despeitos e prevenções não obstaram a que o baile se prolongasse até ao amanhecer, animadissimo e alegre. O lauto banquete, as finas bebidas franqueadas a toda a hora aos convidados; a riqueza faustosa das salas deslumbrantes pelas luzes, flores, tapeçarias e grandes espelhos que pendiam das paredes, para isso concorreram talvez. O que posso affirmar, porém, é que, muito tempo depois, as pessoas que lá estiveram lembravam-se com saudade dessa noite festiva.





## II

Desde o dia de seu casamento começou para Antonietta uma vida nova e cheios de atractivos.

Quando, em sua modesta casa, trabalhando até alta noite para poder sustentar-se, sonhára tal existencia? Quando pensára que seu lindo collo e braços seriam um dia ornados de tão preciosas pedras, como as do adereço com que a presenteára o esposo?

Ainda não acostumada a esse viver, saltava contente e travessa como criança que era, corria a acariciar o esposo, como para recompensal-o da grande felicidade que lhe dera.

E o velho, enlevado, amando até á loucura aquella menina que mais parecia sua filha, pagava-lhe as caricias com ricos e novos presentes.

Começou a frequentar bailes, theatros, inventando passeios e mil divertimentos, sem se cansar das longas noites de vigílias que já não eram proprias para a sua idade, só para ver sua joven esposa feliz e alegre.

Pouco a pouco deixava Antonietta a travessura e timidez de menina, para tomar as formas de moça elegante e espirituosa.

Innumeros eram os seus admiradores; e o incenso que constantemente lhe queimavam aos pés, a admiração que causava a sua entrada nos salões, os olhares persistentes que a seguiam por toda a parte, tornaram-n'a em extremo vaidosa e soberba. Porém tudo o velho desculpava, pensando, como muitos, que a vaidade é permittida a uma mulher bonita.

E assim corriam os mezes, felizes e contentes, apesar da theoria mundana que diz que é impossivel a ventura num casamento onde ha desproporção de idade.

Mas que importava a Antonietta que seu esposo não fosse joven, si era tão bondoso, e não impertinente e zeloso como em geral são os velhos que têm mulher bonita? Si o unico prazer daquelle bom velho era vel-a feliz, fazer-lhe todas as vontades, tomando como ordens os seus menores caprichos? Si ella tinha o coração virgem de qualquer impressão amorosa, si nunca tinha amado?

Era até preferivel este velho a cujo braço se encostava confiante, que a adorava com delirio, e a quem ella tributava uma amizade filial, a um joven que a amasse com egoismo, privando-a da vida alegre que levava.

Assim passaram-se tres annos, reinando sempre entre os dois esposos a maior harmonia e felicidade, quando repentinamente o magistrado enfermou.

Antonietta, afflicta e chorosa, passava as noites em vigilia, á cabeceira do enfermo, com grande admiração dos amigos que o visitavam. E' que ella amava ao esposo como uma filha grata ama a um bom pae e com grande temor via que a sua morte acarretaria desgostos e contrariedades para a sua existencia de viuva moça, rica e bonita, sem um unico parente, pois sua mãe morrêra pouco tempo depois do seu casamento.

Ah! que seria della nesta sociedade tão egoista e corrupta, sem uma mão protectora que a afastasse meigamente do abysmo florido em que a mocidade é tão facil de precipitar-se?

E ao virem-lhe á mente taes pensamentos, os soluços suffocavam-n'a, e as lagrimas corriam pelo seu bello rosto entristecido.

Um mez de soffrimentos supportou o velho, até que expirou nos braços da esposa, que parecia inconsolavel.

Os homens admiravam-se de encontrar tanta dedicação numa joven, que até essa data tinham julgado leviana; ao passo que as suas fingidas amigas segredavam que o desespero da joven viuva nada mais era que fingimento, hypocrisia.

Pois si ainda não se tinham consolado de haverem perdido um genro ou marido como o rico magistrado!

Entretanto Antonietta fechava-se em seu palacete para passar o anno de lucto.

Ninguem a via em festas ou reuniões. Sempre em casa, só recebia as pessoas de intima amizade. Era impossivel exigir-se uma vida mais recatada, mais exemplar, uma demonstração maior de sincera dôr.

E o que não soffreria a pobre Antonietta em sua reputação si assim não procedesse, si não fosse mais que severa no cumprimento de seus deveres perante a sociedade?

Em qualquer outra viuva desculpariam uma leviandade, uma falta mesmo, mas em Antonietta, o alvo de todas as invejas, nada se toleraria.

Decorriam os mezes, e a joven viuva, na solidão em que vivia, repassava na memoria todos os factos que precederam ao seu casamento.

Recordava-se da primeira vez que vira o Dr. Barros.

Morava, ha mais de um anno, com sua mãe, em uma pequena casa, quando o aluguel da mesma foi elevado.

Com bastante difficuldade já luctava Antonietta para sustentar sua mãe doente, vendo-se obrigada a trabalhar, muitas vezes, até alta noite.

Não podia pagar maior aluguel de casa, e uma mudança, talvez para longe, a afastaria de suas freguezas de costura.

Mãe e filha supplicaram ao dono da casa que não elevasse o aluguel, visto estarem ha muito tempo alli, mas elle respondera-lhes que nada podia fazer, pois era um simples procurador; que se dirigissem ao senhorio.

Esse senhorio era o Dr. Barros.

Tão impressionado ficou o velho magistrado com a belleza e distincção da joven, que prometeu dar ordens ao procurador para que não a incomodasse.

Desde esse dia, começou o Dr. Barros a ir algumas vezes fallar com Antonietta, a pretexto de fazer alguns concertos necessarios na casa. Além disso passava por lá todas as tardes, sempre achando um meio de conversar durante alguns momentos com as duas senhoras.

Já os visinhos, cheios de malicia como sempre, segredavam que a bella Antonietta era, ou viria a ser logo a amante do rico magistrado. Mas tanta belleza, distincção e virtude da joven, só despertaram no Dr. Barros uma idéa: tornal-a sua esposa.

E era bem digna de occupar um alto lugar na sociedade essa moça, cujos dotes moraes correspondiam aos dotes phisicos.

A pobre senhora, mãe de Antonietta se incommodava com as frequentes visitas do Dr. Barros. Mas que fazer, si dependiam d'elle?

Quando soube, porém, do que dizia a vizinhança resolveu fallar sobre isto ao desembargador.

Não podia mais tolerar uma cousa que dêsse motivos para duvidarem da honra de sua filha.

O velho magistrado respondeu-lhe com o pedido formal da mão de Antonietta.

Passaram-se dias, e a moça não sabia que responder.

— Não o amo, dizia ella a sua mãe. Bem vê que é muito velho para mim.

— Falla-me com franqueza! tu amas alguém?

— Ainda não amei ninguem.

— Pois então, minha filha, casa com o Dr. Barros. Terás por elle, não o amor que vês descripto nos romances, mas a amizade sincera e respeitosa. Elle é bom; os teus desejos serão ordens para elle, porque te ama com loucura. Has de estimal-o muito, tenho certeza. Que mais queres?

— Mas, minha mãe, creio que o amor é que faz a verdadeira felicidade...

— O amor! o amor! sabes tu o que isso é? Deus queira que nunca saibas o que é o amor, Antonietta! O amor é sempre a causa de uma desgraça! Felizes aquelles que tiverem sempre o coração indifferente. Quantos dias de lagrimas e de tristezas succedem a uma hora de ventura! Repito, minha filha, Deus queira que nunca ames verdadeiramente! Fóge do amor, conserva o teu coração impassivel, que serás feliz.

Depois de muitos conselhos de sua mãe, a moça consentiu, enfim, em ser a esposa do magistrado.

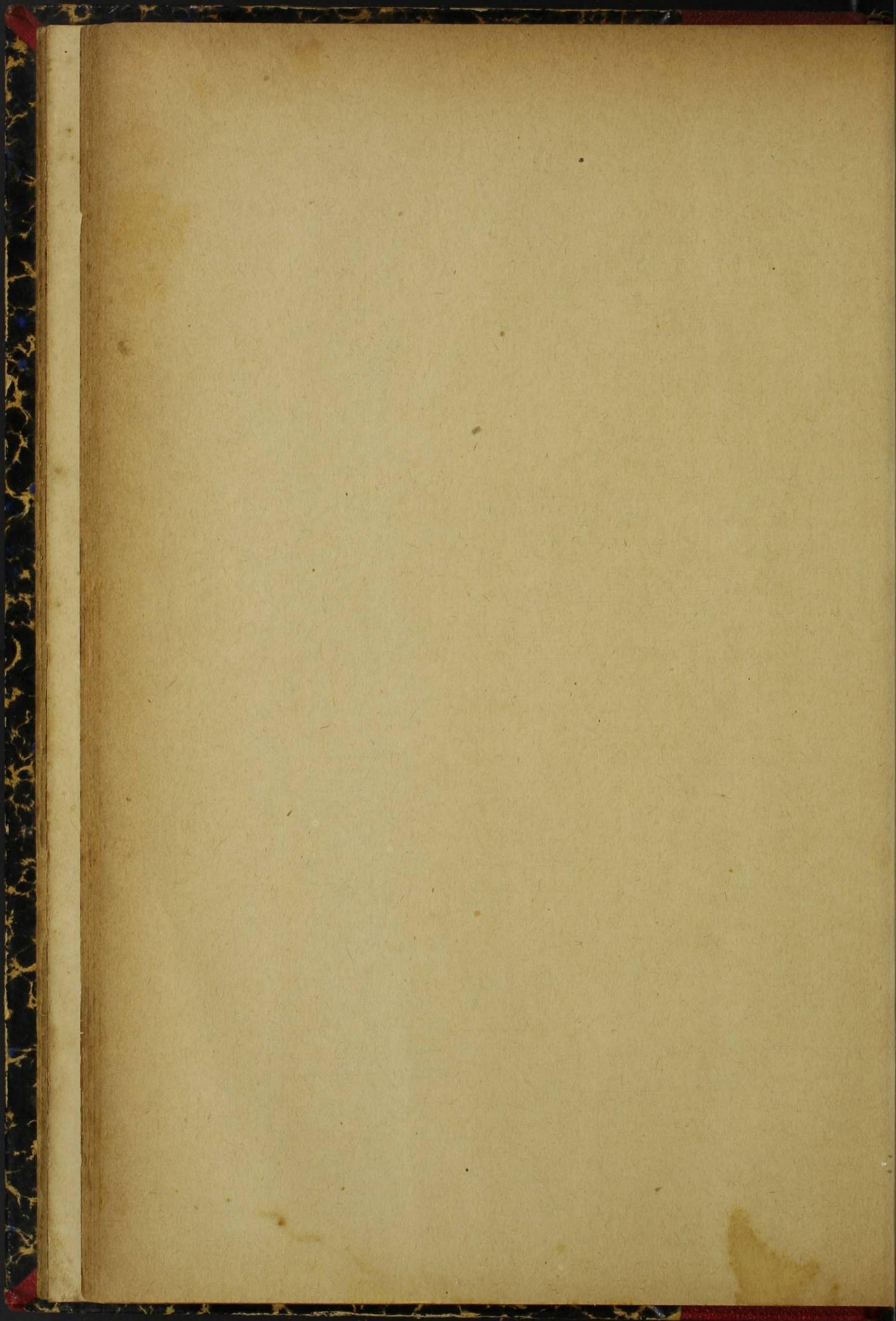
Todos esses factos, todas as palavras de sua mãe, vinham agora á memoria da viuva.

E' verdade! tinha sido muito feliz. Durante os tres annos de casada, só chorára quando a morte arrebatou sua mãe. E nessa occasião, como o esposo soffreu por vel-a triste! Tentava todos os meios para fazel-a sahir da grande tristeza que a acabrunhava. Viajou durante muitos mezes, elle, que não gostava de sahir de seus commodos!

Sim! fôra muito feliz, e se casára sem amor!

—Virei a amar algum dia? murmurava ella ás vezes. Qual! não amo ninguem e creio que nunca amarei. Rodeiam-me, adoram-me, mas isto só serve para dilatar a minha vaidade. O meu coração, que até hoje tem permanecido frio, ha de assim permanecer sempre...

---



### III

Passou-se o anno de lucto sem que nenhum episodio importante interrompesse a vida reclusa da joven viuva.

Formosissima e rica, consolára-se logo, como era facil de suppôr, da morte do esposo.

Findo o anno de lucto, ella entendeu que já era tempo de deixar a vida austérea que levava, para gozar os divertimentos que a sua mocidade e alta posição lhe permittiam.

Continuou, pois, com seus gozos favoritos, tanto tempo interrompidos pela doença e morte de seu esposo. E já anciava ha muito tempo por isso, digamos com franqueza, pois a bella Antonietta era inimiga da sua casa e da solidão, e nenhum prazer achava em estar encerrada em seu palacete, apezar do faustoso luxo que a cercava.

Era muito considerada pelas principaes familias da capital, pois com o tempo, já se haviam acabado as prevenções que contra ella tinham injustamente. Por isso lhe dirigiam os primeiros convites para qualquer festa ou reunião.

E Antonietta nunca deixava de ir, mostrando-se sempre muito apaixonada pela dança e festas publicas, onde pudesse apparecer e ser admirada pela multidão.

Agora, que já estava com vinte e dois annos, sua belleza tinha-se desenvolvido e tomado proporções prodigiosas. O seu corpo desenvolvera-se, engordára um pouco, tornando-se mais elegante e formosa.

Ao entrar nos salões, desdenhosa e altiva, com o andar magestoso e soberbo, todos os olhares convergiam para ella. Pareciam hypnothisados pelas irradiações magneticas que jorravam dos seus grandes olhos negros e profundos, sombreados por espessos cilios que lhes davam uma tal expressão, que causava uma especie de delirio em quem os fitasse.

Tinha aquella belleza extranha e terrivel que se vê nos anjos máus de Milton, belleza que embriaga, entontece e apaga a rasão dos homens mais fortes, belleza como a das bacchantes, cheia de provocações diabolicas e irresistiveis. Sua formosura, ao mesmo tempo que attrahia, intimidava os que della se approximavam tremulos, medrosos, mas sempre affoutos, como as pobres mariposas que inconscientemente chegam á chamma que ha de queimal-as.

Via-se que esta mulher era capaz de inspirar paixões violentas, de transformar o homem num automato, porém nunca um amor terno, mystico, ideal, como o de Paulo por Virginia, o de Romeu por Julietta!

A vaidade dominava-a cada vez mais; sabia ser muito bella, irresistivel, e tinha um gosto particular em fazer-se amada para repellir e desprezar logo os pobres doudos que lhe cahiam aos pés.

E como a vaidade elevada a um alto gráu esmaga os bons sentimentos de uma pessoa, a bondade daquelle coração foi, pouco a pouco, cedendo o lugar á crueldade, que em pouco tempo o invadiu de todo.

Assim ella, conhecedora das paixões que inspirava, em vez de dissuadir esses miseros escravos dos seus encantos, animava-os com olhares e sorrisos; e quando elles, palpitantes, ousavam declarar-lhe o estado de sua alma, ou pedir-lhe a mão, ella, desdenhosamente, respondia:

— Não tenciono casar-me mais!»

E lançava assim, com mão pródiga, o desespero em muitos corações.

Finalmente já não se illudiam a respeito da sua apparente condescendencia, e chamavam-n'a uns «coração de gelo», outros «a desdenhosa».

E Antonietta, a formosa viuva, era feliz por ver-se amada e admirada por todos e mais feliz ainda por não amar!

\*  
\* \*

Havia um grande baile em casa do Barão de L..., em regosijo ao anniversario natalicio de uma filha sua. Já estando

convidada ha muitos dias, Antonietta preparava-se para ser como sempre o alvo da admiração de todos, pela riqueza e bom gosto do trajar.

Sabendo que a côr negra lhe assentava admiravelmente, não tinha ainda tirado o lucto, apresentando-se sempre de preto em qualquer parte que fosse.

Às 10 horas da noite já estavam os magnificos salões do Barão cheios de convidados, quando parou á porta o *coupé* da viuva.

Aberta que foi a portinhola, saltou Antonietta para a calçada, subiu as escadas forradas de tapetes e atravessou o salão altiva, vaidosa dos murmurios que se levantavam á sua passagem. Ao passar por um grupo de rapazes, um delles exclamou :

Que belleza deslumbrante ! quem será esta moça ?

— Pois não conheces ? ! retrucou-lhe outro, admira ! E' a viuva Barros.

— Que deusa ! nunca vi formosura igual !

— Sim, não ha duvida, mas é de uma vaidade extrema, e tão soberba...

— Que ar magestoso, que elegancia ! interrompeu o rapaz seguindo a moça com o olhar.

— Olá ! parece que já estás apaixonado ? E quem será capaz de resistir a esta incomparavel rainha ? mas previno-te, meu amigo, que perdes o tempo, como tantos outros. Ninguém é assaz digno de merecer-lhe as graças ! De mais ella tem razão para isso : vinte e tres annos, formosa e riquissima...

— Um pouco mais de simplicidade e modestia não lhe ficariam mal, murmurou o rapaz, que parecia não ter ouvido o discurso do amigo.

Olhava obstinadamente para Antonietta, que nesse momento passeava pelo braço do dono da casa.

O moço que tanto olhava para a viuva era bastante distincto e elegante, parecendo ter vinte e tres annos, pouco mais ou menos. O rosto, de um moreno pallido, os olhos escuros, rasgados, o olhar altivo e terno, davam-lhe um aspecto que seduzia.

O Barão apresentava Antonietta a diversas pessoas que lhe haviam pedido esta apresentação com insistencia.

— O meu amigo Alencar, distincto medico, principiou elle... O Snr. Guimarães, importante capitalista... E Antonietta cumprimentava-os com uma leve inclinação de cabeça, fria, soberba, enquanto os apresentados apenas balbuciavam umas palavras a meia-voz, tão perturbados ficavam diante della.

— O Dr. Jorge do Amaral, quinto annista de Direito, poeta, disse o Barão apresentando o mancebo, que tão enthiasmado se mostrára por Antonietta.

Este ultimo apresentado a viuva olhou com mais attenção. Já o conhecia de nome, pois já lêra diversas poesias suas nos jornaes.

Basta um homem ser poeta para que as mulheres o olhem com attenção e sympathia. Creio que o meio mais efficaç de commover o nosso coração é a poesia, pois a ella não resiste o coração feminino.

Eis porque Antonietta se dignou responder com um encantador sorriso á apresentação do joven poeta, e creio que pelo mesmo motivo elle teve a honra de servir-lhe de cavalheiro na primeira quadrilha.

— Tenho lido as suas poesias, senhor, e tenho-as apreciado bastante, disse ella.

— Creia que me julgo muito feliz por esta distincção, minha senhora.

Este galanteio, feito com uma voz tão ingenua, muito agradou á moça, que durante toda a quadrilha contemplava o seu par com insistencia, parecendo comprazer-se quando elle lhe dirigia mais alguns cumprimentos. Achava-o bello, insinuante, e a sua voz doce penetrava em seu coração de um modo extranho

Sentia-se perturbada quando o olhar terno de Jorge se encontrava com o seu e, inconscientemente, baixava-o e dirigia-o para outro lado. Logo, porém, tornava a olhal-o, achando nisto um prazer que a deleitava... Indagava de seus estudos, de seus planos para o futuro, de sua familia, com um interesse cada vez mais crescente, ella, a desdenhosa, como lhe chamavam todos.

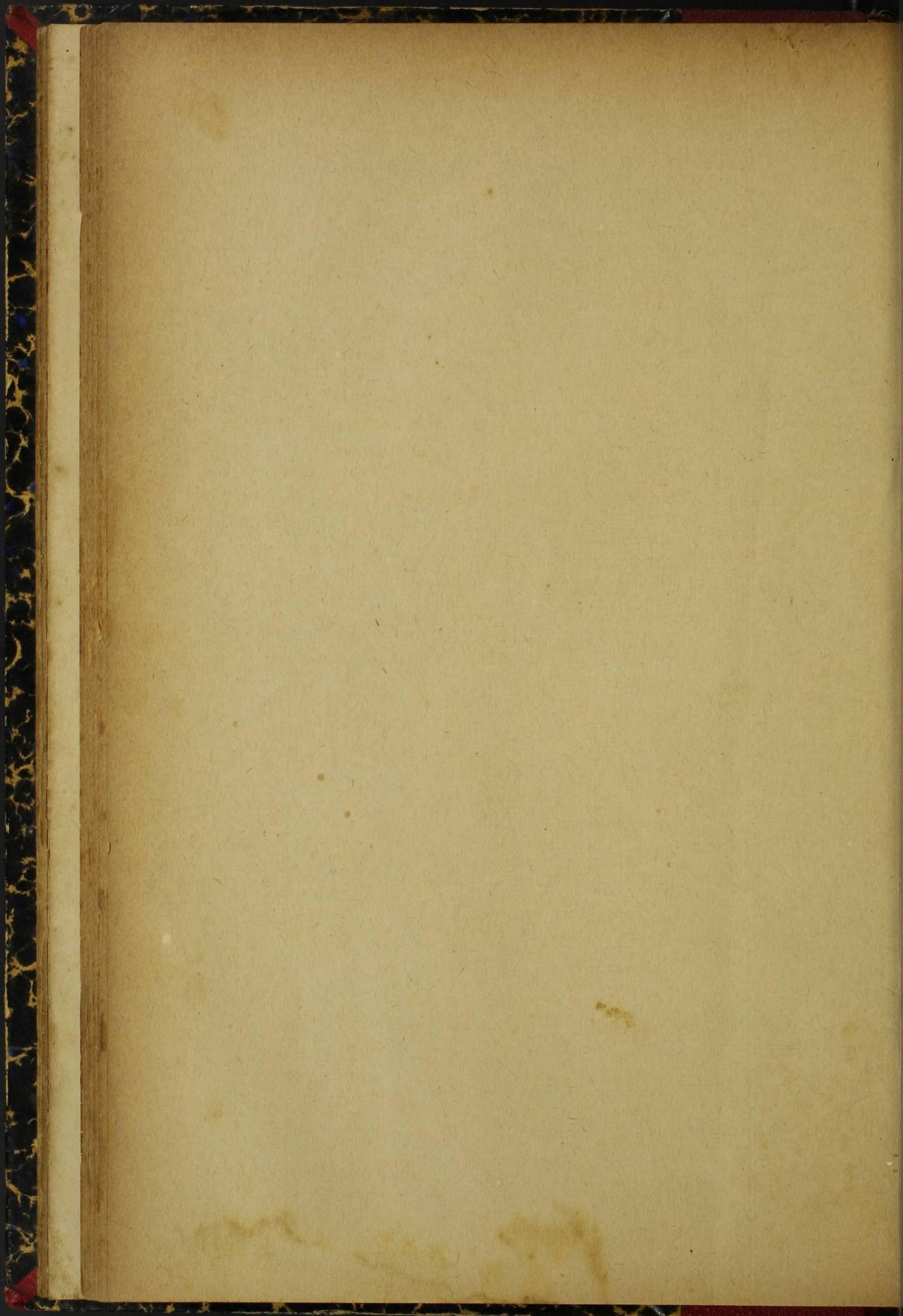
Que faz a poesia! sem ella, talvez Jorge, como tantos outros, tivesse passado despercebido aos olhos da viuva. Ao principio prestára-lhe attenção, achando-o bello, espirituoso, e, em seguida, sentiu nascer-lhe uma grande sympathia pelo elegante mancebo... ficou nisso.

Mas lembrem-se as leitoras do que diz Casimiro de Abreu: —sympathia é quasi amor— e julguem então o sentimento que nesta occasião se entranhava no coração da bella Antonietta.

Todos os sabbados costumava ella fazer uma pequena reunião em casa, e, lembrando-se disso, convidou o rapaz a tomar parte nellas. O moço prometteu não faltar.

Algumas horas depois, retirava-se a viuva para a casa, não alegre e vivaz como sempre pelo triumpho que alcançára, mas abatida e nervosa.

Emquanto o carro rodava rapidamente, ella, encostada ao fundo, immersa numa longa meditação, só percebeu que estava á porta de sua casa, pelo movimento brusco que fez o carro ao parar em frente á mesma.



## IV

No dia seguinte a viuva acordou triste e pensativa.

*Acordou* é um modo de fallar, pois não conseguira conciliar o somno durante o resto da noite. O rosto sympathico do joven poeta passava sem cessar diante de seus olhos. Passou o dia num mal-estar horrivel, sem comprehender o que desejava, aborrecendo-se de tudo e olhando com tristeza para todos os objectos que a cercavam.

Chegando a noite retirou-se para o quarto, prevenindo os criados de que estava incommodada, razão por que não receberia ninguem, e deitou-se logo.

Só muito tarde, prostrada pelo cansaço, é que as palpebras se lhe cerraram.

Então teve sonhos deliciosos!

Viu Jorge, o bello mancebo, que não lhe sahia do pensamento desde que o conhecêra, ajoelhado a seus pês confessando-lhe um amor ardente; e ella, em vez de repellil-o, como a tantos outros, olhava-o com ternura, embevecida... Assim passaram muitas horas, com os olhos fixos um no outro, inebriados de amor e ventura, quando repentinamente se fez um grande clarão, e appareceu, como por encanto, um anjo, sob a fórmula de uma encantadora menina; trazia uma tunica alva como a neve, os cabellos louros esparsos pelos hombros, aos quaes a claridade dava reflexos dourados. Esse anjo chegava-se a Jorge e, tomando-lhe a mão, dizia:

— Não é a esta mulher que deves amar, mas a mim, que sou boa e innocente!

E elle, o inconstante, o ingrato, já não olhava para ella, que se achava immovel de espanto vendo-o sorrir para o anjo e brincar com os seus cabellos dourados! E seguindo os dois com os olhos afflictos, os via desaparecer no espaço!

Sentiu então uma onda de sangue subir-lhe ao cerebro, e soltou um grito desesperado. Este grito fel-a acordar em sobresalto; ao abrir os olhos viu o seu quarto inundado pela claridade da manhã, e um raio de sol. entrando pela fresta da janella, que dormira entre-aberta, batia-lhe em cheio na fronte. Ergueu-se, ainda assustada, e murmurou:

— Que sonho, meu Deus!

Passou vagarosamente a mão pela testa. Sentia uma dôr violenta na cabeça, e, olhando para a janella aberta, disse sorrindo:

— Eis ahi a causa do meu sonho e desta dôr que tanto me incommoda! Mas como me esqueci de fechal-a?! é verdade que hontem estava tão distrahida...

Chamou a criada e perguntou-lhe que horas eram.

— Dez horas, Sinhasinha.

— Oh! como dormi! mas hontem quando consegui conciliar o somno deviam ser duas ou tres horas da manhã...

— Sinhasinha está incommodada?

— Sinto-me um pouco doente...

— Está mesmo tão pallida!

— Cansaço, talvez. Traz os jornaes, Esther.

A criada apressou-se em cumprir a ordem da sua ama, e, entregando-lhe os jornaes, afastou-se fechando a porta.

Durante este tempo, abria Antonietta rapidamente uma das folhas, e nella procurava, soffrega, os versos que, todos os dias, costumavam vir na primeira primeira pagina.

Lá estavam elles! Correu logo os olhos para a assignatura e leu: Jorge Amaral. Uma subita vermelhidão lhe subiu ás faces; tremeu como si estivesse praticando uma acção má... Que diriam os versos?

— Oh! exclamou, espantada, que é que se passa em mim? Porque o nome deste rapaz delicia-me os ouvidos?...

E depois de uma curta pausa:

— Entretanto o seu nome não me sahe do pensamento.. amal-o-ei? Qual! seria um amor bastante rapido, disse ella sorrindo, é uma simples curiosidade. Vejamos os versos:

## TEUS CABELLOS

---

Esse alto diadema espesso de cabellos  
Que cinge a tua fronte altiva e alabastrina,  
Quizéra desatal-o, e soltos os novellos  
Cahirem sobre a tua espadua de armelina.

Quizéra, qual um manto escuro, sempre vel-os  
Cobrindo a tua fórma esbelta e peregrina ;  
Sorver o seu perfume, e junto aos labios tel-os...  
Beijar febricitante essa onda quente e fina...

Terias a belleza ardente que deslumbra,  
Si assim te visse um dia envolta na penumbra  
Da basta cabelleira, esparsa, em confusão...

Consente... uma só vez! que á moda das bacchantes,  
Eu veja o teu cabello, em ondas palpitantes,  
Rolar sobre o vestido, até lamber o chão...

---

Já tinha acabado de lêr, mas os seus olhos ainda estavam fixos no mesmo lugar.

Uma tristeza a invadiu derepente, e soltando um suspiro, disse:

— Quem será a sua inspiração?...

Ficou um momento pensativa e depois bradou quasi com raiva :

— Mas que me importa? que tenho eu que esse moço ame alguém?

Deixando o jornal cahir no chão, ella, insensivelmente, ficou a meditar durante longo tempo, dizendo muito baixinho, numa voz lenta: «Amor! serás tão bello e tão terrivel como pintam?

. . . . .  
Como vêm os leitores, o coração de Antonietta já tinha transposto a curta distancia da sympathia ao amor. Já amava Jorge, mas o seu orgulho não a deixava convencer-se disso, tentando illudir-se a si propria.

Numa organização como a de Antonietta não era de admirar a espontaneidade desse sentimento. Tinham, emfim, penetrado em seu coração frio as flexas de Cupido, que, semelhantes a raios de sol, haviam derretido a grossa camada de gelo que o envolvia.

Não acontecera o mesmo a Jorge. Dormia e passeava socegradamente, sem que a imagem da formosa viuva fosse perturbar o seu somno e seus estudos. Nunca tinha amado: gostava de todas as mulheres bonitas, mas sem predilecção por nenhuma. Fazia-lhes a côrte, sempre dedicado e insinuante, porém, passado aquelle momento, nem mais se lembrava de tal, e o seu coração permanecia inalteravel a todas as seducções.

Por isso que, enquanto Antonietta esperava anciosa o sabbado, dia da reunião em sua casa, para vel-o e fallar-lhe, elle só nesse dia é que se lembrou do convite da viuva.

O dia almejado chegou emfim e Antonietta passou-o todo em frente ao espelho, compondo os cabellos ora de um modo, ora de outro, procurando um que a tornasse mais bella, experimentando todos os vestidos que enchiam os seus guarda-roupas; e assim levou até á noite sem escolher nenhum.

— Não tenho um vestido que preste! murmurou zangada. Chamou Esther.

— Qual é dos meus vestidos o que me fica melhor?

— Eu acho Sinhasinha muito mais bonita com o vestido de velludo preto...

Dicidiu-se, emfim, pelo vestido de velludo. De facto, este vestido tornava-a extraordinariamente bella. A côr negra fazia realçar a sua tez moreno-pallida, e casava-se bem com os graciosos caracões dos seus magnificos cabellos, que lhe cobriam a nuca.

Levemente decotado, esse vestido deixava entrever o pescoço e collo de uma perfeição admiravel.

Depois de prompta chegou-se ao espelho e, contemplando a sua imagem durante alguns segundos, sorriu satisfeita e orgulhosa.

\* \* \*

Dez horas já haviam batido e Jorge ainda não apparecera.

Antonietta mal disfarçava a sua inquietação; viam-n'a pela primeira vez triste e preocupada. Sempre agradavel para com seus convidados, neste dia mal se sentava um instante ao pé

delles, sempre com a vista fixa na porta de entrada, sem prestar a minima attenção ás perguntas que lhe dirigiam. Era até incivil.

De repente os seus olhos brilharam de jubilo, e um sorriso entreabriu os seus labios de coral: acabava de avistar o vulto elegante daquelle por quem esperava com tanta impaciencia. Levantou-se logo para recebê-lo.

— Oh! pensei que não viesse mais, Doutor, pois já é tão tarde...

— Peço-lhe mil desculpas, minha senhora, porém não me foi possível vir mais cedo... Tinha me comprometido a entregar amanhã sem falta um livro de pontos, e precisava acabar de copial-o.

— Pois desculpo-o por esta vez, disse ella sorrindo, porém outra, não.

Agora Antonietta tinha tomado outro aspecto: ria-se, brincava com todos, tomando a capa de alguma senhora que queria retirar-se, o chapéu de algum rapaz, teimando para que não partisse, duplicando as suas amabilidades para que a *soirée* se prolongasse até o romper do dia.

Como fazia muito calor, combinaram que, depois do chá, dariam um passeio pelo jardim. Cada cavalheiro dava o braço a uma dama, e Antonietta, tomando o braço de Jorge, dirigiu-se para o fundo do jardim, onde havia um sombrio caramanchel. Sentaram-se ambos num banco de pedra collocado bem junto á folhagem.

A noite estava soberba e o luar branqueava ainda mais o busto esculptural de Antonietta, que estava divina, arrebatadora, com o seu vestido preto aberto ao collo, realçando assim a palidez da sua tez, e com os olhos, esses olhos sem rivaes, profundos como um abysmo, a brilharem como estrellas!

Jorge contemplava-a cheio de admiração e como que numa doce embriaguez.

— Que poetico lugar! disse elle depois de alguns momentos.

— Um bom retiro para os poetas, respondeu a viuva.

— E' verdade, D. Antonietta! quão bellas inspirações não se teria aqui!

— Mas a falta de um retiro assim não o impede de fazer bellas poesias, como a que publicou ha poucos dias...

— Oh! minha senhora! admiro-me até da minha audacia em tel-a publicado.

— Pois eu a apreciei muito, e apreciaria mais ainda saber de quem são os magnificos cabellos que o Snr. descreve com tanta paixão...

— Mas é uma grande curiosidade da sua parte! exclamou o moço, rindo-se.

— Que quer? sou mulher... e herdei este defeito de nossa mãe commum — Eva...

— Pois bem, disse o mancebo de repente, depois de ter contemplado Antonietta, um dia, talvez brevemente, a senhora saberá o nome daquella que me inspirou...

— Pois não o deixarei enquanto não cumprir a sua promessa, fique certo!

Pouco depois voltaram para o salão.

A noite passou rapida como um sonho para Antonietta, que desejaria prolongal-a eternamente, si possivel fosse. Mas ás quatro horas da manhã, apesar de todas as suas amabilidades, o salão já estava completamente vasio.

\* \* \*

Emquanto a viuva, recostada em um grande *fauteuil*, se recordava dos factos mais pueris que se haviam dado naquella noite, das palavras de Jorge, que ainda soavam tão docemente aos seus ouvidos, fazendo-a sorrir intimamente; enquanto ella se distrahia de tudo o que a cercava para só pensar no rapaz, este caminhava apressado para a casa.

Ia tambem preocupado com algum pensamento alegre, porque sorria de vez em quando. Desde o baile em casa do Barão, havia notado o interesse que lhe mostrára a viuva Barros, ella, a quem todos chamavam «a desdenhosa!» Mas agora, adquirira quasi a certeza de que ella o amava; e essa supposição fazia-o sorrir, não porque elle a amassa já, mas porque é sempre

agradavel o ser-se amado por uma mulher formosa. Além disso a preferencia que lhe dava a viuva, que tinha a seus pés tantos adoradores, era uma verdadeira victoria para o seu amor proprio.

— Não ha duvida que a bella Antonietta parece amar-me, disse Jorge entrando em casa, mas talvez seja para enganar-me, como tem feito a muitos homens... dizem que é seu gosto particular! Preciso pôr-me em guarda...

E ficou nisso. Teve um somno tranquillo, como sempre, e assim passaram-se os dias.

\*  
\* \*  
\*

A convite da viuva, começou Jorge a frequentar assiduamente a sua casa.

A moça esperava, todos os dias, que o rapaz lhe fizesse uma declaração amorosa, mas, ou fosse por timidez, ou porque não a amasse ainda bastante, elle se calava, só fallando sobre outros assumptos.

Essa timidez, que a moça julgava excessiva, principiou a desesperal-a. Já tinha, por mais de uma vez, provocado uma explicação, mas Jorge fingia nada comprehender.

Finalmente não sabia que pensar. Teria elle medo de uma recusa ou não a amava, estando ella, portanto, enganada?

Affligiu-se com essa idéa, e resolveu provocal-o abertamente na primeira reunião.

Porém Jorge não compareceu nessa noite em casa da viuva, apesar de ter recebido um bilhete della pedindo-lhe que não faltasse. Tinha, nessa noite, prometido ir á casa de um amigo que fazia annos.

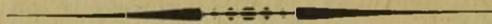
Desta vez, a reunião durou só até a meia noite, pois Antonietta adoecêra. Queixára-se de uma violenta dôr de cabeça e tonturas. Dizia ella ser enxaqueca, cousa de que padecia frequentemente, e pediu licença aos convidados para deitar-se, despedindo-os por esse modo.

Retirou-se para o quarto com os olhos cheios de lagrimas de despeito, e, chamando Esther para junto de si, desabafou as suas maguas.

Pois Jorge ousava tratá-la com indiferença, ella, de quem todos, prostrados aos pés, mendigavam um só olhar e um sorriso para compensar sua adoração!

E tinha patenteado bem o seu interesse por elle, que, em vez de recebê-lo de joelhos, fingia não comprehender, mostrando-se indifferente e soberbo! Oh! era demais! Agora era um capricho da parte della: esse homem orgulhoso e pedante havia de amá-la mais que os outros, para ella repellir-o mais tarde, sem compaixão, cruelmente!

Pobre doida! mal sabes que és como a mariposa: brincas tão imprudentemente com o fogo, e quem sabe se não sahirás queimada?



## V

Entretanto Jorge cessára repentinamente suas visitas á viuva Barros.

Ha muitos dias que não apparecia em sua casa, nem nos sabbados á reunião.

Antonietta, desesperada, tinha vontade de commetter mil loucuras.

Via, as vezes, o moço, de longe, n'algum passeio, porém a distancia não permittia fallar-lhe.

Passados muitos dias, recebia Jorge um bilhete da viuva, pedindo-lhe com insistencia que não faltasse á proxima reunião.

O moço leu-o e murmurou sorrindo :

— Bem diz o proverbio «quem menos apparece, mais é desejado». Si eu me tivesse mostrado logo muito apaixonado, ella ter-me-ia, sem duvida, desprezado ; porém, como lhe fujo, indifferente aos seus encantos, tornei-me desejado. Este é o melhor meio de um homem tornar-se amado... Mas que farei agora? fiquei de comparecer hoje em casa do Conselheiro e não me é possivel faltar, pois preciso de sua protecção. Amanhã irei visitar á bella Antonietta e lhe pedirei desculpas por não ter ido á sua reunião.

Por isso, debalde a viuva esperou Jorge nessa noite.

Esta indifferença do rapaz, só servira para atear a chamma do amor que abrasava o coração de Antonietta.

Era impossivel um viver assim ! Enlouqueceria si não declarasse a Jorge a paixão que a abrasava, que a consumia ! Amava-o mais que a vida, já não podia passar sem elle. Tinha quasi a certeza que o moço a amava tambem, mas era tão tímido ! Comprehendia que essa indifferença que Jorge affectava, evitando a presença della, era receio de apaixonar-se demasiado.

Era necessario, portanto, que lhe declarasse seus sentimentos, para acabar com essa incerteza que a acabrunhava.

Passou a noite n'uma agitação horrivel. Levantou-se logo ao amanhecer, muito pallida, mas resoluta no que tinha projectado fazer. Enviou um cartão a Jorge, dizendo que o esperava naquelle dia, ás duas horas da tarde, pois precisava fallar-lhe sobre negocio importante.

Ordenára aos criados que dissessem a todos que ella havia sahido, pois esperava o Dr. Jorge, com quem tinha um negocio a tratar.

E assim se fez.

Ás duas horas em ponto entrava Jorge no palacete, e era introduzido por Esther n'uma sala ao lado do aposento da viuva.

Estava admirando os bellos quadros que ornavam a parede, quando appareceu Antonietta vestida de branco, com as mangas rendadas muito curtas, deixando os braços quasi nús; os negros cabellos, presos n'uma trança, cahiam-lhe sobre as espaldas, sem uma fita, sem um unico enfeite. Notava-se, entretanto, que essa simplicidade de trajo e de penteado era proposital, para mais realçar os seus encantos.

— Mandou chamar-me, D. Antonietta, e aqui estou ás suas ordens, disse o moço cumprimentando-a.

A joven indicou-lhe uma cadeira e sentou-se perto.

— Então, doutor, porque não tem vindo ás minhas reuniões?

— Não foi por falta de vontade, creia...

— Ora! disse ella com um gesto de amúo, a primeira vez o senhor veiu tão tarde, que ninguem mais o esperava; frequentou alguns tempos minha casa, e derepente desaparece, sem ao menos desculpar-se enviando-me um bilhete. Ainda hontem escrevi insistindo para que viesse, e era justo que eu esperasse mais attenção de sua parte.

Jorge estava embaraçado. Essa censura parecia-lhe justissima; tinha sido indelicado para com Antonietta.

Esta, notando o seu embaraço, accrescentou logo, sorrindo:

— Mas não mandei chamal-o para censurar as suas acções...

— E' verdade, trata-se de um negocio importante e julgar-me-ei feliz si lhe puder ser util em alguma cousa...

— Negocio importante! exclamou a moça rindo-se. E' verdade que mandei dizer isso, mas si é preciso mentir para ter o prazer de vel-o nesta casa!

— Ah! então não é verdade o tal negocio? perguntou Jorge ingenuamente.

— Não! deu-me vontade de recordar-lhe hoje uma sua promessa... lembra-se? foi pela primeira vez que o senhor veio aqui...

— Não me recordo, disse elle fingindo.

— Prometteu dizer-me quem foi a inspiradora d'aquelles seus versos...

— Oh! minha senhora! é impossivel... não posso dizel-o...

— Bem, não fallemos mais sobre isto, disse Antonietta já desesperada pela resistencia do rapaz.

Não havia meio de obrigar-o a fallar em seu amor. Não acreditava nessa timidez tão excessiva. Não a amava, talvez... mas o seu olhar, quando a fitava, tinha o brilho de uma paixão exaltada! que pensar? Não podia mais provocar uma confissão: seria esquecer de toda a sua dignidade de mulher.

O moço meditou algum tempo. Conhecendo qual o fim que a viuva queria chegar, um sorriso zombeteiro roçou-lhe pelos labios.

— Entretanto, disse elle hesitando, antes de receber o seu cartão, tencionava vir... para fallar-lhe sobre isto mesmo... porém não me sinto com animo...

— Então...? murmurou ella cheia de esperanza.

— Promette não offender-se? disse elle em voz baixa, e chegando-se bem junto della.

— Não tenho razão para offender-me...

— Pois bem, a senhora conhece-a muito...

A moça esperou, tremula e palpitante, que Jorge continuasse. Como, porém, elle ficasse silencioso, ella balbuciou:

— E... como se chama?

Antonietta já sabia qual seria a resposta, porém deseja ter o prazer de ouvil-a dos labios do rapaz.

Jorge vacillou ainda um instante.

Tinha remorsos, pensando no que poderia acontecer depois da sua confissão; mas Antonietta estava tão bella e commovida!

— Seja, pensou elle, quem me obriga é ella...

E voltando-se para a moça, que tomava o seu silencio por timidez, murmurou-lhe quasi ao ouvido:

— O seu nome... o nome da mulher que adoro é... Antonietta Barros!

— Ah! então porque fugiu tanto tempo?

— Temia uma recusa e não me animava...

E dizendo isto, segurou-lhe as mãos e puchou-a para si, e ella, sem resistir, enlevada, encostou a fronte em seus hombros. Exhalava de seus cabellos um perfume delicioso, tinha a bocca vermelha entreaberta, os olhos languidos fitavam o rapaz com tanta ternura, que elle não pôde mais resistir, e, apertando-a delirante nos braços, pousou-lhe um beijo ardente nos labios.

Ella ergueu-se pallida, mas sentou-se outra vez; duas lagrimas rolaram pelas suas faces, e murmurou commovida:

— Oh! como o amor é sublime! Amo-te, Jorge, amo-te com loucura!

Enlaçava, com os braços, o pescoço de Jorge... e elle perdeu completamense a razão, esqueceu seus remorsos, ao contemplar esta mulher tão formosa e apaixonada!

Antonietta não se lembrava mais dos conselhos de sua mãe!

\*  
\* \*

O amor da bella Antonietta crescia de dia para dia. Elle era a sua vida, a sua unica felicidade. Para conserval-o teria commettido as maiores loucuras.

Passado, porém, algum tempo, Jorge conheceu que não era amor que tinha sentido pela viuva. Tinha-a desejado, pela sua extrema formosusa, mas tivera occasiões de observar que a belleza do seu rosto não correspondia á da alma, e que essa joven tão seductora era falta de sentimentos nobres e generosos. Re-

velava em todos os seus gestos e palavras um grande orgulho, e a compaixão, a benevolencia, a caridade, eram sentimentos desconhecidos por ella.

Isto fôra, pouco a pouco, aborrecendo o rapaz, que sentia, devéras, este contraste entre o physico e o moral.

Todas as vezes que se encontravam, fallava-lhe a moça em se casarem brevemente, porém Jorge evitava sempre uma séria explicação a este respeito, cortando a questão deste modo:

— Que necessidade ha de casarmos já? eu jurei não casar-me senão depois de formado. Falta pouco tempo, esperemos...

E ella esperava, anciosa, a epocha marcada, emquanto o rapaz, fingindo tambem desejar logo o fim do anno, estava resolyido a não desposal-a, si não a amasse verdadeiramente.

Continuava com suas visitas, sem grande enthusiasmo, é verdade; mas, em todo caso, julgava elle que ser amado por uma mulher, como Antonietta, embora não a amasse, não era uma cousa desprezível.

Quantos millionarios e titulares não depositaram a seus pés os milhões e titulos, supplicando que ella os acceitasse?

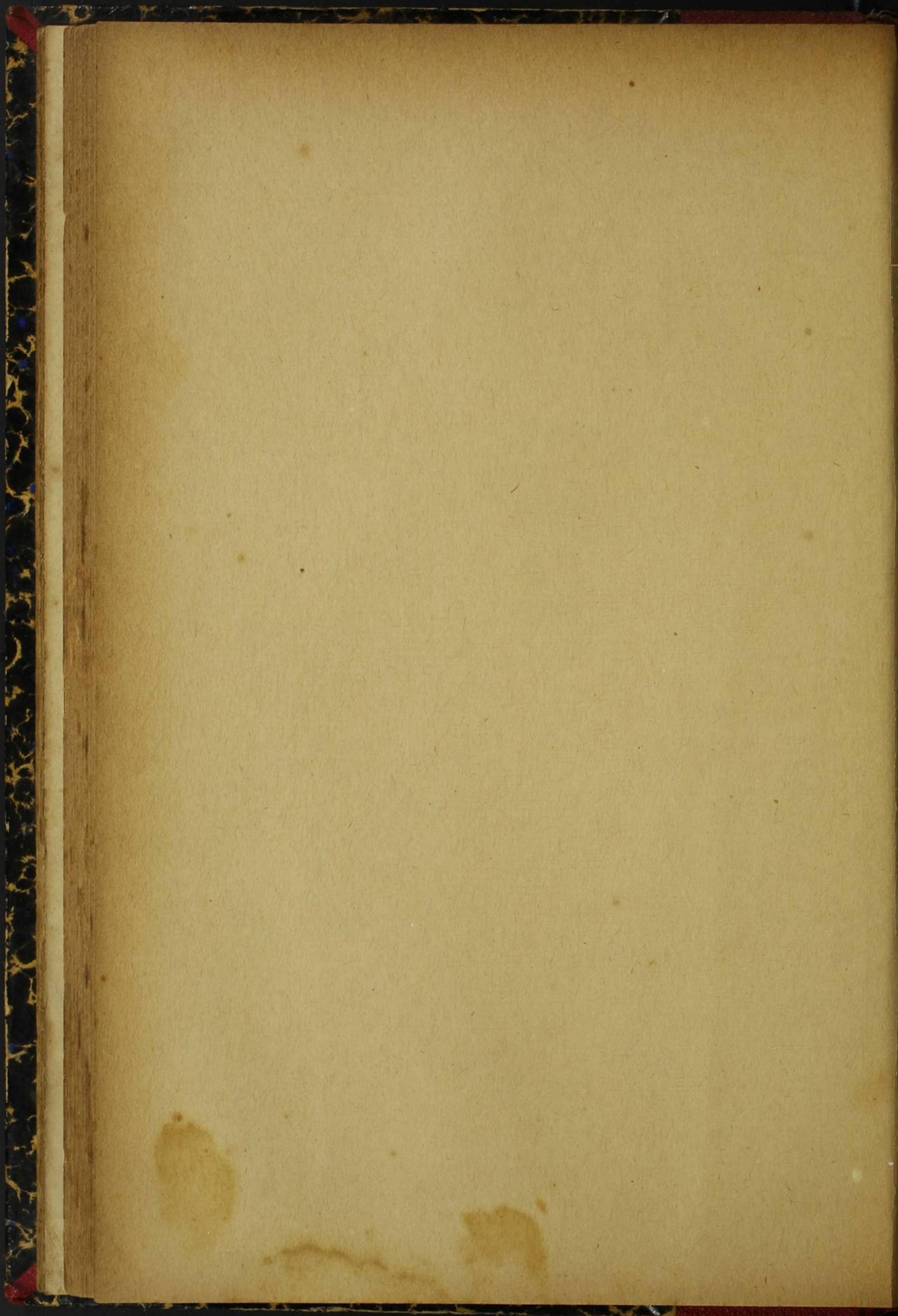
Isto bem sabia Jorge, e, ás vezes, a vaidade aconselhava-o a que unisse para sempre o seu destino ao da viuva, a essa mulher requestrada por tantos homens que se achavam em melhor posição do que elle.

Mas logo repellia este pensamento com desdem:

— Não! nunca me casarei sem o amor, que é o laço indissolúvel dos casamentos. Faria até a sua infelicidade.

Antonietta é bella, rica e ama-me, mas, não sei porque, não me agrada para esposa. Mystérios da natureza! Emfim, póde ser que venha a amal-a, e então juro casar-me.

---



## VI

Alguns mezes depois destas scenas, abria-se um grande sobrado em frente ao que residia a viuva Barsos.

Ha mais de quatro annos que estava fechado, porque o proprietario, o Commendador Ramalho, viajava pela Europa.

Só aos domingos um criado abria as janellas, espanava os moveis, e, tres ou quatro horas depois tornava a fechal-as.

Neste dia, porém, observava-se alli um movimento desusado.

Dois ou tres criados subiam as escadas levando embrulhos, caixotes, n'uma azafama continua.

Esperavam o dono da casa, que chegaria com a familia no dia seguinte, de volta da Europa.

O doutor Barros muitas vezes fallára á esposa sobre o Commendador, seu visinho. Eram muito amigos, tanto que jogavam todas as noites, ora em casa de um, ora de outro.

Quando o Commendador partira para a Europa, em busca de um remedio que curasse sua esposa, já desenganada pelos medicos do lugar, o magistrado nem pensava ainda em casar-se. Só quatro ou cinco mezes mais tarde é que elle enviou ao Commendador a participação do seu casamento, dizendo que estavam satisfeitos os desejos de seu amigo, que desejava muito vel-o casado.

Mas o bom homem não ficou muito contente ao saber que a esposa de seu amigo tinha a terça parte da sua idade, e escrevera sobre isto, francamente, ao velho magistrado.

O doutor Barros socegára-o, dizendo-lhe que Antonietta, apesar de muito joven, era modesta e ajuizada, estando certo de que ella nunca lhe daria um unico desgosto.

— Deus queira! murmurára o Commendador ao ler a carta de seu amigo, Deus queira! mas eu duvido muito que haja

felicidade entre uma moça de dezoito annos, que só pensa em divertir-se, e um homem idoso, que mais deseja estar em seus commodos; emfim, veremos.

Algum tempo depois, enviava o Commendador a seu amigo a triste noticia do fallecimento de sua esposa.

Foram baldados todos os recursos.

Muito desgostoso, não quiz o triste viuvo voltar logo para o Brazil, e ficou ainda alguns annos viajando com sua filha, uma adoravel menina, que o consolára da morte da esposa.

Durante tres annos não recebeu mais cartas do magistrado e suppôz, por isso, que elle andasse em viagem, ou que o tivesse esquecido por causa da nova vida.

Logo que chegou, perguntou aos criados quem morava na casa fronteira.

— E' a viuva Barros, disse um delles.

O velho levantou-se de um salto, exclamando.

— Viuva Barros! como se chama ella?

— Não sei, senhor, mas é uma viuva muito mocinha e bonita.

Neste momento entrava um criado que era o unico antigo da casa e, ouvindo a pergunta do Commendador, disse:

— Quem mora alli é a viuva do doutor Barros, amigo de V. S.

— Oh! exclamou o velho com voz triste, morreu o Barros! pobre amigo! ha quanto tempo, não sabes?

— Ha mais de um anno.

— E a viuva tem estado sempre ahi?

— Sim senhor.

\* \* \*

No dia seguinte, o Commendador foi cumprimentar a viuva de seu amigo, a quem desejava muito conhecer.

Fallaram muito do magistrado, exaltando a sua bondade e honradez, as suas numerosas virtudes.

Finalmente, convidou Antonietta para ir no dia seguinte á sua casa conhecer sua filha Cecilia, a qual não tinha podido acompanhá-lo por estar muito cansada da viagem.

A viuva prometteu e, de facto, no outro dia fazia-se anunciar em casa do seu novo visinho.

O velho recebeu-a alegremente e deu ordem a uma criada que fosse avisar sua filha.

Depois, virando-se para Antonietta, disse :

Ha de gostar de minha filha, D. Antonietta; é muito modesta e de uma extrema bondade.

— Já deve estar moça, pois meu marido me fallava que, quando d'aqui partiram, já era uma menina bem desenvolvida...

— Tem dezoito annos, e podia estar mais desenvolvida, porém é tão fraca...

Neste instante abriu-se uma das portas da sala, apparecendo uma encantadora joven vestida de branco, com uma fita azul presa á cintura delgada e franzina.

Era Cecilia.

Caminhou com um sorriso nos labios para a viuva, que a contemplava com admiração.

— Minha senhora, disse Cecilia depois de cumprimentar Antonietta e sentar-se a seu lado; o seu marido foi amigo de meu pae, e eu, em pequena, gostava muito de brincar com elle e subir aos seus joelhos. Amava-o quasi como a um pae. Sinto já que hei de estimal-a muito, porque sei que o meu bom amigo escolheria para esposa um thesouro de bondade como o é de belleza.

Antonietta nada dizia: olhava-a com uma curiosidade misturada de espanto. Parecia-lhe que não era a primeira vez que via Cecilia, que já a conhecia, e muito. Essa voz harmoniosa, essa figura sympathica despertava-lhe uma recordação...

Onde tinha visto um rosto semelhante? ella mesma não podia ser, pois partira muito pequena para a Europa... era curioso!

— Ah! murmurou ella, agora me recordo... é o anjo do meu sonho, aquelle sonho que tanto me sobresaltou, na noite seguinte á do baile em casa do Barão... a mesma alvura das faces, os mesmos olhos azues e doces, a mesma cabelleira crespa e dourada... até a voz! oh! que significa isto?

Dominando, porém, a sua impressão, conversou muito tempo com Cecilia, indagando de suas viagens, de seus gostos favoritos, etc.

Quando ia sahir, lembrou-se de que estava n'um sabbado e convidou o Commendador e Cecilia para comparecerem á sua reunião. O velho quiz desculpar-se, mas Antonietta, não querendo ouvir cousa alguma, acabou por fazel-o comprometter-se que iria com sua filha.

A viuva retirou-se, meditando na semelhança entre o anjo do seu sonho e a filha do Commendador.

— Ora! exclamou rindo-se, que superstição tola! Os anjos sempre se nos apresentam alvos, de cabellos louros, e eis porque o sonhei assim, e coincidiu com as feições de Cecilia, nada mais! As mulheres quando estão apaixonadas, são até ridiculas!

\*  
\* \*

A' noite, os convidados da viuva Barros esperavam impacientes a chegada do Commendador Ramalho e sua filha. Quasi todos os conheciam, e por isso tinham a curiosidade natural de ver Cecilia, que, ainda menina, houvera deixado a capital para ir á Europa. Diziam uns, que ella devia estar muito formosa, pois em criança promettia ser de uma belleza rara; outros, que, com certeza ella se apresentaria n'um luxo espantoso, acostumada á vida da grande cidade, ao centro do fausto e da moda — Paris.

E assim continuaram na palestra, até que a curiosidade geral foi satisfeita pela entrada de Cecilia pelo braço de Antonietta, que fôra recebê-la á porta.

Os curiosos tinham razão quando affirmaram que Cecilia devia estar bella; mas quanto ao «luxo espantoso» enganaram-se.

Trajava um vestido de cachemira branca, muito simples, sem joias, nem enfeites.

Todos os olhares dirigiram-se para o grupo encantador formado por Antonietta e Cecilia. Uma, morena, altiva, e vestida de preto; a outra, loura, branca como o lyrio, e trajando de branco.

As duas muito bellas, mas que bellezas tão diversas!

Um bom conhecedor da formosura feminina hesitaria na escolha: tão formosa era uma com os seus olhos negros e ardentes, como a outra com os seus olhos azues, scismadores.

Quem mais notou o que acabamos de referir foi Jorge que, encostado a uma sacada, olhava fixamente para as duas jovens.

Curioso por ver aquella moça desconhecida, approximára-se mais e seus olhos fixaram-se com enlevo nos de Cecilia, naquelle pedaço de puro firmamento, naquelles cabellos que despretenciosamente cahiam em cachos dourados sobre os hombros.

— Oh! murmurou elle, como é formosa!

E, desejoso de dirigir-lhe a palavra, de vel-a bem de perto, dirigiu-se para uma cadeira desoccupada, junto á uma senhora de seu conhecimento que conversava com Cecilia.

A senhora, vendo-o, exclamou logo:

— Olha, Cecilia, o poeta de que te fallei hontem. Doutor, quero apresentar-lhe Cecilia, filha do Commendador Ramalho, meu parente.

— Parece-me que D. Cecilia já me conhecia de nome, graças á sua bondade?

— Pois hontem Cecilia, apresentando-me o jornal, perguntou-me:

— Conhece esse Jorge Amaral?

— Sim, disse-lhe eu, é um bello moço, elegante, delicado, e um distincto poeta, como vês.

— E' verdade, senhor, disse Cecilia com uma graça infantil que encantou o rapaz; vejo que minha prima nada exaggerou do que me disse.

Travou-se, então, entre os dous, uma conversação animada, em que Cecilia contava as suas viagens e impressões sobre o estrangeiro.

Jorge olhava-a extasiado.

Aquella voz infantil penetrava em sua alma; sentia-se commovido... Olhava-a com respeito, sem que uma idéa criminosa lhe passasse pelo cerebro. Figurava estar na presença de um anjo puro, immaculado, e que até o seu olhar, acostumado a contemplar outras mulheres, mancharia aquellas faces mimosas.

Esquecia a bella viuva, sua amante... esquecia tudo para contemplar a graciosa moça, bella e sem affectação, cheia de uma simplicidade que o encantava.

Antonietta, alegre como sempre, veio separal-os.

— Então, disse ella, pretende ficar toda a noite conversando, Cecilia? Vamos dansar!

E fel-a acceitar o braço de um cavalheiro, enquanto ella tomava o de Jorge e arrastava-o para formar a primeira quadrilha.

O moço acompanhou-a com um suspiro e seus olhos seguiam Cecilia, que se afastava para o outro lado com o seu par.

O resto dessa noite Jorge não pode dormir um só instante. Deitado de costas sobre o leito, fumava um charuto após outro, possuido de uma meditação profunda.

Em que pensava elle?

Em Antonietta, sua formosa amante? Em Cecilia, a ingenua menina que elle admirára tanto?

Sim! essas duas imagens não lhe saham de ante os olhos.

Antonietta, com a sua côr morena, ardente, apaixonada, exigente. Cecilia, branca como o lyrio, suave e angelica!

Que differença entre essas visões tão bellas!

Uma tinha nos labios vermelhos a lubricidade; a outra um eterno sorriso de innocencia.

Uma era o amor insensato, a paixão momentanea; a outra a amizade terna, resignada, capaz de todos os sacrificios e abnegações.

Antonietta tomava, pouco a pouco, em sua imaginação, as fórmias de um demonio, terrivel, com os olhos ameaçadores, a bocca rubra, espumante; e elle tinha medo dessa visão ao mesmo tempo bella e horrivel!

Afastava-a com um gesto, e em seu lugar surgia o perfil angelico e vaporoso de Cecilia; então sorria extasiado... esquecendo o tempo que passava.

— Oh! disse derepente, como seria sublime o amor dessa menina!...

Ah! si ella me amasse...

E soltou um suspiro.

## VII

D'ahi a dois dias era a occasião da visita de Jorge a Antonietta.

Pensava em não ir. Sentia um aborrecimento profundo; não tinha vontade de sahir á rua e muito menos para ir á casa da amante, que começava a aborrecel-o com tantas exigencias.

— Não quer que eu dê um só passo fóra de casa sem avisal-a antes, para que ella vá tambem; não posso ir á parte alguma sem que tenha de encontral-a! Oh! isto é ridiculo!

Finalmente decidiu-se a ir, mas com a resolução de retirar-se logo, sob qualquer pretexto.

Caminhava immerso n'uma grande meditação, murmurando ás vezes :

— Sou o primeiro a reconhecer que Antonietta é lindissima... de uma belleza daslumbrante mesmo; e, entretanto, começo a aborrecer-me em sua companhia... porque será? ha poucos dias ainda eu a amava tanto! já sentia que ella seria indispensavel á minha felicidade, e resolvido, portanto, a casar-me, porém agora...

A imagem de Cécilia passou rapida diante de seus olhos; e o moço accrescentou enfadado :

— Não pensemos agora em casamento! veremos... mais tarde...

E nesse estado de espirito chegára á casa da viuva, muito triste e aborrecido.

Passou-se uma hora, e Antonietta, que já havia notado o máu humor do rapaz, interrogou-o sobre a causa d'isso.

— Sinto uma dôr de cabeça horrivel, disse elle, por isso peço-te licença para retirar-me, sim?

— Pois vae, disse ella mostrando acreditar na desculpa de Jorge.

— Adeus, Antonietta.

E, beijando-lhe a mão, retirou-se com passos rapidos.

Antonietta ficára mergulhada n'uma grande tristeza; a frieza de Jorge, enchia-lhe de amargura. Que seria?

Si até a ultima vez que estiveram juntos elle estava tão apaixonado?

Ah! como ella esperava impaciente o proximo dia em que o moço costumava fazer a sua visita! Nesse dia havia de saber a verdade.

Entretanto, elle passou-se, sem que Jorge dêsse noticias de si.

Esperou que, no dia seguinte, elle fosse desculpar-se de ter faltado á visita, mas qual! Jorge não apparecia!

— Esperemos até amanhã, que é dia delle vir, murmurava Antonietta com voz desalentada.

Mas, ainda n'esse dia, de balde a viuva esperára o amante infiel.

No dia seguinte, muito cedo, mandou um criado procurar Jorge, porém a casa do moço estava fechada. Mandou mais tarde, a mesma cousa.

— Oh! mas é impossivel que elle me fuja assim! exclamava a moça no auge da colera e da afflicção; oh! não posso crêr! é impossivel!

E andava, agitada, pelo quarto, n'um estado de horrivel desespero.

Derepente parou. Uma idéa atravessára o seu espirito.

Sahiu do quarto e dirigindo-se ao criado, disse:

— Talvez o doutor Jorge esteja doente e fosse para a casa de algum amigo. E' bom que vás saber em casa do doutor Alencar.

— A senhora engana-se, D. Antonietta; eu vi o doutor hontem á noite, quando fui á confeitaria. Estava com dois rapazes na porta do Café Java.

Antonietta retirou-se para o quarto, temendo que o criado notasse a sua perturbação.

Não comprehendia o procedimento de Jorge. Si elle estava bom, porque não tinha ido ás entrevistas costumadas, sabendo que ella o esperava? Porque fechára a casa sem prevenil-a?

— Veremos amanhã... Virá elle á minha *soirée*? oh! eu quero saber a verdade e amanhã hei de descobri-la.

E esperára, febril e impaciente, o dia immediato.

N'este dia, ás duas horas da tarde, mais ou menos, Antonietta já tratava da sua *toilette* para a noite, quando entrou Esther dizendo:

— Sinhasinha, o doutor Jorge está em casa do Commendador...

— Em casa do Commendador?! perguntou a viuva espantada.

— Entrou neste instante com o doutor Alencar.

— Pois bem; vae á casa do Commendador e diz ao doutor Jorge que, quando de lá sahir, faça o obsequio de chegar um momento até aqui, que preciso fallar-lhe.

A criada sahiu, e pouco depois voltára dizendo á viuva que Jorge lhe pedia mil desculpas por não poder attender ao seu pedido, pois o doutor Alencar se retirava logo, e elle precisava acompanhal-o para obter uns esclarecimentos importantes; mas que á noite iria fallar-lhe.

— Bem, disse Antonietta, mordendo os labios de colera.

Não havia duvida que Jorge a evitava... mas porque? Não a amaria mais? Desde a ultima rennião ella notava uma sensivel mudança em seu procedimento; tratava-a com frieza e evitava vel-a; finalmente a pouco delicada recusa de vir fallar-lhe. Mas que iria elle fazer em casa do Commendador? Ha oito dias apenas que o tinha visto pela primeira vez!

Repentinamente empallideceu, murmurando com voz entrecortada:

— Meu Deus! seria um aviso aquelle sonho terrivel?

E agora apresentava-lhe a imaginação todos os pequenos factos da ultima reunião; o modo por que Jorge se havia aproximado de Cecilia; o tempo que conversaram juntos; a distracção do rapaz quando dansava com ella, Antonietta; a per-

sistencia com que elle seguia Cecilia com o olhar; emfim, essas nadas insignificantes tomavam agora a seus olhos proporções assustadoras. E ella se admirava de não ter no mesmo dia notado todas essas minudencias.

— Hei de vigial-os hoje,— mas sem que elles desconfiem... Cuidado, Cecilia!

E os seus olhos brilharam com um extranho fulgôr...

. . . . .  
Com effeito, nesta noite ella se mostrou mais amavel do que nunca, tanto para Jorge, como para Cecilia.

Notára logo que o moço fugia de estar só com ella, sempre agarrado a algum amigo, como para servir de obstaculo a uma explicação.

Mal a avistava dirigindo-se para o seu lado, fugia para outra sala, mostrando não perceber os olhares terriveis que o acompanhavam, nem os gestos imperiosos com que a amante lhe ordenava que chegasse para junto de si.

Jorge, cada vez mais enlevado pela formosa e meiga Cecilia, estava frequentemente ao seu lado, sem se lembrar que Antonietta podia notar alguma cousa. Não que elle receiasse um rompimento com a amante, mas temia um escandalo, sabendo que Antonietta seria terrivel n'um accesso de ciume.

No ponto de exaltação a que chegára sua paixão pela adoravel Cecilia, esquecia que uma mulher tão bella como o objecto de sua adoração, ou mais formosa talvez, o amava com delirio e já lhe tinha pertencido!

Não se lembrava que essa infeliz tinha calcado aos pés todos os preconceitos da sociedade por causa d'elle, dando-lhe assim uma prova irrefutavel d'um amor sincero e ardente! Esquecia tudo isso, desejando mesmo um rompimento, comtanto que não houvesse escandalo!

Agora é que via que nunca a tinha amado: deixára-se sómente arrastar pela belleza e amor dessa mulher ardente.

Estaria, por isso, escravo?

. . . . .

Lá para o meio da noite, sahindo o moço de uma saleta de fumar, encontrou derepente a viuva. Havia alguns minutos que ella o esperava a um lado da porta.

Vendo que era impossivel uma escapula, o pobre rapaz resignára-se.

Antonietta, tomando-lhe o braço, arrastou-o para outra sala e perguntou-lhe com ironia :

— Porque evitas fallar-me ?

— Eu ? disse Jorge enleiado, estás enganada...

— Não procures subterfugios, Josge ! disse ella com os dentes cerrados de colera e em voz baixa ; porque não vieste ver-me durante uma semana ?

Dizendo isto, fixára um olhar prescrutador no amante.

— Não te lembras que eu estava doente quando vim aqui ? pois só hontem melhorei...

A moça soltou uma risadinha secca e ironica.

— Então fizeste mal em andar passeando ante-hontem á noite, pois o sereno não faz bem aos doentes...

— O medico mandou-me sahir um pouco n'aquella tarde, respondeu o moço seccamente e lançando á Antonietta um olhar frio.

A viuva empallidecera ao ouvir esta resposta. Nem se dava elle, ao menos, ao trabalho de forjar uma mentira mais verosimil para desculpar-se aos seus olhos.

Então Jorge não temia a sua colera, nem o seu desprezo ?

Lançou ao rapaz um olhar ameaçador, e descerrou os labios, talvez para atirar-lhe em rosto palavras violentas, para provar-lhe que não era tão ingenua que acreditasse em suas mentiras, e finalmente, que sabia a causa do seu abandono. Mas Jorge, prevendo a terrivel tempestade que ia desencadear-se sobre a sua cabeça, não lhe déra tempo ; afastou-e vivamente da sala, dizendo com desdem :

— Não queiras fazer escandalo, Antonietta ; tem juizo !

A joven ficára, durante alguns minutos, n'uma grande prostração. Quando sentiu-se mais calma, appareceu outra vez na sala, muito pallida ainda, porém com sorriso nos labios.

Cecilia, sentada ao lado de Jorge, conversava alegremente, nem sequer desconfiando da scena que se passára ha poucos momentos por sua causa.

Nem um só gesto fez Antonietta ao ver esse grupo encantador, e entretanto, um tremor convulso lhe agitára os membros e sentiu as pernas vacillarem. Fazendo um esforço supremo sobre si mesma, caminhou resoluta.

Sentou-se junto de algumas senhoras, e, conversando animadamente, parecia não attender senão á conversação, mas os seus olhares dirigiam-se obstinadamente para Jorge e Cecilia, que continuavam na palestra.

## VIII

Seis dias se passaram sem que Jorge visitasse Antonietta, e esta, que tinha resolvido não mandar chamal-o, não ponde mais supportar a sua ausencia.

Pondo o orgulho de lado, na manhã do sexto dia enviára um bilhete ao rapaz, pedindo-lhe que fosse á sua casa n'aquelle mesmo dia.

O moço lera-o frio e enfadado, mas respondera que iria.

Chegada a noite, elle, bem a contra-gosto, dirigiu-se para a casa da viuva, a qual o recebeu alegremente, como si nada tivesse havido entre ambos.

Já tinda resolvido de ante-mão não censural-o, nem pedir-lhe explicações, pensando, com muito acerto, que com boas maneiras se consegue muita cousa.

— Elle se julga muito forte, mas engana-se! ha de amar-me até quando eu quizer. Estando commigo algumas horas, esquecer-se-á de Cecilia...

Dizendo isto foi mirar-se n'um grande espelho, e, parece que elle a satisfez, porque sorriu, e, erguendo a cabeça com altivez, murmurou :

— Que mulher luctará commigo ?

E foi com certeza da victoria que ella recebera o seu amante.

Tomando-lhe uma das mãos, fel-o sentar no sophá, bem junto d'ella, e, passando-lhe os braços pelo pescoço, disse muito brandamente :

— Jorge!... tanto tenho soffrido!...

Chegára-se mais para o mancebo, roçando-lhe pelo rosto os cabellos perfumados, segredando-lhe mil palavras de ternura : Oh ! como ella o amava ! era um amor immenso, impetuoso, que a enlouquecia ! que Jorge tivesse compaixão, pois que era impossivel viver sem elle, sem o seu amor !

E Antonietta era formosa, irresistivel, com os grandes e negros olhos supplicantes, a bocca rosada a balbuciar palavras tremulas e cheias de paixão!

Jorge contemplava-a, e pouco a pouco sentiu fugir-lhe a razão, e, esquecendo Cecilia, ajoelhou-se aos pés da amante, pedindo-lhe perdão do quanto a fizera soffrer. O rapaz sentiu que amava ainda a terrivel mulher que, brandindo as armas poderosas da sua extrema belleza, zombava da sua vontade e das suas reflexões frias.

E ella sorria diabolicamente do seu triumpho!

Rapida, porém, foi a sua victoria. Passado um instante, a moça lera no rosto de Jorge o enfado e a tristeza.

E, na verdade, o moço estava aborrecido, raivoso consigo mesmo, por ter cedido a esses encantos falsos, que reflectiam os defeitos da alma. Já não acreditava que ella o amasse, mas que fôra impellida para os seus braços sómente por um capricho. E essa mulher seria sua esposa? não! mil vezes não! Satisfeito o seu capricho por elle, não seria a companheira boa e carinhosa, mas a *grisette* vaidosa, desprezando o lar, que deve ser a preocupação da boa esposa, para correr aos theatros, bailes, afim de passar a noite na agitação febril das valsas, ouvindo os galanteios de mil adoradores e respondendo a todos com um sorriso de promessa...

Mulheres assim, nunca serão boas esposas; o luxo, a *toilette*, estão acima dos cuidados aos filhos. Tudo será sacrificado ao prazer.

E Jorge era injusto! de que sacrificios e abnegações não seria capaz Antonietta, para a felicidade daquelle a quem amava sinceramente?

Ah! os homens não conhecem o coração de uma mulher verdadeiramente apaixonada!

Não sabem que a mulher que ama só tem um pensamento, um fito: ser escrava do homem amado, sacrificando por elle o mundo inteiro, si preciso fosse!

Os homens têm dessas injustiças para com as amantes a

quem já não amam, e principalmente quando gostam de outra mulher que julgam modelo de todas as perfeições moraes.

Estas reflexões que custamos tanto a expôr, passaram rapidas pelo espirito de Jorge, enquanto Antonietta mandava servir o chá, n'uma mesinha redonda, alli mesmo no gabinete.

Esther, a sua criada de quarto, era a unica pessoa que sabia dessas entrevistas.

Tinha sido creada pela mãe de Antonietta e estimava a moça como si fosse uma irmã. Era Esther quem servia nos dias de visita de Jorge, sem que os outros criados suspeitassem cousa alguma.

Tomaram o chá silenciosos: elle, proseguindo nas suas reflexões; ella, observando-o de soslaio, irritada, mas fingindo-se calma.

Depois, como se levantassem da mesa e elle continuasse em seu mutismo, Antonietta disse:

— Então, Jorge, porque estás tão calado?

O moço, em vez de responder, levantou-se, e, puxando o relógio, disse:

— Dez horas! preciso retirar-me...

A joven não fez observação alguma.

Deixou-o sahir, nem se lembrando ao menos de demoral-o, tão espantada ficára com esse desdem tão manifesto.

. . . . .

Presas de uma agitação terrivel, a joven viuva andava com passos precipitados, rasgando com os dentes o fino lenço de cambraia.

Estava suffocada, mas não de lagrimas, porque essa mulher não era d'aquellas que choram um amor perdido, porém que se vingam!

Não era d'aquellas que succumbem a uma dôr lenta e resignada, mas que se levantam altivas e terriveis, para esmagar a causa do seu soffrimento! Estava suffocada, porém de colera!

— Cecilia! Cecilia! bradava com voz ameaçadora. Cuidado! si te encontro no meu caminho, servindo de barreira á minha felicidade... cuidado! que serei impiedosa! As tuas lagrimas não

serão bastantes para acalmarem o fogo que sinto dentro do peito:—o ardôr da vingança!... Oh! como eu te odeio, Cecilia! espera! tu pagarás bem caro este momento horrivel! Soffro muito, muito, mas tu tambem soffrerás! Nunca has de ser esposa d'aquelle que eu amo, nunca! ouviste?

E Antonietta, ao proferir estas ultimas palavras, dirigia o punho fechado para a casa fronteira.

—Nunca! continuára ella; farei escandalo, e se isto não bastar, terei o gosto de ver correr o teu sangue gotta a gotta! não trepidarei diante de um crime para defender o meu amor, a minha ventura, a minha vida! Com o teu rosto de candura fingida roubas-me o amor de Jorge, do homem por quem me deixaria fazer em pedaços? Pois si elle não fôr meu, só meu, não o será de mais ninguem, juro-t'o!

As injurias e ameaças continuaram durante toda a noite.

No dia seguinte estava com uma febre ardentissima. Durante tres dias, o medico não conseguiu abrandal-a; mas, do quarto dia em diante, começou a melhorar rapidamente, causando grande alegria á sua criada Esther.

No sexto dia, tendo Antonietta se levantado, Esther levá-ra-lhe diversas cartas recebidas na vespera. A moça reconheceu logo a lettra de Jorge, no envolucro de uma d'ellas.

Abrindo-a precipitadamente, leu:

Antonietta.

«Parto hoje para o interior, a chamado de minha familia. Não me é possivel despedir-me pessoalmente de ti, porque me chamam com urgencia. Espero, porém, voltar o mais breve possivel.»

Jorge.

— Partiu! exclamou Antonietta dolorosamente. Partiu sem me ver! estará mesmo tudo acabado entre nós? oh! mas é impossivel! elle me escreve, e, apezar do bilhete ser um tanto laconico, si já nada quizesse commigo, teria partido sem avisar-me... quem sabe si serei ainda feliz? é preciso não desanimar! luctarei contra tudo e contra todos e hei de vencer!

Como os leitores já terão adivinhado não fôra a pedido da sua familia que Jorge resolvera deixar a capital.

Depois da sua entrevista com a viuva, reflectira durante toda a noite na sua situação. Não tinha muita confiança em si para resistir aos encantos de Antonietta, e ella o amava com paixão e era muito exigente.

Amando Cecilia, não podia continuar com suas relações com a viuva, as quaes serviriam de obstaculo á realisação dos seus mais ardentes desejos.

Por isso é que resolvera passar dois mezes fóra, encorajando-se para resistir aos ataques da amante.

Mas, ao pensar na partida indispensavel, entristecia. Poderia estar ausente tanto tempo da capital?

E a imagem de Cecilia passava diante de seus olhos, vestida de branco, tão graciosa como a vira pela primeira vez. Então uma tristeza velava o seu olhar, e com voz doce, muito terna, como si fosse ouvida por ella, murmurava:

-- Como poderei deixar de ver-te, Cecilia?

E longo tempo ficava assim, ora sorrindo para aquella figura meiga, ora fitando-a com tristeza e desalento.

Justamente, d'ahi a mezes concluiria os estudos, e nessa occasião poderia apresentar-se ao Commendador para pedir-lhe a mão da filha.

Estava resolvido a fallar ao pae de Cecilia, e entretanto, nunca houvera a ella dirigido uma palavra de amor; ignorava si era correspondido ou não o seu affecto. Porém ella, tão bondosa, tão meiga, não o deixaria soffrer, sabendo do amor insensato que elle lhe dedicava.

Bem vontade tinha de confessar á Cecilia o seu amor, mas, quando apparecia uma occasião favoravel, quando estava a sós com a joven, uma grande timidez paralysava-lhe a lingua, e nada dizia sobre o assumpto que mais o interessava.

Custava-lhe bastante ausentar-se da capital, não só porque lhe parecia insupportavel a idéa de não ver durante algum tempo a mulher que amava, como tambem porque sentia um grande

receio de que durante esse tempo, quem sabe? talvez alguém mais ousado que elle amasse Cecilia e lh'o confessasse.

Mas era forçosa a sua viagem, porque Antonietta era capaz de fazer escandalo, e tudo ficaria perdido.

Contava que a ausencia por algum tempo tornaria sua ex-amante mais prudente e menos apaixonada.

Com essa esperanza partiu, não muito desesperado, causando uma grande surpresa á sua familia, a quem nem siquer avisára.

## IX

Pobre Antonietta! debalde esperára noticias de seu infiel Jorge durante quinze dias! Não sabia o que pensar, nem o que fazer. Tinha impetos de escrever-lhe ou de ir procural-o em casa da sua familia; mas esses impetos eram logo soffreados por um resto de orgulho.

Depois de reflectir muito, levantou-se resoluta:

— Vou escrever-lhe, murmurou, para saber si ainda não volta para a capital; e neste caso, alugarei lá uma casa onde irei passar algum tempo, com o pretexto de que fui aconselhada pelo medico.

Já não hesito mais! É-me impossivel passar mais tempo sem o ver!... oh! meu Deus! quem diria que eu chegasse ao ponto de correr atraz de um homem, implorando, sem capricho, sem orgulho, um pouco de amor por compaixão! Eu, que tenho aos pés tantos escravos da minha belleza e fortuna!

E, desta vez, a infeliz Antonietta chorou, soluçou como uma criança! Ondas de saudade suffocavam-lhe o coração fazendo-a derramar abundantes lagrimas.

Chorára durante muito tempo, com o rosto escondido nas mãos.

Passado alguns momentos, serenára um pouco, e, dirigindo-se á secretária, muito hesitante ainda, e com um resto de lagrimas a bailarem nos olhos, escreveu ao seu amante.

Jorge, conhecendo logo a lettra de Antonietta, rasgou o sobrescripto com um gesto de despeito.

Eis o que continha a carta:

«Jorge

Então partes sem ver-me, sem animar com um beijo aquella que mais sente a tua ausencia? oh! Jorge! eu não deveria procurar-te mais, pois bem perceho que já não me amas como

d'antes! Porém o meu amor é tão grande, que esqueço as tuas offensas e estou prompta a perdoar-te e amar-te como sempre. Vem, Jorge! Responde-me, sim? e si não tens de vir logo, irei ter contigo.

Da tua futura esposa—*Antonietta.*»

— Minha esposa?! exclamou Jorge com uma gargalhada sardonica. Nunca! todos os dias descubro mais presumpção nesta mulher! a sua vaidade não lhe permite crêr que já não a amo mais, apesar de eu ter dado bastantes provas, graças a Deus!

Guardou a carta, não se dando ao trabalho de respondel-a.

Passados dois dias, recebera um telegramma concebido nestes termos:

«Si não receber carta tua até amanhã, partirei no dia seguinte para ahi.»

O rapaz, com uma tranquillidade extrema, que bem demonstrava que as palavras da sua ex-amante não o commoviam mais, pegára da penna e respondera-lhe immediatamente:

«Senhora

Restituo-lhe a promessa que me fez da sua mão, pois não me julgo mais digno de esposal-a, visto não poder fazer a sua felicidade. Peço, portanto, que se esqueça de mim.

Serei sempre o seu mais dedicado servo e amigo.

*Jorge do Amaral.*»

Não tento descrever o transe doloroso por que passou Antonietta após a leitura d'essa carta, porque é impossivel! Não havia agora mais esperança, tudo estava acabado! Já não podia illudir-se sobre a sua situação, como até agora tinha feito, pois Jorge confessava que não a amava mais!

Era horrivel!

A vista turvára-se-lhe, os joelhos dobraram-se-lhe, e cahiu dando um grito estridente, ao mesmo tempo que uma voz argentina se fazia ouvir n'uma sala contigua:

— Posso entrar, D. Antonietta?...

Abrindo-se mansamente a porta do aposento, appareceu uma figura graciosa.

Era Cecilia.

Percorreu a vista pelo aposento, e, vendo Antonietta estendida no chão, deu um grito, precipitando-se para a viuva.

Ao grito de Cecilia acudiu Esther, e ambas levantaram a joven, que estava desmaiada, e a puzeram na cama.

— Vai buscar ether, disse Cecilia a Esther, achal-o-ás em em casa... isto é um simples desmaio...

Emquanto a criada sahia, Cecilia, baixando-se para apanhar o seu lenço, deu com um papel amarrotado.

Não podendo resistir á curiosidade, vendo que ninguem a observava, abriu-o e leu.

Era a carta de Jorge, que Antonietta recebera poucos minutos antes.

— Ah! eis a causa do seu desmaio! pobre senhora! ella o ama sinceramente, com certeza...

E os olhos da sensivel menina encheram-se de lagrimas.

— Si eu tambem recebesse uma carta assim de Carlos... murmurou ella tristemente. Nem quero pensar n'isso, eu morreria!

Entrando Esther, a moça só teve tempo para atirar o papel ao chão.

Encostou o frasco de ether ao nariz de Antonietta, enquanto a criada friccionava os pulsos, e as fontes da bella desmaiada.

Momentos depois a doente abrija os olhos, fitando-os em Cecilia.

A joven sorria-lhe meigamente, e este sorriso foi mal interpretado pela viuva, que o julgou ironico; tanto foi que, franzindo os sobr'olhos, disse, com uma irritação mal contida:

— Cecilia aqui! como e quando entraste, não me dirás?

— Ora essa! ha pouco, e pela porta, respondeu a moça alegremente, sem reparar na voz irritada da viuva. Sente-se melhor?

— Sim... mas dize... me encontraste desmaiada?

— E' verdade! pedi licença, batendo levemente á porta do quarto, e, como não respondesse, empurrei-a, e muito assustada fiquei quando a vi estendida no chão.

— Então eu cheguei a cair?... murmurou Antonietta e, levantando-se um pouco, olhára para todos os lados, como que procurando alguma cousa.

— Que procura? perguntou Cecilia.

— Um papel... deve estar ahi pelo chão... não viram?

— Um papel? disse Cecilia fingindo, não vi... mas vou procurar... será este? estava aqui junto á cama.

— Sim, é isto, murmurou Antonietta com voz suffocada.

— Visto que está melhor, vou contar-lhe o motivo da minha visita...

— Ah! sim...

— Vim communicar-lhe a minha felicidade proxima...

Antonietta levantou precipitadamente a cabeça, eucarando Cecilia, que sorria e cujos olhos brilhavam de jubilo.

— Poderá haver maior felicidade, continuou Cecilia, do que quando vemos uma pessoa amada, depois de muito tempo de ausencia? quando está marcado, enfim, o dia, em que ficarão para sempre unidos dois entes que se adoram?

Antonietta muito pallida, apertava os labios tremulos.

Um presentimento esmagava-lhe o coração... tinha quasi a certeza de que se tratava de Jorge.

— Cecilia. interrompeu ella, não podendo mais conter-se; é teu casamento que vens participar-me, não é verdade? quem é o noivo? oh! dize depressa...

E livida, arquejante, esperou a sua sentença ou a salvação dos labios de Cecilia.

— A senhora não o conhece, com certeza; chama-se Carlos Fontoura. Chegou hontem da Europa, onde nos conhecemos e nos amámos. Posso affirmar-lhe que é um bello e elegante rapaz...

A viuva não a deixou acabar.

Erguendo-se de um pulo, apertára a moça nos braços, exclamando :

— Minha querida Cecilia! então é verdade que te casas? como me sinto alegre pela ventura da joven mais bella e bondosa que conheço! Sim, porque estou certa de que teu noivo ha de dar-te a felicidade que mereces! dize-me uma cousa: tu o amas muito?

— Com todas as forças de minh'alma! mais que a propria vida!

Bastante preocupada deveria estar Cecilia, para deixar de notar a repentina explosão de alegria de Antonietta, após a frieza e irritação com que a recebera.

Mas a ventura a invadia tanto, que não déra por cousa alguma de extraordinario.

Passado um instante, disse a viuva para Cecilia:

— Consentes, minha amiga, que te offereça o meu presente de nupcias?

— Oh! D. Antonietta...

— Outra cousa: não quero que me trates senão por *tu*, ouviste?

E abrindo uma gaveta do seu guarda roupa, tirou uma caixa de velludo, dentro da qual brilhava uma rica pulseira, de gosto artistico.

— Esta pulseira foi presente de meu marido, no dia em que tratámos o nosso consorcio.

A ninguem mais daria esta joia, porém a ti, que elle amava como filha, não tenho remorso em dar-t'a. Estou certa de que lá do céu, approvará a minha dádiva. Acceita-a, pois, minha Cecilia. E para que dia está marcado o casamento?

— Para 24 de Dezembro; faltam tres mezes apenas...

— E eu agora é que soube! disse Antonietta n'um tom de queixa e de censura.

— Papae não queria que ninguem soubesse antes de estar marcado o dia. Papae é tão exquisito!

— Pois bem. Traze o teu noivo hoje á minha reunião, pois desejo muito conhecê-lo.

— A' reunião?! pois vaes fazer reunião hoje, assim doente?!

— Já estou boa...

— Oh! não! isso não póde ser! estás ainda fraca...

— Já me sinto forte Cecilia! e depois, ha tanto tempo que não me divirto! por isso quero dançar hoje! vem, ouviste?

— Como é teimosa a querida Antonietta! Então convidaremos Carlos da tua parte, não é assim?

— Certamente!

— Até a noite...

E a gentil menina desceu ligeiramente a escada, e, atravessando a rua, entrára em casa, saltando como um alegre passarinho.

. . . . .  
. . . . .

Antonietta estava radiante!

Jorge abandonára-a por causa de Cecilia, a quem amava, mas eis que a joven amava a outro e ia casar-se brevemente!

Ah! elle voltaria a pedir-lhe perdão, logo que soubesse do casamento de Cecilia, perdendo assim a esperança de ser seu marido. E ella esqueceria as dôres passadas; elle, as suas loucuras, e viveriam felizes.

Como sentia que o amava cada vez mais!

Já não podia passar mais um dia sem vel-o. Iria procurá-lo no dia seguinte, na propria casa dos paes, si fosse preciso.

— Esta carta, esta terrivel carta, que me fez soffrer tão angustiadamente, hei de guardal-a para mostrar-lh'a no dia de nosso casamento. Como havemos de nos rir deste tempo tolo!

E a bella Antonietta proseguia nos seus sonhos côm de rosa, até á noite.

Somos assim! quando uma grande desgraça nos acabrunha, e derepente penetra em nossa alma uma scintilla de esperança, muito fragil, é o bastante para esquecermos os nossos soffri-

mentos e termos fé no futuro, que se nos apresenta brilhante, cheio de risos e encantos! Não nos lembramos de que essa esperança póde ser falsa, fugitiva, ephemera!

. . . . .  
Havia quasi um mez que a viuva Barros não fazia as suas reuniões, e por isso todos indagavam com interesse da sua saude.

Não tardou o Commendador com a filha, acompanhados por um esbelto mancebo loiro, de 25 annos pouco mais ou menos, vestido com esmero e elegancia, de pastinhas habilmente penteadas, a cabeça altiva e um sorriso zombeteiro nos labios.

Esse rapaz de olhar impertinente, denotava, logo á primeira vista, pedantismo e grande vaidade.

Antonietta foi ao encontro dos recém-chegados.

— Tomei a liberdade de trazer á sua casa, para ser-lhe apresentado, o meu futuro genro Carlos Fontoura, disse o Commendador á viuva, apresentando-lhe o rapaz.

— Será sempre bemvindo a esta casa o noivo de Cecilia...

— Obrigado, minha senhora, respondeu o moço fitando atrevidamente Antonietta e dizendo comsigo: — Que bella viuva! safa! que olhos ardentes!

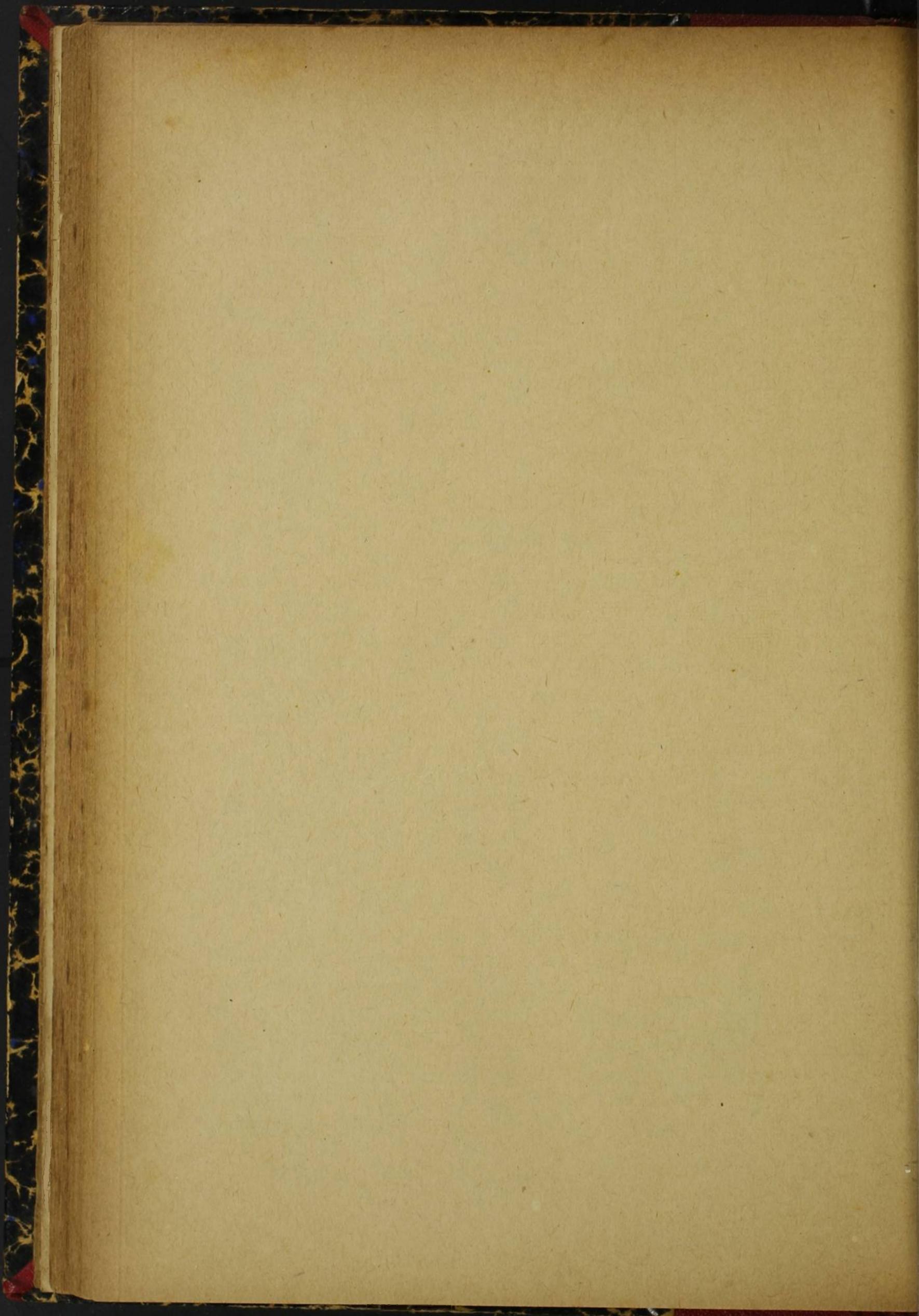
E esquecendo-se de que a sua noiva estava alli perto, seguia com os olhos deslumbrados a viuva, que corria a receber outros convidados.

— Ora! murmurou quando Antonietta desapareceu da sala; pensemos um pouco em Cecilia, minha futura esposa, que me traz um dote principesco, a taboa de salvação que encontrei no naufragio da minha vida de prazeres.

A noite correu soberba para todos.

Cecilia, com o coração repleto de felicidade pela sua proxima união com o homem a quem amava, não sabia conter a alegria; e Antonietta, julgando-se tambem venturosa, fazia as honras da casa com uma amabilidade tal, que encantava os convidados.





## X

Carlos Fontoura era filho de um fazendeiro do norte do Estado.

Com a idade de 18 annos fôra mandado por seu pae ao Rio de Janeiro, para seguir o curso de engenharia.

Porém o moço não se dedicava ao estudo.

Extravagante e conquistador, passava todo o seu tempo em intrigas amorosas com as actrizes da moda, nos bastidores e orgias, gastando em ceias com mulheres faceis, todo o dinheiro que lhe mandava o pae, e fazendo dividas em seu nome quando já não tinha um vintem no bolso.

E assim gastava as tres cousas mais preciosas da vida: tempo, saude e dinheiro.

Eram superfluos os conselhos do pae, que o amava excessivamente, apezar das suas loucuras: o filho rebelde nem se dava ao incommodo de responder-lhe com qualquer justificativa; e o velho, bem podendo tratá-lo com mais severidade, deixava que o filho por si sahisse do máu caminho que trilhava.

No fim de dois ou tres annos, o louco rapaz, achando limitados os prazeres que lhe proporcionava a capital, resolvera deixal-a e embarcar para a Europa, com o pretexto de concluir os estudos e instruir-se em viagens por alguns paizes.

Partiu, com effeito, apezar das supplicas do pae, que via um grande golpe na sua fortuna pelo esbanjamento do filho.

Carlos seguiu para a Suissa para frequentar as aulas da universidade de Zurich.

Algum tempo depois, cresceu-lhe o desejo de ir a Paris, onde só estivera oito ou dez dias.

Sem mandar dizer a sua nova resolução ao pae, dirigiu-se para a grande cidade, installando-se n'um dos melhores hoteis.

Casualmente hospedava-se nessa mesma casa o Comendador Ramalho, e não tardou uma intima relação entre os dois.

Passeavam juntos por toda a parte, aos theatros, arrabaldes, etc.

Era natural essa grande intimidade, pois compatriotas que se encontram em lugar estrangeiro tratam-se como si fossem velhos amigos.

Quanto á Cecilia, apreciára immenso encontrar-se com um brasileiro, portanto, quasi um amigo.

Achava Carlos sympathico e amavel e gostava muito de sahir em sua companhia.

Um dia, Carlos recebeu uma carta de seu pae, que de Zurich lhe haviam mandado.

Dizia-lhe o velho que não podia mais sustental-o na vida de luxo que levava na Europa; que estava cheio de dividas, e quasi pobre; que não era justo que os outros filhos sem cousa alguma ficassem; que Carlos já havia gasto muito e prejudicado seus irmãos mais novos, etc.

Foi uma decepção!

Este rapaz, sempre leviano e estouvado, não sabia o estado da bolsa de seu pae, e, julgava-a inexgotavel!

Havia dois annos que estava na Europa, e sempre que precisava de mais dinheiro, além da quantia certa que tinha disponivel todos os mezes, seu pae mandava-lh'o sem allegar cousa alguma.

Agora que faria? Tinha de ir para a fazenda talvez, sem poder mais divertir-se, nem gastar como tinha feito até aquelle dia! E elle já estava tão acostumado a esta vida, que seria difficil passar sem ella!

— Si eu arranjasse um casamento rico, murmurava elle, poderia continuar a minha vida de prazeres á custa do dote de minha mulher... mas onde arranjarei tal esposa? moça ou velha, feia ou bonita, educada ou estúpida, nada d'isso me importa, comtanto que traga um bom dote... onde encontrarei essa mulher?

Derepente batera na testa, exclamando alegremente :

— A filha do commendador ! isto é que seria um achado ! que partido, si pudesse conquirtal-a... joven, bella e rica ! E' filha unica, e já tem quinhentos contos que lhe tocaram por morte da mãe, segundo ouvi dizer... isto é que seria um achado !

E Carlos esfregava as mãos, repetindo pela decima vez :  
— Seria um achado !

— Entretanto a cousa é facilima, continuou elle, pois a incomparavel Cecilia não me olha com indifferença... assestarei contra ella as minhas baterias hoje mesmo, mostrando-me um santinho ao velho Commendador, que me parece bastante austero.

Até esse dia Carlos não notára a extrema formosura de Cecilia, pois não pensando em casar-se, só o interessavam as mulheres de facil conducta.

Porém agora o caso era outro : estava pobre, e, portanto, o unico meio de continuar com a vida de rico, seria o casamento com uma mulher cheia de ouro, ainda que não a amasse.

Começára, desde logo, a ser amavel e galanteador para com Cecilia, e não tardou muito em fazer-lhe uma declaração de amor ardente, pedindo-lhe consentimento para fallar sobre isto ao Commendador.

A joven consentira logo, pois ha muito tempo que o amava em silencio.

O velho, julgando-o rapaz de grande talento, sério e honesto, prometteu-lhe a mão da filha, logo que concluísse os estudos.

— Mas, senhor, eu não posso mais sustentar-me aqui. Meu pae tem feito máus negocios, e escreveu-me que está quasi aruinado ; não quero, portanto, tirar o que lhe resta...

— Não seja esta a duvida. Depositarei aqui n'um banco o dinheiro necessario para sustentar-se á larga, e mais tarde pagar-me-á.

— Bem, acceito a sua offerta, disse o moço, que não desejava outra cousa.

Pouco tempo depois, voltava da Europa o Commendador, para mandar preparar uma casa para a filha, bem perto da sua,

pois queria ver Cecilia todos os dias, depois de casada. Juntos, no mesmo predio, não queria, receando qualquer cousa que o incommodasse, e, além d'isso, desejava dar todas as liberdades aos dois conjuges.

Mas não foi possivel a Carlos ficar na Europa até concluir os estudos, pois receava que o seu futuro sogro, colhendo algumas informações a seu respeito no Rio, as quaes não podiam ser boas, retirasse a promessa que lhe havia feito da mão da filha.

Com esta idéa, tinha impetos de voltar no mesmo instante, sem attender aos conselhos do commendador.

Não que tivesse saudades da noiva; bem longe estava d'isso; mas tremia ao pensar que lhe escapariam das mãos os quinhentos contos de Cecilia.

Finalmente não poude mais resistir ao desejo de voltar, e enlouqueceria si ficasse mais tempo longe della, e por isso resolvera voltar no primeiro paquete.

O velho quiz passar-lhe um telegramma, impedindo a sua volta, si ainda fosse tempo, mas Cecilia rogou-lhe com as lagrimas nos olhos que deixasse vir o seu noivo; que se casariam mesmo antes d'elle concluir os estudos; que mal haveria n'isso? depois de casado estudaria com mais gosto...

Ella tambem não tinha forças para continuar ausente de Carlos, pois amava-o tanto! porque fazel-a soffrer?...

O velho cedera emfim, não pelas razões que lhe apresentava Cecilia, mas porque ella chorára, e esse pae extremoso não podia ver a filha querida derramar uma só lagrima.

Um mez depois, Carlos desembarcava em S. Paulo, e já sabemos que no mesmo dia da sua chegada foi marcado o casamento.

## XI

No dia seguinte á apresentação de Carlos á viuva Barros, esta, em companhia de Esther, tomava o trem, seguindo para uma cidade do interior, em procura de Jorge.

Nem um máu presentimento a agitava; seguia feliz, com uma fé céga no futuro.

Oh! que felicidade! que amor! que sonhos deliciosos ia ter d'ahi em diante! nem queria pensar nesses momentos felizes! corria-lhe pelo corpo um estremeamento e tinha vontade de gritar ao machinista que dêsse mais força á locomotiva, para chegar depressa, para vôar aos braços de Jorge! Mas o trem, como para zombar da sua impaciencia, atrazava, parava muito tempo nas estações, chegando, finalmente, ao lugar onde ella tinha de sahir com mais de uma hora de atrazo!

Era demais! Antonietta mal continha a sua colera, e, descendo precipitadamente do vagão, tomou um carro, ordenando ao cocheiro que a levasse ao principal hotel.

Chegára perto das 4 horas, e pedindo ao dono da hospedaria penna, papel e tinta, perguntou-lhe:

— Sabe onde é a fazenda do Sr. José do Amaral?

— Sim, minha senhora, é bem perto d'aqui; uma legua sómente de distancia.

— Então peço-lhe mandar já esta carta a seu filho Jorge, mas depressa; pagar-lhe-ei bem.

— Tem aqui este moleque á sua disposição.

— Mas é preciso ir á cavallo, disse Antonietta, vendo que o portador se dispunha a ir a pé; já lhe disse que tenho muita pressa! Não lhe dê cuidado a despeza, que pagarei tudo generosamente!

O rapazete sahiu e d'ahi a cinco minutos voltára com um cavallo.

— Quanto menos demorar, maior será a gratificação, disse a viuva, para o apressar.

Não foi preciso mais para que elle puzesse o cavallo a todo o galope.

Veamos o que dizia a carta da viuva :

« Senhor :

Espero-o esta noite no hotel F..., onde estou hospedada ha meia hora. Si não vier até ás 8 horas da noite, irei procural-o em casa de seu pae.

*Antonietta.* »

— Maldição ! bradou Jorge pallido de colera. Esta mulher ainda não se convenceu de que a odeio... não, enganei-me ! de que a desprezo ! Irei pela ultima vez, eu juro ! irei para fulminal-a com o meu desdem, e para evitar o escandalo della vir até aqui. Mas hoje se acabará tudo entre nós, juro !

Ás sete horas e meia chegou Jorge á porta do hotel, e subiu para o quarto de Antonietta. A moça já o esperava no corredor, e, puxaudo-o para dentro, fechou a porta do quarto ; quiz lançar-se nos seus braços, porém Jorge recuou, dizendo friamente :

— Não recebeu a minha carta, senhora ?

— Sim, Jorge, mas não pode acreditar em tanta crueldade ! eu o amo tanto que...

— Basta ! basta ! interrompera o moço ; não me obrigue a uma grosseria, senhora ! já fiz o quanto pude para evitar falar-lhe francamente...

— Oh ! Jorge ! não creio...

— Pois bem, si não quiz acreditar em minha carta, creia agora que lhe fallo de viva voz : não a amo mais !

— Mas, si deixou de amar-me, é que outra mulher tomou o meu lugar em seu coração ?

— Pois sim, é verdade ; digo-o francamente para acabar com as suas perseguições.

— Ama Cecilia, não é verdade? perguntou Antonietta com uma calma que espantou Jorge.

— Sim, amo Cecilia; estou resolvido a nada negar.

— E si eu lhe disser que ella não o ama?

— Hein?

— Que se casa d'aqui a tres mezes...

Jorge levantára-se pallido, tremulo, e com voz ameaçadora bradou:

— Mente! diga que mente!

— Não minto! volveu Antonietta seccamente. O seu noivo foi-me apresentado hontem pelo Commendador, e o casamento é no dia 24 de Dezembro.

O rapaz cahiu sobre a cadeira, acabrunhado, sem dizer mais uma palavra.

Olhava para a sua ex-amante como doudo, com os olhos fixos, immensamente abertos, como que duvidando da realidade dos factos.

Antonietta, vendo-o assim, chegára-se para elle e, passando-lhe o braço em volta do pescoço, disse, com voz muito branda:

— Vês, Jorge? abandonas<sup>t</sup> uma mulher que daria a vida por ti, para amar outra que recompensa o teu affecto casando-se com outro.

— Deixe-me! deixe-me! bradou elle repellindo-a.

— Oh! que é isto? murmurou a moça pallida de vergonha.

Jorge levantou-se e, olhando-a bem de frente, disse:

— Contava que eu tornasse a amal-a ao saber do casamento de Cecilia? pois enganou-se! Amo Cecilia com um amor puro, desinteressado, porque ella é pura e boa! Farei votos para que ella seja feliz e continuarei a amal-a na sombra e no silencio. Que se case e seja venturosa... com aquelle que escolheu...

E ao dizer estas ultimas palavras, parecia suffocado de commoção.

— Mas é uma loucura! interrompeu a moça admirada de tanta exaltação.

— Julga? pois será assim! O meu coração pertencerá sempre a Cecilia... jámais poderei esquecel-a, bem o sinto! E' amor de poeta, mas de verdadeiro poeta! amor d'alma e não dos sentidos... é o amor que faz soffrer, que mina a existencia dia a dia, hora a hora! Portanto, senhora, o meu coração está morto para outro amor qualquer, bem morto! Que espera a senhora de um espectro?

E, olhando cheio de compaixão para a desgraçada Antonietta, que parecia soffrer atrozmente, ajuntára com voz de uma amargura indescrível, uma voz cheia de lagrimas:

— Perdôe-me, Antonietta! não posso mais amal-a... tenho culpa? somos ambos bem desgraçados! mas resigne-se, como eu me resigno... viva de uma recordação minha, como viverei de uma lembrança d'aquella que tanto amei e amo!... Perdôe-me! Por isso, Antonietta, é melhor que nunca mais nos fallemos, e é inutil procurar-me mais. Adeus!

E sahiu do aposento, cambaleando como um embriagado.

Antonietta, quando o viu sahir, empallidecera horripelmente; apoiára-se a um movel para não cahir e depois atirou-se a uma poltrona, inclinando a cabeça para traz. Grossas bagas de suor gelado rolavam pela sua fronte livida.

Meia hora esteve nessa posição. Os olhos seccos não vertiam uma lagrima sequer!

As grandes dôres são sempre assim!

Com muito custo endireitou o talhe, passou a mão pela testa e levantára-se. Estava calma.

Dirigindo-se para uma janella que dava para a rua, abriu-a.

A noite estava magnifica, apesar de muito escura. Milhões de estrellas brilhavam no negrume do firmamento, e Antonietta, levantando os olhos para o céu, soltou um doloroso suspiro. Debruçára-se mais, para tomar o ar fresco da noite, e a rua silenciosa, deserta, muito escura, quasi sem illuminação, causou-lhe uma impressão agradavel; precisava mesmo que tudo perto de si fosse tranquillo para reflexionar á vontade.

— De que me serve a belleza, que todos me gabam? De que serve a chusma de admiradores que tenho aos pés, si o

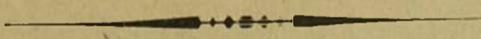
unico homem que amo, aquelle por quem eu daria a vida, me despreza, me calca aos pés, sem ter ao menos compaixão para a mulher, já que não tem amor para a amante? De que vale esta belleza deslumbrante, si sou vencida por uma boneca, por uma mulher que não tem attractivos, nem graça? Oh! será isto possivel? Que crimes commetti para ser assim humilhada no meu amor e na minha vaidade?... Mas a vingança é o prazer dos demonios, exclamou Antonietta dando uma gargalhada convulsa que horripilava, vingar-me-ei! E' o unico prazer que tenho agora! Serei má, terrivel, de hoje em diante! Tudo para mim e por mim! que importa os outros? que vale a bondade? tolices!...

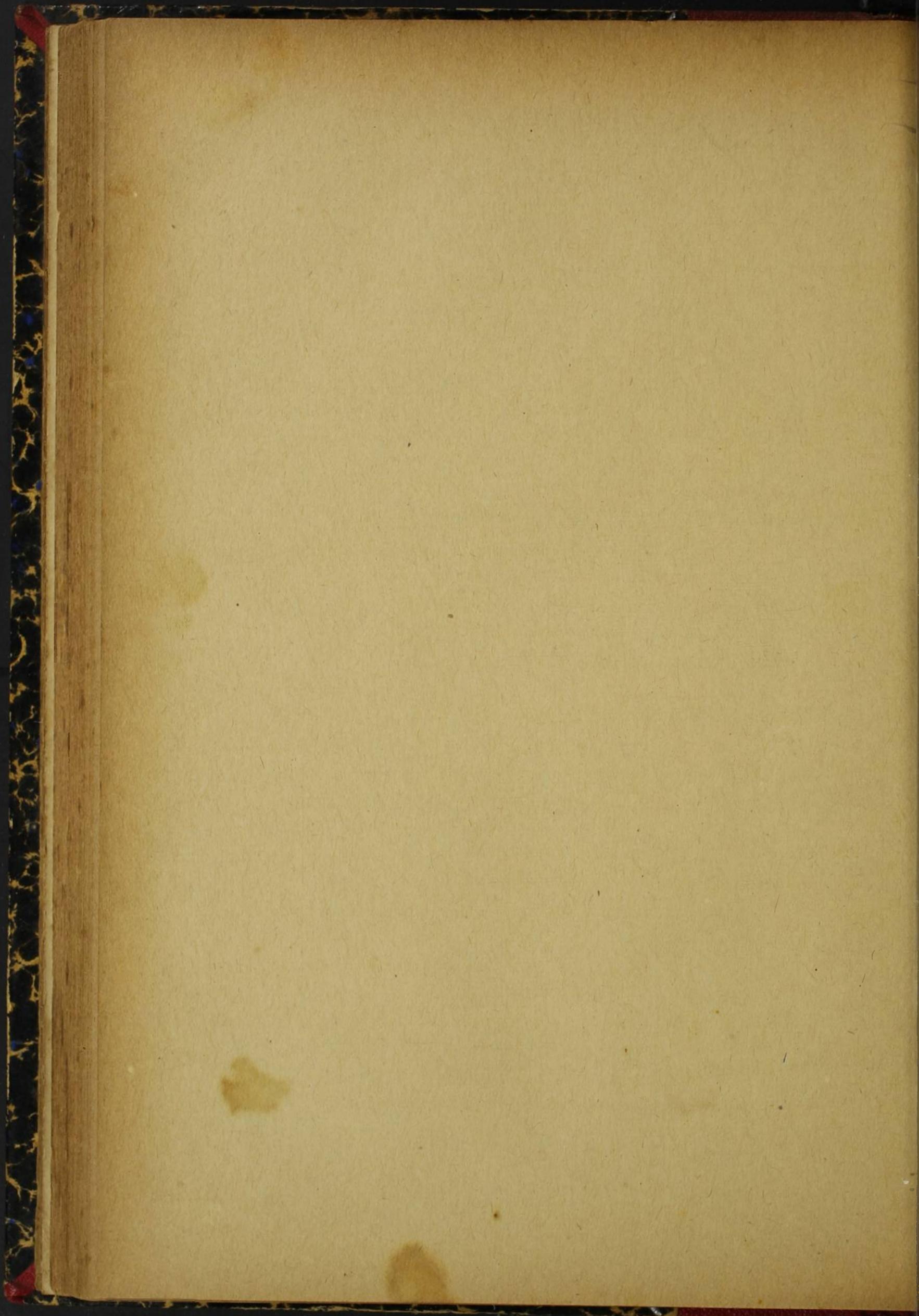
Depois, olhando fito para o firmamento escuro, estendera os braços, dizendo com voz firme e sombria:

— Elle continuará a amal-a na sombra e no silencio, e eu tambem na sombra e no silencio irei preparando o calix de amargura que um dia hei de fazel-a tragar até á ultima gotta! Farei a sua vida tão desgraçada, que a infeliz chorará lagrimas de sangue! Ella pagar-me-á o desvairado amor que soube inspirar a Jorge!

Até breve, Cecilia! a minha vingança cahirá sobre ti!

**FIM DA 1.<sup>a</sup> PARTE**





## SEGUNDA PARTE

### I

No dia 24 de Dezembro do mesmo anno, grande reboiço notava-se em casa do Commendador Ramalho.

Os criados, n'um vae-vem continuo, da porta para o interior, levavam bandejas de doces, caixas de bebidas, embrulhos, etc.

Todos andavam e corriam de um lado para outro, arrumando os lustres de gaz, as tapeçarias custosas, quadros, espelhos, e mais ornatos do salão.

As criadas entravam com cestas de flôres, distribuindo-as em *bouquets* pelas jarras e cantoneiras.

Era uma azafama continua desde muito cedo.

As janellas todas abertas e as risadas que se ouviam de fóra, davam a esta casa um aspecto festivo.

E, com effeito, era este um dia de grande acontecimento em casa do Commendador, pois se casava a sua unica filha.

Cecilia estava alegre e travessa como um beija-flôr. Dava ordens, ajudava as criadas a distribuir as flôres, acompanhada por Antonietta, que parecia estar tão alegre como sua amiga, rindo-se tambem por qualquer cousa.

— Como estás contente, Cecilia! disse ella com uma amargura mal dissimulada.

— E porque não hei de estar, minha querida? não será hoje o dia mais feliz da minha vida?

— Quem sabe? murmurou Antonietta pensativa. Ás vezes esperamos uma cousa e dá-se outra tão differente...

— Ah! Antonietta! pois fallas assim, tão moça? disse Cecilia parando e olhando para a sua interlocutora. Pois já tens tanta experiencia da vida?

— E' verdade, Cecilia! tão creança, e tenho mais pratica da vida do que talvez muitas mulheres de 50 annos!

— Então que dizes do casamento?

— Digo que é uma cousa muito arriscada... o casamento é muitas vezes desgraçado, e sempre para a mulher!

— Meu Deus! que dizes, Antonietta? exclamou a moça entristecendo.

— Por exemplo, faz idéa da desgraça de uma joven que eu conheci: fui ao seu casamento; era um dia de grande ventura, como ella julgava. Pois bem; a infeliz enganára-se! Sabes o que lhe aconteceu? no fim de alguns mezes, o esposo já não se importava com ella, abandonando-a completamente! e queres saber por que? Conheceu uma mulher mais bella que a sua, e como não tinha casado por amor, mas pelo bom dote que a moça lhe trazia, esqueceu-se dos seus deveres. Passava as noites fóra de casa, e raras vezes trocava uma palavra com a sua companheira. Sempre de máu humor, irritavel por qualquer cousa, tratava a mulher como o ultimo dos cães. Ora, imagina o que não soffreu essa infeliz, pois amava o esposo com delirio! Imagina!

— Oh! cala-te! cala-te, Antonietta! que já tenho calafrios! si me acontecesse isso... porém não! Carlos me ama...

— E nota, Cecilia, que o tal rapaz sabia fingir habilmente um grande amor pela noiva... Eu, que era uma extranha, admirava-me do amor tão extremoso que elle lhe professava!

— Meu Deus! meu Deus! murmurou Cecilia com os olhos já cheios de lagrimas.

E a primeira duvida, o primeiro desgosto despontou n'aquelle coração ingenuo e confiante.

Antonietta observava a sua amiga e emquanto o seu rosto exprimia tambem uma tristeza profunda pela narração que acabava de fazer, os seus olhos tinham rapidos brilhos de satisfação, ao ver a impressão que as suas palavras haviam produzido em Cecilia. A alegria da joven noiva irritava a invejosa Antonietta, e por isso esta quiz destruil-a, conseguindo completamente o seu intento.

A menina, depois de meditar algum tempo, levantou a cabeça, e, soltando um suspiro, disse com voz consternada :

— Não fallemos mais nisso, pois me entristece bastante. Pensemos em cousas alegres...

Mas foi debalde! Antonietta já lançára o fel no coração da amiga, com a sua improvisada historia.

O resto do dia Cecilia não tornou a rir, parecendo antes entregue a uma dolorosa meditação.

Mas que tristeza é esta, menina? interrogou a sua ama, uma pobre mulher que a amava como filha.

— Nada, Marianna! sinto uma dôr no coração... uma vontade de chorar...

— Oh! porque?!

— Não acreditas em presentimentos, ama?

— Eu? acredito, Ceci.

— Pois eu estou triste, porque um presentimento me persegue...

— Que presentimento?

— Que hei de ser desgraçada...

E a moça não pôde acabar a phrase. Prorompeu em pranto, escondendo o rosto no peito da ama.

— Ceci, socegue! os presentimentos quasi sempre são mentirosos... então que é isto? não chore mais! pois quer ficar feia hoje, que deve estar linda? os olhos ficarão pisados...

Marianna, cheia de afflicção, procurava consolar o mais que podia a sua querida Ceci.

— Antonietta me disse... tanta cousa... murmurou a moça soluçando.

— Ah! logo vi! Notei que, desde o momento em que estiveram conversando tanto tempo, você mudou, Ceci!

— Bom, ama, não te incomodes mais; isto é tolice da minha parte! já estou melhor, não vê? estou nervosa hoje, e qualquer cousa me entristece!

— Então não chore mais, sim? olhe que é preciso estar bonita, alegre, si não, pódem pensar que se casa contra a vontade, e é a menina quem mais quer...

. . . . .  
A' noite, a casa do Commendador foi-se enchendo, pouco a pouco, de convidados.

O salão apresentava um aspecto deslumbrante.

Os reposteiros de velludo bordado, os espelhos de crystal, o grande lustre de gaz, cuja luz brilhante realçava as ricas *toilettes* das senhoras cobertas de rendas e diamantes, tudo, tudo se revestia de um magico esplendor.

Entre os convidados achava-se um rapaz encostado a uma janella, com os olhos velados de tristeza fixos no jardim, sem parecer prestar attenção á multidão que o cercava. Tinha o rosto pallido e cadaverico como a morte, e ao redor dos olhos grandes e doces um circulo negro.

Era Jorge, ou antes, o phantasma de Jorge, tão mudado estava!

Na sua meditação não vira uma moça que, entrando no salão, se dirigira para um grupo de senhoras e de lá o olhava frequentemente, com ar de zombaria.

Esta senhora estava vestida ricamente e era com certeza a mais bella, pois logo que entrára se vira rodeada de grande numero de rapazes, que a cumprimentavam cheios de galanteria, e aos quaes ella respondia desdenhosamente.

Era Antonietta, soberba e altiva como sempre, porém mais seductora que nunca, pois a formosura desta mulher parecia crescer dia a dia. Estava mais magra e excessivamente pallida, e os seus olhos negros tinham um brilho de febre.

Si a observassem bem, veriam que o sorriso que ella affectava era repleto de amargura, e nas palpebras roxas, signaes de frequentes lagrimas; veriam que esta mulher soffria, soffria muito, não obstante a sua belleza e fortuna! E perguntariam comsigo, admirados, que causa teria ella para padecer, ella, que com um gesto, poderia dominar o mundo!

E Antonietta, daria tudo que pudesse para ninguem suspeitar o que se passava em sua alma. Tentou, em casa, passar algum carmim no rosto para tornar-se rosada, escondendo assim a lividez das faces, mas, depois de muito experimentar, atirára para longe a tinta, exclamando:

— Que importa a minha pallidez, si tenho o sorriso nos labios?

E fizéra bem, porque a pallidez lhe dava um encanto mysterioso, inexplicavel.

\* \* \*

Às oito horas, um grande murmurio levantou-se no salão.

Abrira-se uma porta que communicava com o interior, e nella apparecera Cecilia, encantadora com as vestes de noiva. Como estava bella! O véu finissimo, envolvendo-a toda, confundia com o seu lindo rosto branco, e os cabellos louros, dispostos em cachos onde se entrelaçavam flôres de lorangeira, davam-lhe uma belleza que fascinava e commovia.

Todos chegaram-se ao altar preparado no mesmo salão, onde o padre já esperava os nubentes.

Jorge acompanhou-os e, fixando os olhos na noiva, notou que ella estava pallida e muito triste. Não pode mais tirar os olhos de Cecilia; esqueceu-se que d'alli ha pouco ella seria de outro homem, olhando-a extaseado, saudoso, pois ha tanto tempo que não a via!

Quando o *sim* foi pronunciado pelos labios tremulos da noiva é que o moço se lembrou do que se passava. Empallideceu mais ainda, cambaleou, sentiu-se com falta de ar, e, receando ser visto nesse estado, fugiu como doudo pela porta do jardim.

— Eu tinha jurado não ser fraco, murmurou elle andando a passos largos pelo jardim. Para que vim procurar este supplicio? queria vel-a... vel-a pela ultima vez sob as vestes virginaes! Oh! meu Deus! como soffro!

Pondo as mãos na cabeça, desesperado, embrenhou-se pelas ruas mais escuras do jardim. Depois, encostando-se a uma arvore, pôz-se a contemplar as janeltas illuminadas do sobrado;

e o murmúrio de mais de cem vozes chegava-lhe aos ouvidos como um ruído sinistro, um escárnio á sua dôr!

— Oh! Cecilia! até este momento não imaginava a que proporções gigantescas se tinha elevado o meu amor por ti! Julgava poder esquecer-te, mas enganai-me; agora é que o sinto! Tudo acabado para mim, tudo!

E o desgraçado mancebo allí ficou longo tempo, sem mover-se, n'uma especie de lethargia profunda...

O astro da noite subia lentamente pelo firmamento estrelado, e os seus pallidos reflexos penetravam entre as mais copadas arvores, banhando o rosto macilento de Jorge, rosto onde se estampava o soffrimento.

A briza agitava levemente os cabellos negros que emmoluravam aquella fronte pensativa, onde brilhava a intelligencia...

E era bello nessa posição de estatua, com os grandes olhos cheios de lagrimas fitos entre as arvores, surdo a todos os rumores do vento sobre a folhagem!

O sereno e o ar fresco da noite, foram-n'o pouco a pouco acalmando; e depois de um instante, achando-se mais alliviado, dirigiu-se vagarosamente para o salão.

Ao atravessar o corredor que conduzia á sala, sentiu que lhe batiam no hombro e, voltando-se, deu com o Commendador.

— Que fazia tão só no jardim, doutor?

— Senti-me um pouco iodispôsto, e fui tomar um pouco do sereno da noite... mas já estou melhor.

— Vá cumprimentar minha filha, que ainda ha pouco perguntou pelo Sr.

E, dando-lhe o braço, levou-o para um grupo de senhoras onde estava Cecilia.

— Minha senhora, disse Jorge com voz tremula, cumprimentando-a, acceite os meus sinceros parabens...

— Pensei que o doutor não tinha vindo, e até julguei que estava mal comnosco, pois não o vejo ha tanto tempo! porém agora reparo... esteve doente? acho-o um tanto desfigurado...

— Tenho estado bastante doente, e si não fosse a insistencia do Commendador, não teria vindo.

— Muito sinto o seu incommodo, Sr. Jorge.

E virando-se para seu pae, disse:

— Apresente-o a Carlos, papae; hão de ficar amigos.

Apresentado pelo Commendador a Carlos, Jorge sentiu por este uma grande antipathia, e foi com manifesta frieza que apertou-lhe a mão. Não succedeu o mesmo a Carlos, que tratou-o como um amigo intimo.

\* \* \*

Corria animadissima a *soirée* quando Jorge, querendo retirar-se, foi despedir-se de Cecilia; porém esta, tomando-lhe o braço, disse:

— Não se retire ainda, Sr. Jorge. Como! pois não dançou commigo! Quero-o para cavalheiro desta quadrilha que vai começar agora.

— Com o maior prazer, D. Cecilia.

-- Notei que não dançou esta noite...

— Nem uma só vez, pois sinto-me doente...

— Pois ha de fazer este sacrificio por mim.

Acabada a quadrilha, disse Cecilia ao seu par:

— Pedi-lhe que não partisse ainda porque desejo fallar-lhe...

— Estou ás suas ordens.

E' uma idéa que se me metteu na cabeça...

Vendo que Jorge se calava, continuou:

— Não repare... bem sei que é uma indiscreção, porém o fim que tenho na mente é bondoso...

O moço olhava-a admirado.

— Desculpa-me si achar inconveniente o que vou dizer-lhe?...

— Por Deus, D. Cecilia! póde dizer o que quizer, que nada terei a desculpar! peço-lhe até que diga...

— Então diga-me uma cousa: porque ha tanto tempo não o vejo em casa de Antonietta, o Sr. que, n'outro tempo, era tão assiduo nas suas reuniões?

— Mas por que pergunta isso? disse Jorge um pouco perturbado.

— Quer dizer que não é de minha conta?

— Perdão! não digo isso...

— Pois bem, deixemos de reticencias: vou entrar no assumpto. O Sr. é um ingrato! uma joven de uma belleza sem rival, boa, virtuosa, ama-o até ao delirio e o Sr., depois de enganar-a muito tempo...

O rapaz empallideceu e Cecilia sentiu o seu braço tremer.

Nesse momento passaram pela porta de um gabinete e a moça, encaminhando-se para ella disse:

— Entremos. Aqui podemos fallar sem testemunhas.

Sentaram-se; e Cecilia, cravando os olhos no rosto do mancebo, continuou:

— Do Sr. depende a felicidade de Antonietta... porque não a dá?

— Como sabe a senhora...? balbuciou Jorge.

— Oh! sei tudo e jurei reconcilia-los, pois vejo que ambos soffrem...

— Engana-se, D. Cecilia: nada soffro.

— Mas a minha amiga soffre! Esconde de todos, mas eu não me illudo! vejo que ella emmagrece dia a dia; e o Sr. não nota a sua côr marmorea? O Sr. prometeu desposar-a; porque não cumpriu a palavra?

— Foi ella quem a informou tão bem? perguntou o moço com ironia.

— Não! soube por um acaso, ha 3 mezes, pouco mais ou menos. Juro-lhe que Antonietta nunca me disse cousa alguma. Estimo-a muito, e por isso, vendo-a soffrer, concebi a idéa de fazer todo o possivel para reconcilia-los, porque julguei que tivesse havido apenas algum arrufo de namorados. Porém nunca mais o vi e hoje noto que estão afastados um do outro, como si fossem inimigos...

— D. Cecilia, julgo, como a Sra., que D. Antonietta é digna de todas as venturas. Mas... não a amo, confesso-lhe francamente; sendo assim, não posso fazel-a feliz.

— Mas então porque a enganou?

— Juro que não a enganei, que foi ella mesma quem...  
oh! ia até dizer uma inconveniencia!...

— Amou-a então?

— Nunca! julguei amal-a, e, mesmo depois que conheci que não a amava, tive esperanças que um dia sentisse o meu coração preso por ella... porém esse dia nunca chegou, e por isso desenganei-a...

— Não serve de desculpa para um rompimento, não! Ah! amará o Sr. outra mulher? acertei!

— Senhora! por piedade não me interrogue mais, peço-lhe! A Sra. rasga, sem o querer, a chaga que tenho no coração! veja como eu soffro!

O rapaz, effectivamente, parecia soffrer muito: o seu semblante estava completamente alterado.

A moça, ao ouvir as palavras sentidas de Jorge, olhou-o admirada.

— D. Cecilia, continuou elle com voz lenta e triste, peço a Deus para que a Sra. nunca soffra esta dôr que me dilacera a alma! Elle ha de ouvir os rogos de um desgraçado que nada mais pede em seu favor, porque a sua dôr é irreparavel, mas por aquella, cujo horisonte da vida apparece brilhante e sereno, e faz votos para que jámais uuvem negra o envolva em seu manto!

A moça baixou a cabeça ao ouvir estas palavras. Uma subita vermelhidão invadiu-lhe o rosto, e uma grande piedade se apossou do seu coração. Comprehendera, finalmente, que aquelle rapaz a amava, sem nunca ter ousado confessar-lhe o seu amor, e que, vendo-a agora casada com outro, havia perdido todas as esperanças!

O mancebo, quando proferiu as ultimas palavras, lançou o olhar triste para o salão e, reconhecendo Antonietta, que se dirigia para o gabinete onde estavam, disse a Cecilia, com voz supplicante:

— Peço-lhe nada dizer de nossa conversação a esta mulher.

A viuva parou á entrada do gabinete.

— Ah! estás aqui, Cecilia, conversando?... Oh! e com o Sr. Jorge! Boa noite, doutor! como está desfigurado!... Parece soffrer muito! Está doente?

— Um pouco, minha senhora.

— Espero, porém, que fique bom logo; é preciso não perder a esperança, não é verdade, Cecilia? Outra cousa, minha cara amiga: não fica bonito prolongar por muito tempo esse *tête-à-tête* com o Sr. Jorge. Não diz bem a uma recém-casada...

A voz de Antonietta era tão sarcástica e ao mesmo tempo irritada, que a joven comprehendeu logo o sentido das suas palavras.

Confusa, com os labios um pouco tremulos, balbuciou:

-- Antonietta!...

-- Vamos, doutor, disse a viuva interrompendo-a, conduza Cecilia para junto do seu noivo que a procura debalde...

Jorge olhou-a desdenhosamente, e, offerecendo o braço á Cecilia, levou-a para a sala.

Antonietta, serenando pouco a pouco, viu que se tornára ridicula. Tinha sido assaltada por um ciume louco ao ver Cecilia conversando a sós com Jorge, n'um lugar retirado. Parecera-lhe que o moço confessava o seu amor e que Cecilia escutava-o com prazer; e d'ahi o seu ciume, a sua raiva, que a levára a praticar a scena que acabamos de narrar. Só em um cerebro cheio de suprema exaltação poderia gerar-se tal pensamento!

A viuva se arrependeu muitissimo do que praticára. Porém era a paixão, o amor insensato, que lhe accendia no peito o feroz ciume, sem a menor causa, a minima possibilidade! E isso a tornava louca!

Pobre enferma! que mais torturas terias de soffrer?

O resto da noite passou-se sem facto algum que mereça ser relatado.

Jorge retirou-se á 1 hora da manhã, apesar da insistencia de Carlos, que fel-o prometter ir algumas vezes á sua casa, promessa que Jorge tencionava não cumprir.

## II

Corria o mez de Junho.

Apezar de serem apenas 5 1/2 horas da tarde, o sol já havia lançado os seus ultimos raios de despedida, e a terra envolvia-se tristemente no manto do crepusculo. Os sinos tocavam a Ave-Maria com esse som pungente e repassado de melancholia, que transporta as almas poeticas de uma para outra vida.

A esta hora tão triste e solemne, em que o poeta vai scismar em seus amores, que amargura se nos desperta na alma quando estamos na solidão! Quantos queixumes nos traz o sopro timido de uma brisa! Quantos gemidos de agonia nos segreda o correr monotono de uma fonte!

A esta hora melancholica levemos os nossos leitores a uma grande casa situada bem no centro de um magnifico jardim.

Era uma casa assobradada, de bella apparencia, com uma escada de um marmore de um lado conduziudo a um terraço, cujas grades prateadas eram cobertas de rosas brancas e madre-silvas cheirosas. As paredes eram igualmente cobertas de trepadeiras; e, em cada janella, viam-se vasos de violetas, cravos, malvas, etc.

Quem morava nesse pittoresco predio era, com certeza, pessoa muito amante de flores, pois as dispunha por toda a parte.

O jardim era espaçoso, e no fundo grandes arvores formavam um pequeno bosque muito poetico e encantador.

A casa estava tão silenciosa que parecia deshabitada, só se ouvindo o rumor de uma cascata nos fundos do jardim e o trinado tardio de alguns passaros nas gaiolas suspensas do tecto do terraço.

Penetrando-se, porém, de um lado do jardim, n'uma rua cercada de bambús, avistava-se uma joven de 19 annos, vestida com um roupão de cachemira escura, com a barra, mangas e

golla guarneçadas de pelles. Caminhava pensativa e vagarosa, e, de vez em quando, uma nuvem de tristeza envolvia o seu formoso rosto pallido, e os olhos azues, tão limpídos, enchiam-se de lagrimas.

Depois de passear por algum tempo, sentára-se n'um banco e, apoiando a cabeça no encosto, ficára muito tempo mergulhada n'um scismar profundo.

Ao ouvir bater meia hora depois das cinco, a pallida scismadora, puxando o lenço, enxugára as lagrimas que lhe rolavam em abundancia pelas faces. Erguera-se depois, e, dirigindo-se para o portão da entrada, abriu-o, lançando um olhar desanimado para a rua.

— Não vem mais! murmurou ella com um suspiro. Jantarei só, como sempre!... esperarei ainda mais meia hora.

Voltára para o banco, e olhando para o firmamento tão diaphano, continuou tristemente:

— Foi bem curta a minha felicidade... tres mezes apenas! Ha tres mezes que passo os dias e as noites só, sempre só! Alta noite, quando estou ainda em vigilia, é que Carlos entra, e, julgando-me adormecida, deita-se a meu lado, sem pronunciar uma só palavra! Que sacrificio para abafar os soluços que me opprimem o peito! Só tive esposo tres mezes, e todavia eu não mereço ser assim desprezada! Onde passará elle as tardes e as noites? no jogo? em casa de alguma mulher? eis o que ha tanto tempo procuro saber, porém todos conspiram contra mim, todos me escondem a verdade! oh! meu Deus! estarei assim abandonada?...

Nesse instante, a areia do jardim rangera sob uns passos vagarosos, e uma mulher idosa appareceu.

— Está ahi, Cecilia?

— Sim, Marianna.

— Que é isto?! chora! que cousa a afflige, minha querida menina? Isto não é vida, Ceci! sempre com o rosto coberto de lagrimas! ah! uma menina que criámos com tanto mimo, fazendo todas as vontades para nunca ter um motivo de tristeza!

si seu pae visse isto... você bem sabe que as suas lagrimas sempre o puzeram doudo!

— Ora! ahi estás tu tambem chorando, ama, disse a moça sorrindo por entre as lagrimas.

— E' por ver você sempre triste. Ha seis mezes que se casou e parece uma velha, sem passear, sem divertir-se! assim não póde continuar; a menina já está magra e pallida como uma defuncta!

Cecilia ouvia Marianna em silencio, com a cabeça baixa.

— Vamos jantar, Cecilia; o Sr. Carlos não vem mais. Já é noite!

E levou e moça para o interior da casa.

— Faz-me companhia, ama. E' tão triste jantar só, e ainda mais quando se tem marido! disse a joven sentando-se á mesa, e com uma voz tão amargurada, que Marianna sentiu outra vez os olhos rasos de lagrimas.

Cecilia já tinha começado a comer alguma cousa, quando bradou da escada uma voz de mulher, ao mesmo tempo que batiam á porta do jardim:

— Cecilia! Cecilia!

Marianna estremeceu e foi abrir.

— Onde está Cecilia?

— Jantando, minha senhora, pois estive até agora esperando o marido, que ainda não appareceu, respondeu Marianna asperamente.

— Antonietta! fizeste bem vindo ver-me, exclamou Cecilia abraçando a sua amiga.

— Jantas a esta hora, querida?

— Sim, ha algum tempo. Espero Carlos, e só janto quando vejo que é muito tarde. Rarissimo é o dia em que elle come em casa!

— Algum negocio, Cecilia, não te incommodes.

— Não creio, disse ella abanando tristemente a gentil cabeça. Póde ser mesmo negocio, porém negocios de mulheres.

— Olá! já estás com ciume, tolinha?

— Confesso-o!

— Deve ser uma cousa horrível o ciume!

— Oh! tu não imaginas, Antonietta! affianço-te que não póde haver soffrimento maior! não me vês pallida e abatida? Ha muito tempo que soffro os maiores desenganos, porque Carlos passa fóra todas as tardes e noites! És tu a primeira pessoa a quem me queixo, porque és minha amiga sincera que, em vez de ridicularisar a minha dôr, como muitos fariam, tomarás parte nella; disso tenho certeza. Antonietta! lembras-te do que me disseste no dia de meu casamento? d'aquella historia que me contaste? Pois um presentimento atroz perseguiu-me aquelle dia todo, desde a hora em que me fallaste! E hoje... ah! bem vejo que elle não era enganador, como dizia Marianna. Não consigo dormir, nem comer, e choro sem cessar.

E a pobre moça chorava! Era a primeira vez que dava expansão á sua dôr!

Ao ouvir os queixumes de Cecilia, nós olhos da viuva passou uma chamma sinistra, que, apesar de rapida, foi notada por Marianna, que a observava com os sobr'olhos franzidos.

— Eu não me engano, pensava ella; esta mulher parece ter odio a Cecilia, tal foi o olhar que ella lhe lançou ha pouco! parecia alegrar-se quando viu as lagrimas da menina... mas porque será? Hei de esclarecer bem isto.

Durante meia hora Cecilia contou, chorando, todos os seus pezares á sua amiga Antonietta, até que Carlos, entrando, pôz termo a esta expansão.

O rapaz notou os signaes de pranto no rosto da esposa, e, trocando um olhar com a viuva, disse:

— Que tens, Cecilia? estás pallida e abatida!

— Nada, meu amigo, respondeu a resignada menina, sómente uma pequena dôr de cabeça.

— Por que não te deitas um pouco? D. Antonietta desculpará...

— Vai deitar-te, Cecilia, disse a viuva levantando-se. Eu preciso retirar-me, mas amanhã virei saber da tua saude, sim?

— Como?! vais-te embora já?

— Vim hoje a pé e só com Esther, pois contava que tu me levarias até em casa, porém estás tão doente...

— Irás com meu marido, é o mesmo.

— Pois accetto, porque receio andar só de noite.

Antonietta levantou-se, e, beijando ternamente a amiga, repetiu:

— Amanhã virei ver-te. Até amanhã, Cecilia.

E sahiu acompanhada por Carlos.

Cecilia deixou seu marido sahir sem que lhe dirigisse uma palavra pedindo-lhe que voltasse logo, visto estar tão doente!

Pobre Cecilia! era timida e resignada em extremo!

Chamou a sua ama para ajudal-a a deitar-se e, depois de muitas instancias de Marianna, accettou uma chavena de chocolate.

— Você não jantou, Ceci! é preciso não passar assim sem se alimentar. Morrer por causa dos outros? tolice! devemos ser um pouco mais egoistas! E' com o desprezo que se vingam as offensas! Você tem seu pae que a ama com delirio, e eu que dou a vida por minha Ceci... que importa os outros? mais tarde hão de arrepender-se...

Assim consolava a boa Marianna á sua menina, emquanto a deitava com todo o cuidado. Batia as almofadas para tornal-as mais macias, e cobria os pés de Cecilia, que estavam gelados.

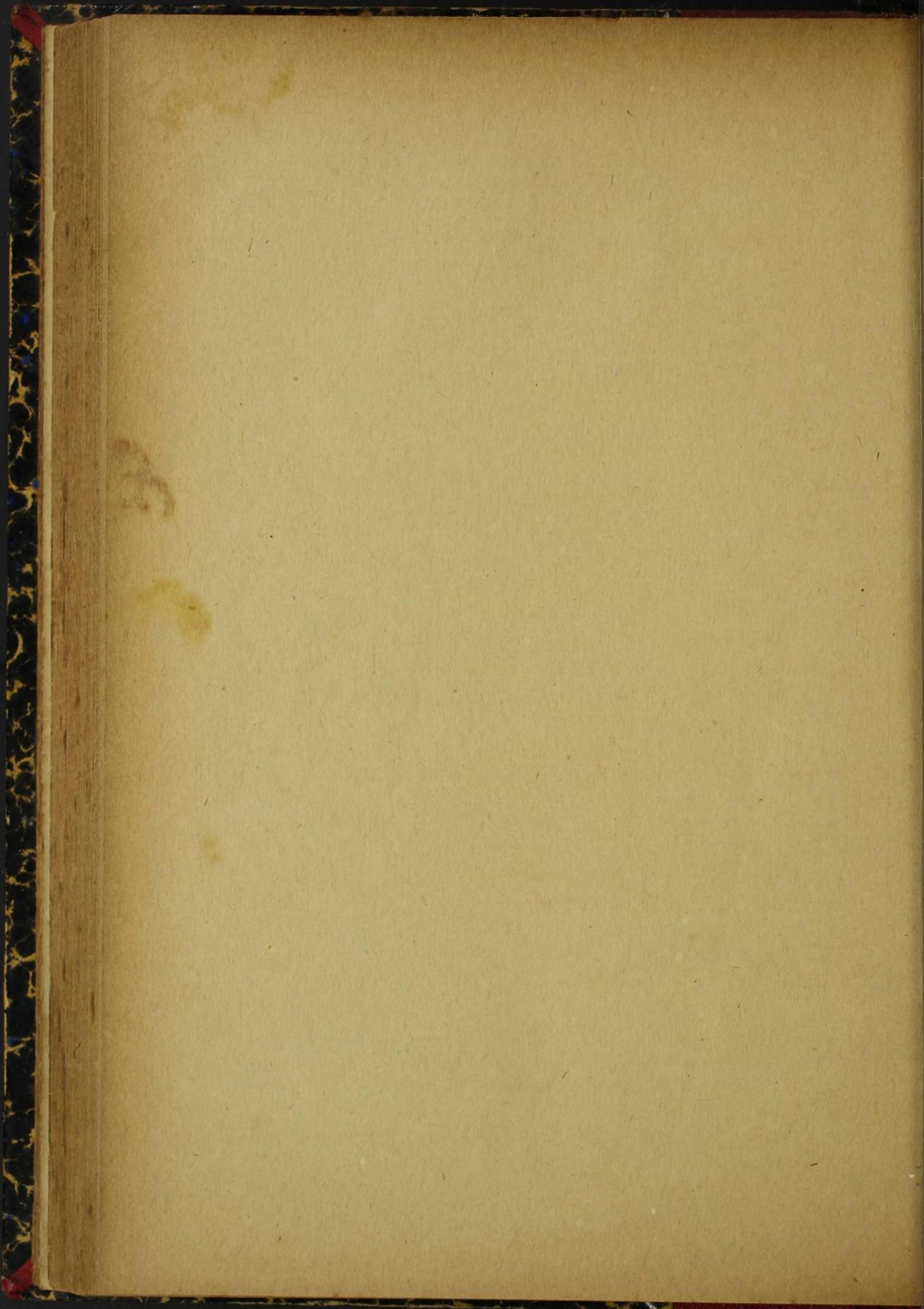
Só ás duas horas da manhã Carlos entrou em casa... tão grande era a distancia da casa de Antonietta!

A esposa viu-o entrar e perguntou-lhe timidamente onde tinha estado.

— Em casa de um amigo, respondeu elle seccamente.

E nem mais uma palavra!

Cecilia fechou os olhos e entre os cilios espessos tremeram duas lagrimas...



### III

O leitor já terá, com certeza, uma idéa exacta do character de Carlos, o esposo de Cecilia.

Leviano, voluvel, depois de tres mezes de casado começou a aborrecer-se da vida monotonica que levava.

Saciando-se logo do amor da esposa, achára horrivelmente insipida a vida de casado, pois não dava com o seu character sacrificar a liberdade por muito tempo a uma só mulher.

Além disso o seu casamento fôra movido exclusivamente pelo interesse; e, apesar de ter uma esposa joven, bella e carinhosa, não lhe dedicava a menor estima.

Sentia logo desejos de ter amantes, uma após outra, gastar nas ceias e orgias o dote de sua esposa.

Foi para isso que se casára, dizia elle; não estava para viver n'aquelle *tête-à-tête* que já não podia supportar. Si sua mulher ainda o amasse ardentemente, e não com aquella amizade fria e reservada, talvez elle se deixasse prender... porém não! sempre submissa e impassivel, recebia as suas caricias sem o menor transporte... Não era culpa sua não amal-a mais tempo, si ella não sabia a arte de o prender!

Si ao menos tivesse o typo da sua amiga Antonietta... essa mulher bella, pela qual, desde o momento em que a vira, se sentia attrahido, fascinado pelos seus encantos... Soberba, altiva, deixando transparecer nos olhos negros o fogo de uma constituição ardente e apaixonada... essa, sim, saberia amar!

Analysava-a detidamente... que olhos! era impossivel haver eguaes! eram unicos, sublimes, seductores! offuscavam completamente os de sua mulher, apesar destes serem tambem encantadores! E os seus cabellos negros como azeviche, ondeados, perfumosos? como tornavam feios, sem graça, os de Cecilia, tão loiros que mais pareciam fios de ouro! E a côr de um moreno

pallido, transparente, realçando os labios vermelhos? E a sua estatura elegante, o andar magestoso, o olhar altivo, orgulhoso, que dominava?

Oh! era formosa de mais para offuscar quantas bellezas chegassem ao pé della!

Fôra n'uma noite em que dehalde procurava conciliar o somno, que estes máus pensamentos fervilhavam no cerebro de Carlos, de uma maneira assustadora para a felicidade de Cecilia.

Murmurára, então, muitas vezes:

— Com ella é que eu devia ter casado. Sinto que amo pela primeira e ultima vez na vida! Sim... amo-a! Que importa que eu não seja livre? Ella é viuva, e si vier a amar-me... poderei ser feliz!

\* \* \*

No dia seguinte a esta noite, Carlos levantou-se cedo e sahiu para dar um passeio pelo arrabalde.

Caminhava cabisbaixo, pensativo, quando ao virar uma esquina, encontrou com um carro particular que passava; e, no mesmo instante, uma senhora que ia dentro, debruçando-se á portinhola, bradou:

— Oh! Sr. Carlos!

O moço parára e, lançando um olhar para dentro do carro, reconheera Antonietta.

Ella já tinha feito signal ao cocheiro para que parasse.

O rapaz eucaminhou-se para o carro, dizendo:

— Bom dia, D. Antonietta. Não esperava encontral-a tão cedo!

— Saio todas as manhãs. O meu meu medico recommen-  
dou-me estes passeios matutinos... Como está Cecilia.

— De perfeita saude.

— Pois suba, Sr. Carlos; vou até sua casa ver Cecilia?

Carlos subiu e sentou-se ao lado da viuva.

Já sabemos em que disposição de espirito elle se achava, e, animado pelo olhar provocante que a cada momento lhe lançava Antonietta, pensou:

— Oh! esta mulher ha de ser minha, custe o que custar!

Além disso Antonietta parecia-lhe agora mais bella que nunca, com um vestido azul ferrete muito justo ao corpo, tornando-se assim dez vezes mais elegante e bem feita.

Sentia-se incommodado, afflicto, ao admirar os labios de carmim que se entreabriam de vez em quando n'uma risadinha ironica, e os caracões tão negros que lhe ornavam a fronte e o pescoço.

Embriagava-se cada vez mais, e ella, fingindo nada perceber, continuava com os seus gracejos um pouco livres, chegando-se mais para elle, pousando distrahidamente a mãosinha enluvada em seus joelhos, quando o carro dava algum solavanco.

— Siga para o mercado, ordenou ella ao cocheiro; quero ver si encontro algumas fructas.

O moço nem prestára attenção á ordem da viuva, tão embebido estava nas suas reflexões.

Sentia que amava Antonietta, desejando-a com toda a força de sua alma. Parecia-lhe inacreditavel que só agora conhecesse o sentimento que lhe agitava o coração.

E' que Antonietta queria ser amada pelo esposo de sua amiga, e, dotada como era de uma belleza a que ninguem resistia, que seria desse homem, si ella mesma quizesse escravisal-o, transtornar-lhe a razão?

Desceram ao mercado, compraram algumas fructas, e subiram de novo para o carro.

Pouco depois entravam em casa de Cecilia.

— Oh! Cecilia, ainda dormes? gritou a viuva subindo ligeiramente a escada.

— Não são horas de dormir, disse Cecilia, que abraira logo a porta.

— Vim do mercado, cara amiga, e trouxe-te estas fructas.

— Ah! exclamou Cecilia vendo entrar Carlos, vieste com meu marido?

— Encontrei-o agora ha pouco e, como vinha para cá, convidi-o para vir commigo no carro.

— Tira o chapéu, Antonietta, porque hoje estás segura; só te deixarei á noite.

— Era inutil dizeres isto, disse a viuva rindo, porque eu tencionava mesmo passar o dia contigo.

— Tanto melhor! Tu vives tão só, e por isso deverias vir sempre passar um dia em minha companhia.

— Aceito de boa vontade o teu convite. Virei uma, duas vezes por semana... é muito?

— E' pouco, minha querida. Oh! si pudessemos morar juntas!... Vamos passear um pouco pelo jardim para provocar o appetite. Vens, Carlos?

O rapaz caminhava ao lado das duas jovens e comparava-as. Sua esposa era quasi tão formosa como Antonietta, mas que differença! Elle nunca apreciára essas bellezas de marmore, franzinas, recatadas, porém sim um typo como o de Antonietta, cujo talhe desenvolvido e fórmas opulentas lhe davam um todo de deusa. Era o typo hespanhol com todos os seus encantos.

Os olhos azues de Cecilia exprimiam uma bondade e innocencia incomparaveis, ao passo que os da viuva traduziam paixão e crueldade.

Estes olhos deveriam ser sublimes de ternura n'um momento de amor, porém terriveis na colera e na vingança.

Depois, para Carlos, o libertino, bastava o titulo sagrado de esposa, a quem é devido um amor respeitoso, para que elle nenhum prazer achasse ao lado de Cecilia.

Era na torpe e lamacenta sociedade dos amores illicitos, das mulheres faceis, que elle achava verdadeiro encanto.

. . . . .  
Esse dia passou tão rapidamente para Carlos, como si fosse apenas uma hora. Uma idéa, constante, impertinente, não lhe sahia do pensamento:— ser amante da bella Antonietta, ainda que tivesse de dar muitos annos de vida.

Porém como conseguiria seus tão ambicionados desejos?

A viuva de um importante magistrado, pussuidora de uma bella fortuna, não se entregaria a um homem a não ser pelo

casamento. Não tinha necessidade de ter um amante, vendo a seus pés tantos adoradores, que só lhe supplicavam a honra de acceital-os para esposos. Só si viesse a amal-o, mas ainda era preciso que esse amor fosse bem invencivel, para que ella despresse as conveniencias sociaes e a consideração de que era cercada.

— Emfim veremos, murmurava o moço. Talvez ella não queira casar-se para conservar a liberdade...

Encerrando-se no quarto, pôz-se a contemplar a sua imagem no espelho, torcendo o bigode, examinando os dentes, ensaiando sorrisos, etc.

Às oito horas da noite Antonietta retirou-se para casa.

Seus olhos tinham um brilho extranho, sinistro, e um sorriso de escarneo pairava-lhe nos labios.

— D'aqui a algum tempo, murmurou ella sentando-se n'uma poltrona, a minha vingança estará completa. Esperei, de proposito, que passasse a lua de mel, porque em todos os casamentos as ha: duradoura em uns, quando o casamento é por amor; muito rapida em outros, que elle não é dictado pelo coração. Ora, eu sou bastante perspicaz para não notar que Carlos nunca amou Cecilia e que se casou apenas pelos contos de réis que ella lhe levou. E por isso é mister que eu entre em acção, pois já esperei bastante: tres mezes! Agora, que o pombinho já está um tanto enfastiado do ninho, é boa occasião... Com que sacrificio hei de tolerar aquelle pedante, que ha de julgar que estou morta por elle! E a tola da Cecilia o ama! Mas é isto mesmo que eu quero! que ella ame seu marido como eu amo Jorge, para eu arrancar-lh'o, do mesmo modo porque ella roubou o coração do meu amante. Lagrimas por lagrimas! Oh! com que prazer verei correr o seu pranto e empallidecerem as suas faces! Fal-a-ei soffrer como eu tenho soffrido, eu que ainda amo Jorge, que não posso esquecel-o, apesar do desprezo que elle me vota! Tambem vingar-me-ei do seu desdem, quando elle presenciar a dôr de Cecilia, ao ver-se abandonada pelo esposo que ama! Sim, porque terei tal imperio sobre Carlos, que ha de fazer tudo quanto eu quizer. Abandonará Cecilia e até ha de insultal-a para ser-me agradavel!

Fez uma pausa e depois continuou tristemente :

— Mas para que me serve tudo isso ? que bem poderei colher fazendo com que Cecilia soffra ? tornar-me-ei, pela minha vingança, mais desprezível aos olhos de Jorge... Oh ! como sinto amal-o cada vez mais !

E a infeliz moça atirou-se louca, soluçando, sobre a cama. Depois, n'um impeto desesperado, saltou para o chão, correu a abrir uma janella, e aspirou o ar com soffreguidão. O peito estava oppresso ; uma mão de ferro opprimia-lhe o coração, e os olhos, desmedidamente abertos, tinham uma flexidez assustadora.

— Ai ! disse ella suspirando com força, depois de um instante, eu enlouqueço, meu Deus !

Chamou Esther e mandou-a trazer agua de flôr de laranja, calmante de que usava sempre.

— A Sr.<sup>a</sup> está muito nervosa, disse a criada, olhe como tremem as suas mãos !

— Oh ! este amor desgraçado ha de matar-me, murmurou ella baixinho.

D'ahi a alguns minutos estava mais socegada.

— Minha mãe tinha razão quando definia o amor—o amor é a felicidade, o amor é a desgraça ! Quão grande foi a minha ventura ha um anno, porém quão maior é ainda o meu soffrimento hoje !

— «Foge do amor !» disse-me ella, mas não pensou que a fatalidade é mais forte que a vontade !

Poderia eu fugir de amar Jorge ?

O destino é inexoravel !

---

## IV

Desde esse fatal dia começou o soffrimento de Cecilia.

Carlos, de dia para dia, tornava-se cada vez mais frio. Sempre pensativo, não dava a minima attenção aos ternos cuidados da esposa, e, quando esta o censurava meigamente pelas frequentes distracções, respondia-lhe de um modo tão secco e desabrido, que não permittia réplica.

A moça baixava a cabeça, e afastava-se para esconder as lagrimas. Pouco depois voltava com o seu doce sorriso nos labios, signal da resignação dos anjos! Escondia a todos o estado da sua alma, até a seu pae e á sua ama que a amavam tanto.

«Que terá Carlos?» era a pergunta que a toda a hora fazia a si mesma.

Talvez ella não soubesse agradar-lhe como deve uma boa esposa, e era esta a razão do seu máu humor. E com este pensamento, corria a fazer-lhe mil carinhos, que nem siquer commoviam aquella viciada alma!

Na sua extrema bondade e innocencia, a pobre menina não podia imaginar que um homem amasse outra mulher sinão a sua, desde que esta lhe fosse fiel e o amasse tambem. E porque Carlos não a amaria, si a tinha recebido por esposa?

Deste modo Cecilia não podia desconfiar de que Antonietta fosse o máu genio da sua vida conjugal, e quem lh'o dissesse fal-a-ia bradar indignada que era impossivel uma tal cousa, que jámais acreditaria nisso, a menos que não fossem testemunhas os seus proprios olhos.

Por isso a sua ama, que já havia desconfiado alguma cousa, nada lhe dizia.

Entretanto a bella viuva continuava com as suas visitas cada vez mais frequentes em casa da amiga, e Carlos de dia

para dia mais fascinado, mais apaixonado, pelo olhar de fogo que Antonietta a cada momento lhe lançava. Mas ainda não ousára declarar-se, bem que tivesse muitas occasiões para fazel-o.

A Antonietta bastava-lhe animar um pouco o rapaz para que elle cahisse a seus pés, porém ella não queria precipitar esse desenlace, sem que tivesse certeza de que o pobre rapaz estava completamente louco, e de que era capaz de pôr tudo á sua disposição: vida e honra.

Um dia, Antonietta mostrou-se muito triste. Quando Carlos a olhava, ella voltava o rosto para o outro lado, retendo a custo um doloroso suspiro. Demorou-se pouco em casa da amiga, promettendo, por instancias desta, voltar d'ahi a dois dias.

Carlos resolveu, enfim, pôr a timidez de lado e confessar a Antonietta o amor louco que o atormentava. Por isso esperou com impaciencia o dia em que a viuva devia ir á sua casa.

Esse dia passou-se, porém, sem que Antonietta dêsse noticias de si.

Passaram-se egualmente dois, tres, quatro dias; nem um recado!

Na marcha do quinto dia, Carlos não pode mais conter a sua impaciencia.

— Cecilia, disse elle, quem sabe si a tua amiga não estará doente?

— Não o creio; nesse caso teria mandado avisar-me. A ultima vez que ella aqui esteve disse-me que sua tia estava muito mal e, caso peiorasse, a mandaria chamar por telegramma, seguindo ella para lá immediatamente. Creio que foi isto que aconteceu. Em todo caso mandarei lá um criado...

— E' inutil, eu mesmo irei. Tenho de sahir d'aqui ha pouco e não me custa passar por lá.

— E' melhor mesmo que tu vás. Si ella estiver doente, volta logo para me avisares, sim?

O moço dirigiu-se com passos rapidos á casa da viuva. Chegando á porta, parou, tremulo, com o coração a bater-lhe apressadamente.

Estava resolvido, caso achasse Antonietta em casa, a acabar com a sua timidez e declarar-lhe o seu amor; mas eis que, chegada a hora, sentia-se outra vez acabrunhado e medroso.

Finalmente, vencendo o receio, subiu a escada e tocou a campainha. Apareceu logo uma criada.

— D. Antonietta está em casa?

— Sim, senhor.

— Previna-a de que vim cumprimental-a e saber da sua saude.

— Tenha a bondade de esperar aqui, senhor, disse a criada abrindo a sala.

Carlos entrou, e a criada, voltando d'ahi a pouco, disse:

— A senhora manda pedir-lhe desculpa por fazel-o esperar, pois está tomando o banho.

— Oh! diga-lhe que não se incommode; que a esperarei de boa vontade.

Carlos então, para distrahir-se, levantára-se e começára a admirar, uma a uma, todas as curiosidades artisticas que ornavam a luxuosa sala.

Meia hora depois apparecia Antonietta.

Trazia um vestido de palha de seda crême, aberto ao collo, e os bastos cabellos presos n'uma trança solta pelas espaduas. Era assim que se penteava quando queria tornar-se mais bella e irresistivel.

Estava, realmente, arrebatadora com esse trajo claro e leve, e os cabellos penteados com toda a simplicidade.

— Suppunha que viajava, D. Antonietta, disse Carlos cumprimentando-a; ha tantos dias que não apparece em casa!...

— Não tenho sahido esses dias...

— Mas vejo-a de perfeita saude...

— Graças a Deus, não tenho de que me queixar a este respeito.

— Então o que a impediu de apparecer em nossa casa? fugir assim sem motivo... só a falta de vontade, porque nada nos accusa de a termos desgostado...

— Sim; o Sr. tem razão; não me desgostaram... muito pelo contrario...

E, ao dizer isto, ella parecia muito enleuada, com os olhos baixos.

— Então?

— E' por gostar de sua casa mais do que devia, que jurei frequental-a o menos possivel.

— Não a comprehendo...

— Oh! Deus me livre que me comprehenda!

— Mas, peço-lhe, D. Antonietta, explique-se!

— E' impossivel! disse ella tristemente. Não posso, não devo explicar-me.

— Diz que aprecia a nossa companhia e foge della! já viu algum exemplo de evitar-se alguma cousa de que se gosta?!

— Basta, Sr. Carlos! peço que não me obrigue a dizer o que sinto!

O rapaz devorava-a com os olhos, e, na embriaguez em que estava, julgára ver uma lagrima brilhar em seus formosos olhos...

— Senhora, balbuciou elle, quererá que eu vá d'aqui accusando-me de alguma offensa que involuntariamente lhe tenha feito? Oh! falle! falle! por piedade!...

— Ah! não me interrogue... não posso e... não devo! exclamou ella escondendo o rosto nas mãos. E Cecilia... tão minha amiga! oh! é... uma infamia!...

O rapaz estremeceu...

Começava a comprehender.

— Infamia?!

— Sim... não é uma grande infamia... amar-se o marido de nossa... amiga? balbuciou Antonietta com voz tão fraca que mais parecia um sopro.

Carlos não a deixára acabar. Com os olhos em fogo, louco de alegria atirou-se a seus pés, e, tomando-lhe as mãos que ella fingia querer retirar-lh'as, disse:

— Oh! estarei enganado? ouviria mal? é verdade que me ama?

— Ah! lance-me em rosto a minha infamia, despreze-me si quizer, mas é verdade!

— Desprezar-te?! estás louca, Antonietta?! Pois ainda não descobriste a paixão que tenho por ti, o amor louco que me atormenta dia e noite?

— Sabia já tudo isto e foi essa a causa que me obrigou a afastar-me da sua casa... para que veio procurar-me?

— Porque não podia mais passar um dia sem ti! porque tudo me parece de uma tristeza mortal quando não te vejo, porque te amo até á loucura!

— E Cecilia?

— Cecilia? bradou elle. Não me falles dessa mulher que aborreço e a quem nunca amei! Oh! foste tu, Antonietta, a destinada a fazer vibrar este coração, virgem ainda do amor! No primeiro momento em que te vi, logo uma attracção irresistivel me arrastou para ti! Adivinhei que ia amar-te...

— Todavia casou-se...

— Si soubesses como me arrependo disso, agora que sei que me amas... Quando me casei, julguei que só admirava a tua belleza, desconhecendo o sentimento que se abrigava em meu coração. Suppuz que amaria minha esposa, e neste engano passei tres mezes, mas depois vi que lhe aborrecia, que todo o meu pensamento voava para ti, desde que te retiravas para casa, depois de passares algumas horas em nossa companhia... Durante estas horas felizes era só a ti que eu via, era só a ti que eu contemplava com admiração e amor! Entretanto minha esposa estava a teu lado, porém era offuscada pela tua belleza e pelo teu dominio! Oh! quanto eu te amo, Antonietta! não és livre? não me amas? então faze-me o mais venturoso dos homens!

— Mas Cecilia é tua mulher... disse a viuva com amargura.

— Sim, mas qu'importa? sel-o-á de hoje em diante só em nome. Pensas que agora poderia amar outra mulher? nunca mais amarei minha esposa, juro-t'o!

— Farás isso? disse ella radiante de jubilo, dando-lhe um beijo na fronte.

Este beijo apagára o ultimo lampejo de razão que ainda brilhava em sua alma.

Embriagado, delirante, sem forças, murmurou :

— Sim, Antonietta, minha vida, meu amor... farei tudo o que quizeres... serei teu escravo... mas ama-me...

. . . . .  
Nesse dia Carlos não jantou em casa. Debalde Cecilia o esperára para saber de Antonietta, e só ao anoitecer recebeu um cartão de seu marido, que lhe dizia :

— «Tua amiga esteve doente, mas já está boa e amanhã irá ver-te.

Previno-te que um negocio importante me prende e por isso não poderei ir tão cedo.

Peço-te não me esperares.»

. . . . .  
Desde esse dia, nunca mais Carlos passára a noite toda com a sua esposa. A sua amante prohibia-lhe até de jantar em casa e por isso elle jantava todos os dias fóra, com algum amigo ou n'um hotel. Só ás 2 ou 3 horas da manhã entrava em casa, para sahir logo depois do almoço e voltar outra vez no dia seguinte.

Cecilia nem ousava interrogal-o. A pobre moça bem via que o seu esposo nenhuma importancia lhe dava mais, e portanto seria inutil, ou mesmo irrital-o-ia mais ainda uma censura ao seu procedimento.

Por isso nunca uma queixa lhe sahira dos labios.

Passava as tardes passeando no jardim, embrenhando-se pelas ruas mais distantes, cercadas de espessas arvores, onde podia derramar as suas lagrimas sem ser vista por indiscretos. A' noite sentava-se ao piano e transmittia ao teclado as impressões da sua alma soffredora.

Tocava—*Paulo e Virginia*, sua musica predilecta. E quando chegava á marcha funebre do enterro da infeliz virgem e no desespero de Paulo, o seu rosto estava banhado de lagrimas e, desesperada, como Paulo, prorompia em altos soluços. Debru-

çava-se, então, sobre o teclado, permanecendo ahi horas e horas, sem consciencia do tempo que corria, até que a sua ama a levava á força para tomar chá!

O seu formoso rosto tornava-se cada vez mais cadaverico e um circulo negro rodeava-lhe os olhos azues.

Entretanto, Antonietta continuava assidua em casa da amiga, gosando os progressos de sua obra infernal.

Recebia Carlos todas as noites, mudando todas as vezes de vestuario, empregando todos os artificios proprios para prender um homem tolo como elle.

Ora um vestido escuro, severo, muito apertado ao corpo, para realçar as suas fórmulas esculpturaes; ora um roupão branco, cheio de fôfos, com as mangas rendadas, deixando os braços nús, exageradamente aberto ao collo, sem se incommodar com o frio, que começava a fazer.

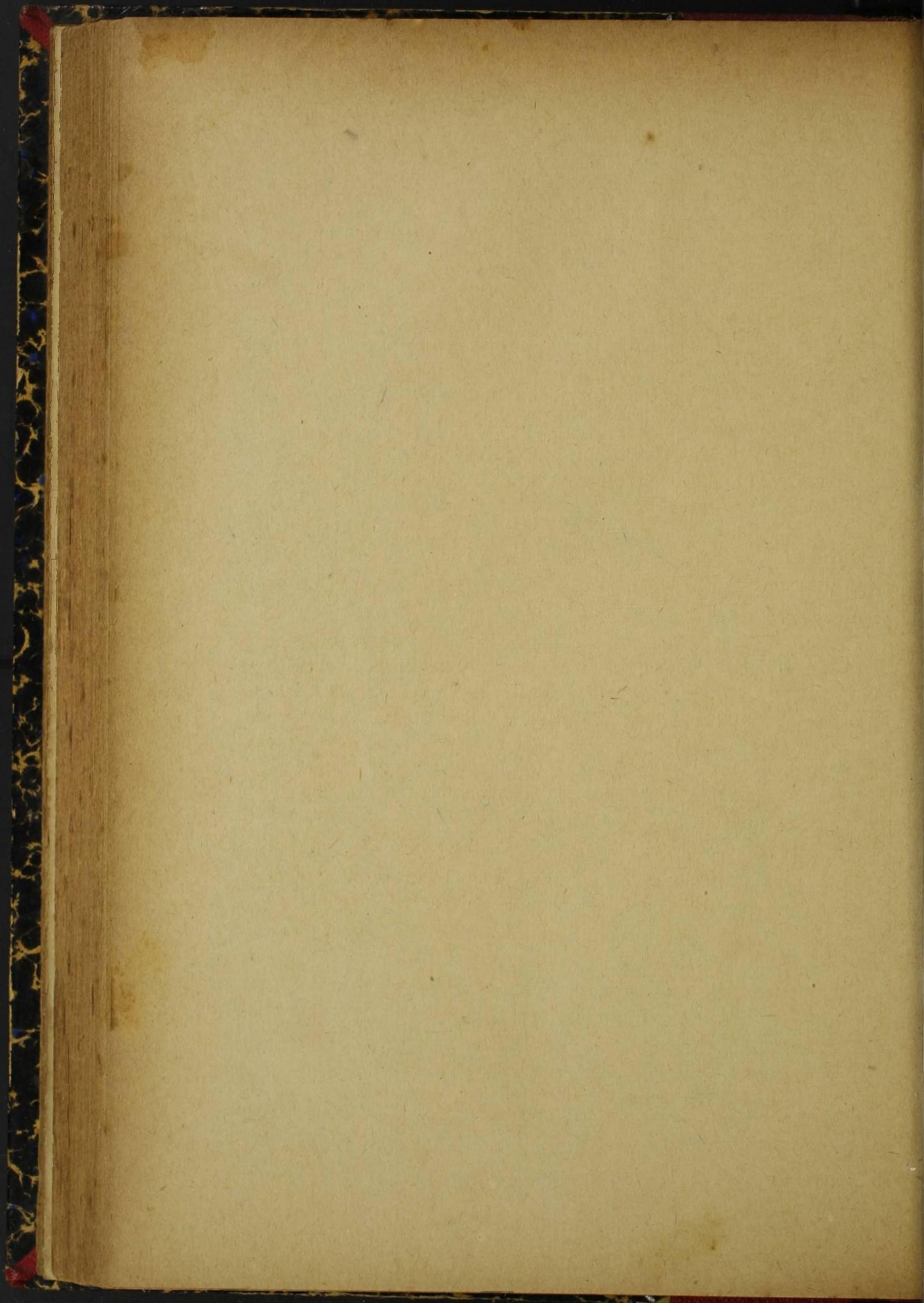
Os cabellos, ora soltos como um manto negro perfumado, ora presos no alto da cabeça por uma bella rosa branca.

E Carlos achava-a cada vez mais fosmosa, de qualquer maneira que se vestisse ou penteasse; e o seu amor, que a principio parecia um capricho passageiro, transformára-se n'uma verdadeira paixão, n'aquella paixão que só ella sabia inspirar, a paixão mais adormecedora que o *haschisch* indiano.

Já não era senhor de si: a sua vida e honra dependiam dos labios da formosa Antonietta.

Si ella desejasse uma morte, Carlos seria o assassino!

Sua vingança estava quasi completa: faltava só a bofetada que Carlos daria em publico á sua esposa: a separação.



## V

Emquanto Carlos vivia na mais completa felicidade ao pé de uma mulher mais bella que virtuosa, sua desgraçada esposa definhava a olhos vistos.

Todos reparavam na sua pallidez espantosa, porém ella teimava em não querer chamar medico, porque nada sentia, e, portanto, não estava doente como julgavam.

Era isto o que dizia a muitas pessoas, as quaes riam maliciosamente, dizendo :

— E' mesmo uma doença sem perigo, Cecilia, d'aqui a alguns mezes estarás boa...

A moça, ao ouvir isto, suspirava. Um filho! era o que havia desejado tanto! teria ao menos uma consolação em suas dôres! Esse entesinho fragil fal-a-ia não soffrer tanto, e talvez o amor materno a fizesse esquecer o esposo ingrato! Oh! como seria feliz si fosse mãe! mas... já não tinha essa esperança!...

Só Carlos não notára a sua transformação: vivia sempre absorto nos poucos minutos que estava junto della, e com o pensamento voltado para a amante.

E Cecilia soffria cruelmente! Convergiam para aquelle coração sensível, para aquella alma santa e nobre todas as dôres que póde supportar um ser humano.

Já não havia duvida: Carlos amava outra mulher, em casa da qual passava as noites! Mas quem seria?

Uma actriz, com certeza, alguma mulher de facil conducta, mas que, entretanto, era mais feliz do que ella — a esposa fiel e sem macula!

De que servia então a honestidade?

— Oh! meu Deus! exclamava ella torcendo as mãos com desespero. E' esta a felicidade que nos reserva o casamento? Mas

nem todas as esposas são assim desgraçadas! A Augusta, que tem uma vida cercada de venturas, é adorada pelo marido! o seu maior prazer é estar sempre ao lado della, emquanto Carlos!... si não me amava o bastante para fazer-me feliz, porque me tomou para eterna companheira? Companheira! repetiu ella com um riso nervoso. Sua companheira é a amante com quem passa todo o tempo, a mulher perdida que elle prefere á sua esposa! Oh! a morte, meu Deus! a morte, que é para mim o descanso, o somno depois de tão atribulada vigilia!

. . . . .

No dia seguinte áquelle em que vimos ella queixar-se pela primeira vez a Antonietta, sua rival, a infeliz esposa se levantára mais desasperada que nunca. Nem ao menos uma pequena amizade seu marido lhe tributava? Vira-a tão doente na véspera e, em vez de voltar logo para a casa, para consolal-a na doença, fazer-lhe companhia, ou para servir-lhe em alguma cousa no caso em que ella peiorasse, deixára-se ficar na rua, sem se lembrar ao menos de que ella poderia morrer durante a noite! Oh! era demais! qualquer extranho não faria isso, si tivesse bom coração.

Marianna, indignada, louca de colera, teve impetos de gritar em face de Carlos que sabia onde elle estava; que era um infame, cobarde, um cão; emfim, de chamal-o pelos epithetos mais baixos e infamantes.

Mas contivera-se, lembrando-se de que podia Cecilia peiorar com o susto e a dôr de ver uma discussão entre duas pessoas a quem amava. Resolveu, porém, não guardar mais segredo a respeito da traição de Antonietta: contaria tudo a Cecilia.

Mas para isso era preciso ter certeza e poder affirmar que vira Carlos em casa da viuva, a horas suspeitas.

Tomando, então, as mãosinhas gélidas e descarnadas de Cecilia, disse-lhe docemente:

— Minha querida Ceci, eu prometto dizer-lhe em breve onde o Snr. Carlos passa as noites... Quer?

— Sim, ama, procura saber. Já estava para fallar-te sobre isto. Faze de modo que elle nada desconfie...

— E' o que pretendo fazer.

— Olha, recebi carta de Papae. Avisa-me que chegará depois d'amanhã. Em que estado elle vem encontrar a sua filha querida! Pobre pae! Partiu para o Rio pouco depois do meu casamento, quando a felicidade reinava ainda nesta casa. Hoje vem achar os risos transformados em lagrimas! Mas é preciso que elle não saiba a causa da minha tristeza, ouviste, ama? Promettes nada dizer-lhe?

— Sim, Ceci, mas eu achava melhor dizer tudo...

— Não! disse vivamente a moça; para que amargurar a sua velhice? ah! o seu pesar seria immenso, pois me ama tanto!

— Pobre menina! murmurou Marianna. Terá animo, Ceci, coragem para esconder de seu pae o que soffre?

— Farei tudo para que meu pae me julgue feliz. Assim elle terá uma vida tranquilla e risonha, e é o mesmo que si eu fosse venturosa; estimo do mesmo modo!

— Nada direi, socegue.

E sahiu murmurando:

— Uma santa, um anjo soffrer deste modo!

Nesse mesmo dia Marianna começou a formular o plano que devia pôr em pratica. Como havia de espionar Carlos? Não confiava em nenhum criado, pois este podia avisar o amo. Para ella segui-o era difficil, porque o moço sahia quasi sempre depois do almoço e não voltava sinão á madrugada.

Como havia de segui-o todo esse tempo?

— Ha mais de um mez que desconfio de D. Aotonietta; eu quasi nunca me engano. E de hontem para cá tenho quasi a certeza, pois notei o olhar de odio que ella lançou a Ceci. O melhor é postar-me defronte da sua casa, para ver si o Sr. Carlos lá entra. Si me engano, tanto melhor; porém duvido muito. Si ella ainda tivesse a mesma residencia, seria muito facil eu espreital-a da casa de meu amo, que é bem defronte, mas foi passar uns tempos n'uma chacara para mudar de ares! é isto que traz *agua no bico*... é para evitar que algum criado do pae da menina note alguma cousa... é isto! Eu que não me lembrei

ha mais tempo! Mas não faz mal! enrolarei bem um chale na cabeça e quero ver si alguém me reconhece!... Sento-me na calçada fronteira, e pódem *cortar-me a cabeça* si não observar muita cousa! Aquella viuvinha não me parece boa pessoa... aquelles modos desenvoltos, a que hoje chamam desembaraço de mulher de salão, no meu tempo de rapariga era *descaramento*; Si a menina fosse assim, o marido havia de apreciar-a; os homens são sempre tolos!

A velha continuára por muito tempo no seu monologo a meia voz.

A' noite ella sahiu, dirigindo-se para outro arrabalde.

A casa onde morava agora Antonietta era muito distante, e a pobre velha chegando fatigada, sentára no limiar de uma porta fechada, bem fronteira á residencia da viuva.

Essa casa era uma grande chacara de construcção antiga, com muitas janellas para a rua, cercada de lado a lado por extensos e altos muros.

Além da porta principal havia dois portõesinhos, sendo um de cada lado: um delles tinha communicação com os aposentos dos criados e o outro com os commodos da frente. Nessa parte do quintal, que era todo ajardinado, nenhum criado tinha ordem de penetrar, e era inteiramente separado do outro por uma grade.

Era por esse portão que Carlos entrava todas as noites.

Como dissemos, Marianna sentára-se defronte e esperava com paciencia, pois tinha a certeza de que a sua espionagem não seria infructifera.

As janellas da casa estavam hermeticamente fechadas, á excepção de uma junto ao portão esquerdo, através da qual se via brilhar uma luz tenue.

— São apenas oito horas, murmurou ella; elle não virá senão lá pelas nove ou dez.

Estava alli ha alguns minutos, quando appareceu uma caruagem no extremo da rua.

— Está-me parecendo que é o carro da viuva... porém não... è de aluguel.

Neste momento o carro parou junto á casa fechada, á cuja porta Marianna estava sentada; e, antes que ella se levantasse, saltára de dentro do vehiculo um rapaz, que se encaminhou para a porta.

A velha levantou-se apressadamente e ia afastar-se quando a luz da lanterna lhe bateu em cheio no rosto.

— Marianna! exclamou o mancebo, que a seguira com a vista.

— O Sr. Jorge! disse ella enleuada.

— Que fazias aqui, boa Marianna?

A velha, depois de uma rapida reflexão, resolveu dizer:

— Preciso muito fallar-lhe, Sr. Jorge.

E, enquanto o moço abria a porta e o cocheiro tirava do carro uma gande mala, ella pensava:

— Elle mora aqui defronte e portanto deve saber alguma cousa. Sempre percebi que este moço gostava de Ceci, e é possível que me ajude nas pesquisas.

— Então, Marianna, sabias que eu morava aqui?

— Entremos primeiro e depois poderei fallar-lhe.

— Que ar tão mysterioso! que succedeu?

Ella, sem responder, techou a porta e, entrando na sala, abriu uma janella, postando-se detraz das vidraças.

— Não accenda o gaz, por favor! deixe a sala assim mesmo ás escuras e sente-se aqui junto á janella.

Jorge estava cada vez mais estupefacto! que lhe queria a ama de Cecilia?

— Mas que significa... ia dizendo.

— Sr. Jorge, interrompera Marianna, sentei-me nesta porta sem saber que o Sr. aqui morava, mas tanto melhor, porque o Sr. me ajudará nas minhas pesquisas...

— Que pesquisas?!

— Peço-lhe compaixão para uma desgraçada menina que soffre! uma menina que o Sr. conhece... Ceci emfim!

— Cecilia! exclamou elle. Cecilia soffre! e por que?!

— Por que? por causa dessa maldicta vibora que a menina aconchega ao seio, chamando sua querida amiga e que, entre-

tanto a mata pouco a pouco com as suas mordeduras venenosas! Por causa dessa viuva que sempre odiei instinctivamente!

E dizendo isto a velha apontava para a chacara fronteira.

Jorge olhára fixamente para Marianna, julgando que ella estivesse com a razão alterada, tão incomprehensíveis tinham sido para elle as suas palavras.

Esta, adivinhando-lhe o pensamento, disse:

— O Sr. está julgando que estou doida, não é verdade? Pois estou no meu juizo perfeito, graças a Deus!

— Mas de que viuva fallas? nesta casa não tem viuva, que eu saiba...

— Ah! é verdade! O Sr. chega de viagem e ignora, talvez, que D. Antonietta está morando aqui defronte.

— Antonietta morando aqui?! bradou Jorge dando um pulo, mas como?! esta casa não é della...

— Alugou-a, Sr. Jorge, para poder receber o seu amante mais á vontade! Sahiu do seu palacete, porque era fronteiro á casa do Sr. Commendador, e muito perto da casa da menina, e algum criado podia ver as visitas nocturnas do genro de seu amo!

— Que me dizes?! pois então Carlos...

— E' amante de D. Antonietta, concluiu Marianna, sempre com os olhos fixos no outro lado da rua. Tres mezes depois de casado o Sr. Carlos começou a tratar sua mulher com uma frieza cada vez maior, até que a desprezou completamente. Passa todas as noites fóra de casa, e raro é o dia em que janta com Ceci. Eu, que nada tenho de tola, comecei a observar as olhadellas e sorrisos que trocavam o Sr. Carlos e a viuva; mas Ceci de nada desconfia e o que faz é chorar dia e noite! Está tão magra, que o Sr. Jorge, si a vir, não poderá reconhecê-la! E quer saber de uma cousa, Sr. Jorge? D. Antonietta odeia Ceci de morte! eu tenho notado...

— Como?! perguntou o moço afflicto e pallido.

— Hontem Ceci passou o dia bem doente, e á tarde mal se podia ter em pé, de tanta fraqueza. E' um fastio de morte, Sr. Jorge, disse a ama com a voz suffocada pelos soluços.

— Acaba, Marianna! disse o mancebo sentindo que as lagrimas lhe subiam aos olhos.

— Pois bem, continuou ella enchugando as lagrimas, á tarde ella sahiu para o jardim, pois não ha meio de ficar deitada! Não queria jantar, mas com muito custo levei-a para comer alguma cousa; e já se tinha sentado á mesa, quando a viuva entrou. Parecia admirada por vêr Ceci jantando tão tarde, mas eu notei que era um tanto fingida essa admiração. Ceci, que até este dia escondera a todos a sua magua, desabafou-se. E quando descrevia os seus padecimentos, derramando abundantes lagrimas, vi uma chamma brilhar nos olhos da viuva, e a alegria, que debalde se esforçára para conter, tambem não me passou despercebida. E a pobre Ceci não póde passar sem sua amiga! Quando ella quiz retirar-se, a menina mesma mandou o Sr. Carlos acompanhal-a, e queixou-se de violenta dôr de cabeça. Estava, de facto, muito desfigurada! O esforço que empregára durante o dia para manter-se de pé havia-lhe feito mal. Sabe qual foi o procedimento do marido? Foi acompanhar D. Antonietta e só voltou ás tres horas da manhã, sem se lembrar de que sua esposa poderia morrer durante a noite!

Um grito de indignação escapou dos labios de Jorge! Oh! uma mulher que elle amava, que adoraria de joelhos como se adora a Virgem, assim desprezada, abandonada n'uma occasião em que mais precisava de amor e carinho,— na enfermidade! Mas a causa de tudo isto? Antonietta!

Agora é que elle comprehendia tudo!

Antonietta vingava-se do seu desprezo em Cecilia, a victima innocente!

Oh! mas Deus permittia que tanta infamia se praticasse? Que Antonietta, a mulher de alma negra e torpe, a mulher que só tinha no coração a paixão bestial e nos labios a sêde de vingança cruel e absurda, martyrisasse aquella santa, aquella menina que soffria com o sorriso nos labios?

— Mas não ha de ser assim! bradára Jorge proseguindo em voz alta nos seus pensamentos. Eu não consentirei que ella continúe a sua obra de vingança, eu o juro!

Marianna olhou-o attonita!

Que queriam dizer aquellas palavras enigmaticas de Jorge?

— Depois te explicarei tudo, Marianna, disse o moço percebendo o seu espanto, mas olha...

A velha levantára-se e, olhando para o lado da rua indicado pelo rapaz, distinguio a uns vinte passos, um homem embuçado em uma grande capa hespanhola.

Adiantava-se apressadamente e passou pela casa da viuva.

— E' elle... o Sr. Carlos! disse Marianna a meia voz, porém passou a porta... ah! agora comprehendo!

Carlos, pois era elle effectivamente, parára diante do portão que ficava á esquerda da casa, e, olhando toda a extensão da rua, tirou uma chave do bolso e com ella abriu o portão, que cedeu sem ruido.

Desappareceu, fechando o portão por dentro.

Jorge e Marianna olharam-se mutuamente.

— Reconheceu-o? perguntou ella.

— Perfeitamente, respondeu o moço.

— Oh! eu tinha certeza disso, porém queria convencer-me bem e por isso vim postar-me á sua porta.

— Agora, esperemos que elle saia, e durante este tempo explicar-te-ei as phrases que pronunciei ha pouco e que te pareceram tão incomprehensíveis:

— «Ha quasi dois annos que conheci esta mulher, a quem intitulam— a bella viuva. Fui-lhe apresentado n'um baile, e ella se apaixonou por mim não sei porque, pois passava por uma mulher de gelo. Eu tambem gostei della, para que negar? Conhecia o seu physico apenas, e neste ponto é uma perfeição, como sabes; não sabia dizer, porém, si a sua alma era boa ou má. Ora, como não estamos no tempo em que havia santos que resistiam ao amor, embora elle fosse offerecido por uma mulher bem formosa, debes comprehender que gostei de ter arranjado uma conquista tão importante, sem que, entretanto, tivesse corrido para isso. Fui procurado, rendi-me aos seus encantos, eis o que fiz, notando-se que qualquer outro em meu lugar faria

o mesmo. Decidi-me, todavia, a casar-me mais tarde, si viesse a amal-a, si nella descobrisse bons sentimentos e elevação de character. Mas nada disto succedeu! Quatro mezes depois da nossa ligação eu já desprezava-a. Nada de generosidade e doçura lhe notára durante este tempo. Era má, tola e vingativa. Nesta occasião, vi pela primeira vez uma formosa menina, cujas feições reflectiam a meiguice e a bondade do seu coração. Senti-me transportado ao céu quando ouvi a sua voz! A nobreza extrema dessa joven, e sua simplicidade e modestia, unida a uma belleza doce, harmoniosa, uma belleza tão differente da de Antonietta, fizeram-me amal-a desde o primeiro momento, mas com um amor tão respeitoso, que nunca ousei declarar-lh'o. O culto que lhe dedicava nunca ella o soube! Desde então foi-me intoleravel a companhia de Antonietta, que era um contraste com Cecilia... pois já debes ter adivinhado, Marianna, que era a tua menina que eu amava! Rompi as nossas relações, tencionando pedir a mão de Cecilia logo que me formasse. Retirando-me para a casa de minha familia, pensava ahi ficar livre das perseguições da minha ex-amante, mas enganei-me! Lá mesmo procurou-me para ma annunciar o casamento de Cecilia, julgando que eu a amaria outra vez, desde que perdesse a esperanza de ser o esposo daquella que amava. Não sei como, mas ella tinha descoberto que eu amava a sua amiga. Supportei a sua colera, as suas lagrimas, e não cedi. Confessei-lhe até francamente que já não podia amal-a, porque nunca Cecilia sahiria do meu pensamento, embora pertencesse ella a outro homem. Antonietta, então, votou um odio de morte á moça, que nem siquer desconfiava do meu amor, e jurou vingar-se da mulher que me inspirára tão puro affecto, fosse ella culpada ou não. E' o que faz: vinga-se de Cecilia, fazendo seu esposo abandonal-a! Comprehendeste, Marianna?»

— Sim, disse esta, mas que mulher terrivel! O Sr. ainda ama Ceci, pelo que vejo!

— Sempre! respondeu o moço com voz triste. Mas o meu amor é desinteressado e puro. Ella pertence a outro homem e nunca será minha, bem o sei. Mas quero vel-a feliz! isto será o unico consolo para a minha alma. Por isso, Marianna, conta

com o meu braço para afastar Carlos do caminho errado que segue, e cair aos pés de sua esposa, pedindo-lhe perdão de seus desvarios e jurando amal-a como ella merece.

— Vá amanhã ver Ceci, Sr. Jorge. Ella sempre falla no Sr., que nunca mais appareceu! Vá para julgar do seu estado.

— Irei amanhã visital-a.

. . . . .

Eram tres horas da manhã, quando Carlos sahiu da casa da viuva.

— Agora tenho de passar o resto da noite aqui, disse Marianna.

— Felizmente tenho ahi duas camas. Uma é de um companheiro que está ausente. Vai deitar-te, para que logo estejas forte.

Marianna dormiu logo; só Jorge não pudéra conciliar o somno.

A claridade da manhã, entrando pelas frestas da janella, encontrou-o na mesma posição em que se deitára, procurando um meio qualquer de proteger Cecilia.

Marianna dirigiu-se muito cedo para a casa, e Jorge, achando inconveniente ficar defronte da viuva, resolveu mudar-se para o hotel onde comia.



## VI

— Então que descobriste, ama? perguntára Cecilia no outro dia, logo que viu Marianna.

— Nada, esta noite, Ceci, pois o Sr. Carlos tomou um carro, e como havia eu de segui-lo desta fórma? Assim mesmo andei até ás onze horas para ver si o encontrava, até que, desanimada, fui passar a noite em casa de minha sobrinha. Mas socegue, Ceci, que elle não ha de andar de carro todas as noites.

Marianna, como vêm os leitores, não dizia a verdade, por conselho de Jorge, em quem ella depositava toda a confiança.

— E irás espional-o todas as noites?

— E porque não? não quer?

— Pobre ama! disse Cecilia abraçando-a. Graças a Deus tenho ainda um coração amigo que bate por mim! Tu me amas tanto como meu pae, e eu amo a ambos tambem da mesma fórma.

— Oh! Ceci! exclamou Marianna commovida, para fazel-a feliz daria todo o meu sangue.

— Não imaginas, Marianna, como estou afflicta para que papae chegue! quero ter junto de mim as duas unicas pessoas que me estimam... ah! não são as unicas... tenho uma amiga que tambem daria a vida por mim... que me ama sinceramente! E' Antonietta! como sinto-me triste o dia em que não a vejo!

— Ceci! disse a ama com azedume, é preciso que não compare a minha amizade por você e a de seu pae, com a de sua amiga!...

— Marianna! então és ciumenta? perguntou a moça sorrindo.

— Não! mas não gosto da sua amiga, ouviu? embirro com ella, não sei porque! si você me quizer ser agradavel, não pronuncie o seu nome diante de mim, muito menos para elogial-o!

A joven sorriu, não dando importancia ás palavras da ama.

A' tarde, Cecilia sahiu para o jardim.

Já não esperava seu esposo: logo que soavam cinco horas maudava pôr o jantar, sentando-se á mesa em companhia de Marianna, e tocando apenas na comida. Depois descia outra vez para o jardim, e só se recolhia quando as trevas já se haviam espalhado pelo espaço.

Nesse dia estava mais triste e abatida. Já não soffria só moralmente. Era impossivel essa moça franzina e impressionavel supportar tantos dissabores, tantas maguas, sem ficar enferma.

Doiam-lhe o peito e as costas.

Caminhava com o debil corpo inclinado para a frente, como uma fragil plantinha vergada pelo sopro de um furacão.

Depois de vagar algum tempo com passos arrastados e incertos, atirou-se para um banco, tomada de um grande cansaço, com o corpo a tremer-lhe todo e as pernas tropegas.

A respiração parecia oppressa e quasi a suffocava.

Suspirando repetidas vezes, sentiu-se melhor.

Com a cabeça encostada no recosto do banco, fitava os ultimos raios de sól que douravam as franças dos arvoredos, e com os olhos cheios de lagrimas murmurára:

— Assim a minha vida se extinguisse com esses pallidos raios de sól!

— Ceci! disse uma voz sentida atraz della.

A moça voltára-se e, reconhecendo a sua ama acompanhada de Jorge, soltou um grito e, muito confusa, disse:

— Sr. Jorge! estava ahi... ha muito tempo? não os senti...

— Chego neste momento, D. Cecilia, e peço-lhe perdão... mas foi a sua ama quem aqui me conduziu...

— Oh! não tem de que pedir-me perdão, Doutor, senão por não ter vindo ainda em minha casa, apesar de tel-o convidado tanto. Sente-se, disse ella apontando para um banco ao lado; o jardim é o meu enlevo, por isso peço-lhe desculpa de recebê-lo aqui.

— Estou bem em qualquer parte; não se incomode.

Marianna ia retirar-se, mas Cecilia deteve-a dizendo:

— Pódes ficar fazendo-nos companhia, Marianna; não és de mais entre nós.

Jorge contemplava-a amargurado.

Desde o dia do casamento, que só a via de longe e agora espantava-se da mudança que se operára na pobre moça. O seu rosto perdera o colorido de outr'ora; os olhos tinham uma expressão dolorosa; e a bocca, tão formosa, estava livida e um pouco entre-aberta, como para deixar passar o ultimo sopro de vida que animava ainda o seu corpo debil.

O rapaz sentiu um aperto no coração; uma suffocação extranha fez com que elle, inconsciente, deixasse escapar esta exclamação, com a maior amargura na voz:

— Oh! D. Cecilia! como está mudada! em que estado a Sra. se acha!...

A moça baixou a cabeça sem responder e duas lagrimas silenciosas correram-lhe pelas faces pallidas. Depressa ella procurou enchugal-as, temendo fazer um papel ridiculo, mas o moço já as tinha visto.

Jorge não pôde mais conter-se.

Era superior ás suas forças presenciar essa dôr muda, immensa, o soffrimento daquella por quem elle daria a vida, para evitar que uma sombra de tristeza lhe pesasse sobre a fronte, onde elle via brilhar a auréola dos martyres resignados! E sem poder estancar-lhe o pranto, que sentia cahir em seu coração como gottas de chumbo! Sem poder amparar em seus braços esse corpo adoravel de criança, alquebrado pelas amarguras, e que via, com horror, que em breve desapparecia nas profundezas de um tumulo! Que restaria depois dessa menina tão bella e bondosa, morta no alvorecer da vida, sem ao menos haver conhecido a ventura nos curtos momentos da sua mocidade? Uma lagrima saudosa de seu pae e um sorriso de triumpho nos labios da infernal Antonietta! Só, nada mais! A elle era vedado chorar a sua morte; não ousaria mostrar a sua dôr e as suas lagrimas, porque ninguem comprehenderia um amor tão puro,

e talvez atirassem um punhado de lama sobre a memoria da immaculada morta! Oh! mas quem sabe si não seria tarde para tentar salvá-la?

O rapaz, com este ultimo pensamento, levantára-se precipitadamente e, voltando-se para Cecilia, disse-lhe com voz entrecortada:

— Senhora, no dia do seu casamento orei fervorosamente a Deus, para que a fizesse a mais feliz das esposas! Vejo que elle não quiz ouvir-me, não porque a minha oração não fosse sincera, mas pelos mysterios insondaveis da sua vontade, que devemos sempre respeitar. Porém tenho ainda a esperança de vê-la feliz d'aqui ha alguns dias, ou amanhã mesmo, talvez... Adeus, D. Cecilia, prometto-lhe a felicidade brevemente... Não quero prolongar mais o meu supplicio...

Estas ultimas palavras pareciam arrancadas dolorosamente.

Jorge afastára-se acompanhado de Marianna, que lhe perguntava baixinho:

— Que pretende fazer, Sr. Jorge?

— Não sei ainda... mais tarde saberás, Marianna.

Cecilia ficou immovel e com os olhos fixos no lugar onde desaparecera o moço.

Depois sentou-se outra vez no banco e, encostando a face na mão, pôz-se a meditar. Lembrou-se do dia de seu casamento, da sua conversação com Jorge e das indirectas inconvenientes de Antonietta.

De repente um raio luminoso entrou em seu cerebro:

— Oh! comprehendo tudo agora! elle me ama ha muito tempo... Mas como só agora descobri?... Depois do que succedeu na noite de meu casamento, não havia mais duvida, porém esqueci esse incidente e só agora é que me lembrei... Como estava desfigurado n'aquelle dia! Entretanto, nunca me confessou o seu amor!... Como saberia elle de minha desgraça?... E diz que serei feliz ainda!... será possivel?

E a moça permaneceu muito tempo n'uma meditação profunda...

. . . . .  
. . . . .

Entretanto Jorge sahira da casa de Cecilia n'uma agitação indescriptivel.

Percorria febrilmente as ruas da cidade, sem destino, procurando encontrar Carlos por acaso, pois não sabia onde elle poderia estar áquella hora.

Já era noite quando, ao passar pela porta de um bilhar, avistou Carlos, sentado junto de uma mesa onde jogavam dois rapazes.

O mancebo entrou, dirigindo-se resolutamente para o seu lado.

— Ora viva! exclamou Carlos jovialmente, levantando-se logo; ha tanto tempo que não o vejo, doutor! Por onde tem andado?

— Em viagem, ha quasi um mez...

— E' bem agradavel uma viagemzinha de vez em quando. Porém o doutor não ha de poder sahir muitas vezes, porque já abriu escriptorio...

— Não tenho muito serviço, o povo não confia muito nos advogados noveis.

— Isto é verdade.

Jorge, tendo pressa de tocar no assumpto que o levára a procurar Carlos, disse:

— Peço-lhe licença para fallar-lhe do que me traz aqui. Ha uma hora que o procuro, e já ia perdendo a esperança de encontral-o hoje.

— Tem alguma cousa a dizer-me?

— Sim, e peço-lhe retirarmo-nos para algum lugar onde a nossa conversação não seja ouvida... Não terá aqui algum gabinete?

— Tem, mas vejamos! é negocio de tanta importancia?

— De muita importancia.

— Então vamos.

Jorge seguiu o moço, que, depois de fallar um instante com o dono da casa, abriu uma porta de vidro e chamara-o.

Sentaram-se ambos, e Jorge principiou:

— Senhor, peço-lhe calma e prudencia, e sobretudo acreditar no que vou dizer-lhe, pois juro pela minha honra que é a verdade!

— Mas que significa este preambulo?! perguntou Carlos espantado pelo ar theatral que ia tomando aquella scena.

— Vou contar-lhe os amores de uma joven viuva muito bella, da mais alta sociedade, e que finge amar um homem casado, só para vingar-se da esposa, a quem odeia.

— Mas... disse Carlos inquieto e um pouco irritado, a que proposito vem isto? Si não fosse o seu ar tão grave, julgaria que estava caçoando commigo!...

— O Sr. já está se irritando! eu pedi-lhe calma...

— Pois bem, continúe.

Jorge contou-lhe sua historia amorosa, com todos os episodios, seu aborrecimento pela amante, sem entretanto dizer o nome da viuva. Não disse tambem que amava Cecilia, mas que a viuva, julgando o rompimento occasionado pelo amor de outra mulher, desconfiára de uma sua amiga, uma menina que pouco depois casou-se, e odiára-a sem razão, jurando vingar-se della, tomando-lhe o esposo; foi o que infelizmente tinha já acontecido.

— Basta! bradou o rapaz levantando-se com o olhar colerico e avançando para Jorge. Diga-me uma só palavra, peço-lhe: como se chama essa viuva?

— Antonietta Barros, respondeu o moço firmemente.

— Ah!...

— Bem vê que o Sr. é para ella um simples instrumento de vingança...

— A prova do que diz! quero-a! quem me affirma que não foi o Sr. o despresado, e por isso quer vingar-se?

— A prova dal-a-hei quando quizer, até hoje mesmo. São apenas sete horas, ha tempo bastante.

Jorge chegou á porta do gabinete e chamando o proprietario, pediu-lhe papel, penna e tinta.

— Que vai fazer? perguntára Carlos, muito pallido.

— Vou escrever um bilhete á viuva.

E sentando-se junto a uma mesa, escreveu ?

« Antonietta :

Permittirás que um desgraçado, arrependido das loucuras passadas, vá implorar-te perdão ?

Permittirás que as horas felizes que passamos juntos outr'ora, voltem de novo esta noite ?

Responde pelo portador.

*Jorge.*»

Depois de prompto o bilhete, estendeu-o a Carlos, que o lera tremulo.

Em seguida perguntou-lhe :

— O Sr. não tem algum lugar em que costume estar a esta hora, e que ella saiba ?

-- Sim, disse o moço, que parecia um automato, ella sabe que a esta hora estou sempre no «Java»...

— Então vá para lá, porque talvez ella lhe escreva, e d'aqui ha pouco irei procural-o para mostrar-lhe a resposta do meu bilhete.

Carlos sahiti com passos vagarosos, dirigindo-se para o Café.

Jorge enviou o bilhete por um menino que se achava encostado á porta do bilhar.

A resposta não se fez esperar, e era concebida nestes termos :

«Dez minutos gastei em ler o teu bilhete, Jorge, receiosa ainda de que fosse um sonho bem encantador, do qual eu despertaria mais infeliz ! Será possível que estejas arrependido do mal que me fizeste ? Oh ! meu adorado Jorge, vem ! Espero-te, contando os minutos que faltam para apertar-te ao seio.

*Antonietta.*»

Sabiu então do bilhar, tomando o caminho do Largo do Rosario.

Bem junto á porta do «Java» avistou Carlos, que fallava com Esther, a criada de Antonietta.

Afastára-se um pouco até a criada sahir, dirigindo-se depois para o Café.

Carlos segurava um papel que quasi se lhe escapavam das mãos, tão tremulas estavam.

— Aqui tem a resposta, disse Jorge entregando-lhe o cartão da viuva.

Elle agarrou-o febrilmente :

— Não ha duvida, Sr. Jorge, que sou enganado! Veja o que ella me diz neste cartão, que me foi entregue agora pela criada :

«Carlos :

Uma enxaqueca me tem prostrada hoje no leito. Peço-te, portanto, adiar tua visita para amanhã. Aquella que muito te adora.

*Antonietta.*»

Jorge não poudé deixar de soltar uma gargalhada, ao comparar os dois bilhetes.

Carlos, olhando-o, disse tristemente :

— Si eu pudesse rir como o Sr. ! porém não ! aquella perfida teceu bem as suas teias ! sinto-me preso, sem força para rompelas ! Oh ! amo-a como um louco !

— Oh ! Senhor ! nem diga isso ! quem tem uma esposa como a sua... e em que estado a infeliz está !

O moço estremecera. Não se lembrava de sua mulher a hora nenhuma.

— Já são horas, continuou Jorge, vamos. Eu entro pela porta principal e o Sr. pelo portão de que tem a chave...

Carlos nem perguntou como o rapaz sabia tanta cousa ; estava abysmado.

Emquanto seu companheiro era introduzido na sala da viuva, Carlos, contendo a respiração, postava-se atraz da porta de um gabinete contiguo. Queria ouvir tudo, torturando, por esse modo, a si proprio.

Logo que viu Jorge, Antonietta correu-lhe ao encontro, abraçando-o freneticamente.

— Jorge! Jorge!

Foram as unicas palavras que pode pronunciar; uma grande commoção suffocava-a, e vinham-lhe lagrimas aos olhos.

— Antonietta, disse o moço depois de passar alguns momentos, continuás a amar-me como sempre?

Perdôas-me?

— Oh! perdôo-te de todo o coração, pois que me restitues a vida! Não continuo a amar-te como outr'ora, não! amo-te mil vezes mais! Soffri tanto com o teu abandono!

De repente Antonietta entristeceu.

— Então já não amas Cecilia?

— Ora! pois ella está casada! Amei-a quando solteira, perdôa a minha franqueza; porém ella nunca desconfiou do meu amor!

— Está tudo acabado! serei outra vez feliz, e todos felizes! Tinha jurado vingar-me, mas esqueço essa vingança, que infelizmente já tinha começado...

— Vingavas-te de quem Antonietta? perguntou Jorge affectando um sorriso.

— Da pessoa mais culpada do meu soffrimento... mas não fallemos mais nisto; fallemos em nossa felicidade... todo o passado está esquecido...

Carlos, que não tinha deixado escapar uma só palavra, um gesto da sua amante, não pode mais supportar aquella tortura immensa que o esmagava.

Abriu com violencia a porta do gabinete, e, postando-se diante da viuva, que empallidecera horriavelmente á sua apparição, disse com uma irritação surda:

— Tem razão, senhora! tudo está acabado! Não serei mais o instrumento da sua vingança, nunca mais, ouviu?

E dirigiu-se para a porta, prompto para abril-a.

— Espere, Sr. Carlos, disse Jorge.

E, voltando-se para Antonietta, disse-lhe com uma frieza desdenhosa:

— Enganei-a, para conseguir afastar este homem de um caminho errado, e dar á sua esposa o amor que deposita em tão indignas mãos. Não a amo e desprezo-a mais que nunca, porque uma mulher que se deshonra, não pelo amor, que seria desculpavel, mas pela vingança, é uma mulher desprezível! Não a amava, porque era este o meu destino, e muito sentia, juro-o! porém agora, si por desgraça viesse a amal-a, teria força bastante para esmagar este amor, que me aviltaria para sempre!

E sahiu em companhia de Carlos.

Antonietta ficára immovel, com os olhos muito abertos, atarrada! Perguntava si tudo aquillo não seria um pesadelo horroroso! mas não! alli, em cima do aparador de marmore, estava o bilhete de Jorge... Jorge que tinha preparado aquella comedia de amor, na qual tolamente acreditára! Jorge que a trahira miseravelmente e que tinha destruido a sua vingança, unico consolo para o seu soffrimento!

— Esther! Esther! gritou ella colerica, como que lembrando-se de alguma cousa.

A criada appareceu, e ficou espantada de achar sua ama só, no aspecto terrivel em que estava.

— Então, Esther, cumpriste o que te ordenei?

Fechaste bem o portão, creio eu?

— Quando?

— Logo que o doutor entrou, conforme as suas ordens. Mas que succedeu? perguntou a criada, que tinha muita liberdade com a ama.

— Oh! Esther! sabes o que aconteceu? Carlos entrou...

— E surprehendeu o doutor?!

— Não, porque Jorge já lhe tinha contado tudo, e combinaram, então, essa comedia... oh! nem posso lembrar-me! Jorge escreveu-me aquelle bilhete que viste, na presença de Carlos, e ambos entraram na mesma occasião; Carlos, para ouvir nossa conversação e certificar-se do que lhe disse Jorge... comprehendes?

— Ah!...

— Carlos sahiu protestando nunca mais ver-me...

— Então o doutor...

— Não me ama, e continúa a amar Cecilia, pois por amor della é que elle aqui trouxe Carlos...

— Entendo.

— Tudo está perdido, Esther!

— Não tanto como a Sinházinha diz...

— Como?!

— O Sr. Carlos sahiu furioso, porém não poderá esquecel-a. Aposto que d'aqui a alguns dias virá procural-a... elle adora-a!

— Duvido! Mas... retira-te, Esther, hoje não preciso mais de teus serviços.

A criada obedeceu.

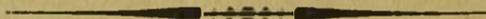
— Oh! miseravel! rugia Antonietta com os dentes cerrados e os olhos faiscantes, infame! Pensas que desisto do meu intento? nunca! nunca! no dia em que eu perder a esperança de vingar-me, perderei com ella a minha vida! Sim! Antonietta ou vingá-se ou morre! odeio agora todos os tres! Odeio Carlos, odeio Cecilia e odeio ainda mais Jorge, que ha poucos minutos amava com delirio. Continuarei a minha obra de vingança e não recuarei um passo! Conheço o predomínio que tenho sobre Carlos, que, apesar de tudo, não poderá livrar-se delle. Procural-o-ei, e, á minha vista, elle esquecerá tudo!

Correu para o espelho e, contemplando sua seductora imagem, continuou:

— Sou bella de mais para que Carlos me esqueça. A sua paixão era muito forte! Que importará a elle que eu seja uma mulher perdida, desprezível, si eu sou bella, bella a ponto de tornal-o meu escravo? Si esta belleza será sua, a proporcionar-lhe toda a ventura? A lembrança das horas que passou commigo ha de queimar-lhe o cerebro, e, desvairado, virá cahir a meus pés. Porém hoje irá encontrar-se com Cecilia... e talvez seu coração seja tocado de compaixão pela esposa... Satanaz! vinde em meu auxilio! Será tua a minh'alma no dia em que Cecilia succumbir ao peso da desgraça e Jorge, que a ama,

acompanhal-a ao tumulo, depois das mais horriveis torturas, depois de ver a vida de sua amada extinguir-se sem lhe poder dar um remedio! Sem poder, ao menos, encostar seus labios apaixonados na face livida da morta, sem ter a consolação deste ultimo osculo! Tal é o meu desejo!

Dizendo estas ultimas palavras, ergueu a cabeça com um gesto brusco, desenrolando, então, os seus magnificos cabellos, que lhe cobriram os hombros, e, altiva, arrogante, com as faces morenas afogueadas subitamente, o olhar terrivel, parecia que o espirito máu, que ella ha pouco invocára, tinha, emfim, penetrado no seu corpo!



## VII

Carlos sahira da casa da viuva em companhia de Jorge.

Caminhavam silenciosos, ambos mergulhados na mais profunda meditação, quando chegaram á rua onde morava aquelle.

Este parou á esquina :

— Agora sigo á direita...

— Onde reside, doutor ?

— No hotel de França.

— Ficar-lhe-ei eternamente grato, pelo interesse que mostrou por mim, e pelo favor que julgou prestar-me. Estou sempre ás suas ordens. Boa noite.

Separaram-se.

Carlos afastou-se rapidamente e, em poucos minutos, chegou defronte de sua casa. Sempre absorto, abrindo o portão, ouviu os accordes de um piano acompanhando uma voz de mulher, suave, melancholica, divinal! Cantava muito baixo, quasi a medo, uma canção desconhecida, cuja musica, repassada de profunda magua, commoveria o mais emperdenido coração.

Parou extasiado a escutar.

Muito devagarinho, subiu a escada e sentou-se n'um banco do terraço. A voz continuava cada vez mais pungente, e os accordes do piano, acompanhando-a, pareciam uns gemidos dolorosos seguindo uma lamentação.

A musica era escripta em *la* menor; o tom mais triste e agradável.

Era uma composição de Cecilia. As longas noites de solidão e tristeza, tinham-n'a tornado poetisa.

Carlos, n'uma grande attenção, pode ouvir as lettras da canção :

Quando minh'alma adeja tristemente  
Pelos sonhos felizes do passado,  
Sinto que a dôr invade cruelmente  
O meu dorido peito acabrunbado.

Em vão quero fugir dessa lembrança  
Que a minha vida inteira despedaça...  
Debalde espero um dia de bonança  
No turbilhão immenso da desgraça!

Tudo desfeito, oh! Deus! tudo desfeito;  
Os gosos e prazeres que eu sonhára!  
Nada mais resta no meu fraco peito,  
Daquelles sonhos que a illusão formára!

Tudo se foi! minha alma já não vaga  
Pelas loucas chimeras, como outr'ora!  
Só sinto dentro em mim a cruel chaga  
Que sangra o coração e que o devóra...

Aquelle que eu adoro com delirio,  
Aquelle de quem sou mulher e escrava,  
E' quem torna mais duro este martyrio,  
E' quem meu tumulto impassivel cava!

Viver immersa n'um soffrer profundo,  
Não mais eu quero, meu bondoso Deus!  
Antes prefiro abandonar o mundo,  
E repousar, feliz, nos braços teus!...

\*  
\* \*

A ultima nota soára como um brado de agonia, e fôra-se extinguindo pouco a pouco.

Esta canção tão melancolica, á hora adiantada da noite, o sussurro do vento açoutando os espessos arvoredos do sombrio jardim, produziram em Carlos um effeito maravilhoso.

Sentiu-se commovido, com o coração pungido de remorsos.

Sua imaginação apresentava-lhe a triste figura da esposa, tão joven, tão bella e virtuosa e, no emtanto, abandonada, esquecida! Emquanto elle passava as noites ao pé de Antonieta, uma mulher que fingia amal-o para satisfazer o seu odio, Cecilia, sempre meiga, apesar da infidelidade do marido, desfallecia ao sopro do infortunio! Pobre Cecilia!

E seria despezal-a, abandonal-a, que elle havia jurado aos pés do altar?

Oh! louco! mil vezes louco, que tinha abandonado a perola que lhe pertencia, para correr ao brilho de um grande thesouro que o fascinava de longe, mas que, semelhante a uma miragem do deserto, era falso, enganador!

Não devemos estranhar a subita mudança no espirito do moço, pois a decepção de que fôra victima lhe havia dissipado, ao menos momentaneamente, os vapores d'aquella paixão que, semelhante á embriaguez, lhe obscurecia a razão.

Continuava, pois, absorto nos seus pensamentos, quando se elevou outra vez a voz, cantando o ultimo verso da mesma canção, mais tristemente ainda!

Carlos levantou-se do banco, abriu muito de leve a porta que dava para o gabinete, e, abafando o ruido dos passos, caminhou até a porta da sala.

Todos pareciam dormir, apesar de serem apenas dez horas, tão grande era o silencio no interior da casa, só interrompido pela voz suave da cantora.

Parou á porta para observar a esposa, que tão enlevada estava no piano que nem o presentiu.

Quando acabou de cantar, ia debruçar-se no teclado, conforme o seu costume, para dar livre curso ás lagrimas, quando uma mão, levantando-lhe a frente, fel-a voltar-se assustada.

— Carlos! bradou ella.

— Cecilia! disse elle ajoelhando-se. Perdôa o que te fiz soffrer! Perdôa o teu esposo arrependido!

— Que tenho eu a perdoar-te, Carlos? disse Cecilia comovida.

— Dize que me perdôas, já que não sou mais digno da tua estima!

— Digno ou não, tu tens toda a minha amisade. Uma mulher deve sempre perdoar as fraquezas do esposo, desde que elle esteja arrependido.

— Tua alma é uma fonte inexgotável de bondade, Cecilia! Quizéa ver-te raivosa e terrível, afim de atirar-me a teus pés para que descarregasses sobre mim a tua colera! Mas vejo-te com uma resignação angelica, com a sublime virtude da caridade sempre pendente dos labios; e isto faz-me mal, sinto-me fraco, pequeno, miseravel, e receio sujar as tuas mãos com um beijo! Ah! Cecilia! o remorso é uma cousa horrível!

— Não fallemos mais no passado, o qual esqueço de boa vontade.

E pousou um beijo na fronte do esposo, que a recebeu nos braços.

. . . . .

No dia seguinte ella levantou-se cedo. Anciava por contar a Marianna a sua felicidade.

Como lhe parecia agora suave, encantador, o amor de um esposo! Admirava-se até como pudéa passar tanto tempo sem elle.

— Ama! exclamou ella, logo que avistou a velha, viste a hora que Carlos entrou, não?

— Assim que elle entrou, fui olhar ao relógio e fiquei muito admirada, pois eram apenas dez horas.

— Pois, ama, o que tu não sabes é que elle se ajoelhou a meus pés pedindo-me perdão e jurando nunca mais abandonar-me!

— Ah! eu logo desconfiei, Ceci, quando os vi tomando chocolate juntos, sorrindo-se um para o outro...

— Ainda me custa a crêr! Oh! como sou feliz agora! e são duas felicidades juntas, Marianna; Papae chega hoje!

— Mas que succederia? perguntou Marianna.

Depois, como fallando comsigo mesma, murmurou baixinho:

— Aqui, com certeza, anda a mão do Sr. Jorge...

— O Dr. Jorge?! que tem elle com tudo isto? interrogou a moça.

Marianna lembrou-se de que tinha commettido uma imprudencia, mas já não podia recuar.

— Ceci não se recorda de suas palavras, hontem? não disse que tinha esperança de vel-a feliz, talvez hoje? tenho quasi a certeza de que elle andou neste negooio...

— E' possivel! murmurou Cecilia pensativa.

— Quer saber de uma cousa, Ceci? disse a ama chegando-se para a moça. Parece-me que o Sr. Jorge a ama... e muito!

— Marianna! exclamou a moça, com leve tom de censura. Não vês que estou casada, e que é um crime até pensar nestas cousas?

— Perdõe-me, menina, mas não entendo que faça mal dizer sto, pois sei que é incapaz de offender seu esposo... apesar de que elle bem o merecia.

Entretanto, Cecilia, que censurára sua ama por fallar-lhe no amor de Jorge, sentia o seu pensamento arrastado para o rapaz. Seria por sua intervenção que seu esposo lhe voltára? Seria sua mão protectora que desviára Carlos do caminho da perdição, guiando-o até junto della, fazendo-o comprehender que era alli, em sua companhia, que devia passar todo o seu tempo, que era a esposa a quem devia amar?

Sentia já uma imperiosa curiosidade de saber ao certo.

Neste mesmo dia, á tarde, teve occasião de satisfazer a sua curiosidade.

Carlos tinha sahido para esperar o Commendador, que chegava do Rio, depois de alguns mezes de ausencia.

Cecilia passeava no jardim, que era o seu enlevo, não lacrimosa como d'antes, mas alegre, feliz, com um sorriso a illuminar-lhe o rosto pallido.

Estava, já havia meia hora, occupada em colher flôres e fazer um lindo ramallete, para enfeitar o quarto do pae, quando avistou Marianna, que corria para ella, com uma carta na mão, dizendo:

— Ceci, aqui tem uma carta do Dr. Jorge!

— Do Dr. Jorge?! como sabes? pois não veio pelo correio?

— Não! foi-me entregue por elle mesmo alli no portão. Disse-me assim: «Entregue esta carta a D. Cecilia, mas quando ella estiver só.»

— Oh! que será? exclamou a moça indecisa.

— Abra a carta, que saberá, explicou Marianna rindo-se.

A joven rompeu o envolucro da carta e leu o seguinte:

«Senhora:

— Immerso n'um profundo desespero, fugi hontem da sua presença, para não offendel-a com a expansão da dôr que a custo suffocava no peito. A sua desgraça torturava-me mais que á Sra. propria. Amando-a como um insensato, não pude mais supportar a presença da sua dôr, e, louco, fugi para buscar um meio de tornal-a feliz, sem saber como; não trepidaria, porém, se me pedissem, como troca da sua ventura, a ultima gotta do meu sangue!

Tudo daria para que nunca mais chegasse aos meus ouvidos a noticia de que não gozava felicidade, digna de uma alma de santa! Empreguei todos os esforços, e Deus, compadecido emfim do desgraçado, cuja unica ambição é ver a mulher amada cercada de risos, consentiu que fosse bem succedido no meu plano.

A Senhora hoje é feliz, e é quanto me basta. Perdõe ao pobre louco não guardar por mais tempo, como um segredo inviolavel, erte amor que sente pela Sra.! O seu coração, thesouro de misericordia, terá ao menos por mim a compaixão, sentimento este que nunca se póde negar a um infeliz. Não terá de corar ao pé de mim, porque não me verá mais emquanto fôr feliz, o que rogo ao céu que seja sempre. Mas si, algum dia, eu souber que chora, estarei outra vez a seu lado, para offerecer minha vida e honra em troca da sua ventura!

Entretanto, eu lhe aconselho a que faça uma viagem bem longa para que seu marido se esqueça para sempre da mulher que o tinha arrastado a seus pés. Esta viagem será tambem proveitosa para a Senhora, em vista de seu estado de saude.

Adeus, D. Cecilia; peço-lhe perdão da minha ousadia, mas bem vê que minha loucura é desculpavel, tanta é a dôr que existe ainda em minh'alma.»

Aqui terminava a carta de Jorge.

Cecilia tinha-a lido em voz alta, para que Marianna a ouvisse.

— Tu adivinharte, ama!

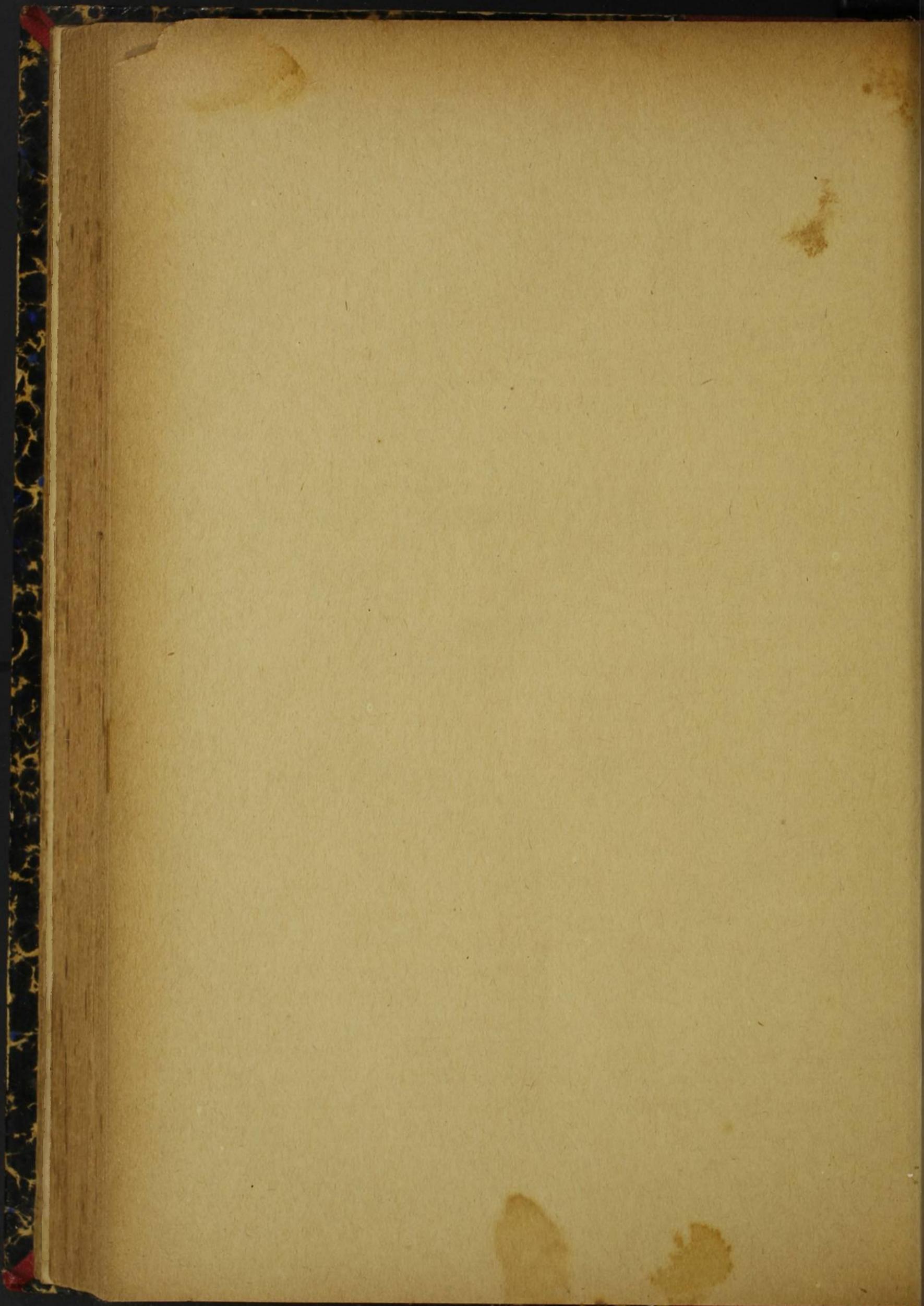
A velha sorriu maliciosamente, e retirou-se pensativa.

— Que nobreza d'alma! pensava Cecilia. Que coração de diamante! Oh! sinto que já o estimo tanto como estimaria um irmão, si o tivesse!

E a moça ficou-se immovel, com a cabeça baixa e o olhar vago...

. . . . .





## VIII

Nesta noite, a casa de Carlos tomou o aspecto festivo e alegre que ha muito tempo perdera.

Cecilia, que havia quatro mezes, vivia isolada, fugindo da sociedade, pretextando sempre doença para deixar de fazer visitas ou recebê-las, desejou neste dia reunir algumas pessoas mais intimas, para esperar seu pae. Agora já não tinha lagrimas para esconder a olhos indiscretos: era feliz. Só uma lembrança empanava-lhe a ventura e a fazia entristecer de repente, — era o amor de Jorge. Emquanto ella tinha o sorriso nos labios, que magua pungente não despadaçaria o coração do infeliz mancebo!

Ella soffrera muito, mas tinha a esperança de que um dia seu esposo voltaria, e esse dia chegára emfim. Mas Jorge? a sua unica esperança era esquecer aquella que tanto amava!

E isto seria possivel? Não a havia amado elle desde solteira e este amor não tinha permanecido sempre? Esquecel-a?! A moça bem conhecia a profundeza d'aquelle affecto que infelizmente inspirára!

Sua alma opprimia-se com uma grande compaixão, sentindo, então, a sua felicidade, que custára a desventura de outro.

Mas porventura era culpada deste amor que nunca alimentára?

Oh! como esperava, anciosa, a vinda do pae, para contar-lhe tudo, tudo! Estava saudosa de atirar-se a seus braços affectuosos e contar-lhe a sua felicidade de tornar-se amada pelo esposo, depois de quatro mezes de soffrimentos!

Como o pae não ficaria enlevado com o nobre procedimento de Jorge! Mostraria a carta; e já sentia um grande prazer ao pensar que seu pae amaria Jorge como a um filho, si ella já o amava como irmão!

Este amor não era um crime, pois bem o merecia o dedicado rapaz!

E a moça corria, afflicta, para a janella, applicando o ouvido para distinguir o rodar longinquo de algum carro.

Oito horas já o relógio marcava, e seu pae não apparecia! Não viria elle, ou o trem estava atrasado? Era mais provavel esta ultima hypothese, pois, si assim não fosse, Carlos já estaria de volta para avisal-a.

Finalmente, á 8 1/2 horas, parou ao portão o carro que trazia o Commendador.

— Meu pae! meu querido pae! exclamou Cecilia correndo para o jardim e cobrindo o ancião de beijos.

— Ceci! minha queridinha! disse o velho commovido.

— Pensei que não voltava mais! Tres mezes longe de mim!

— Ora! filhinha! nem tu pensavas em teu pae! Tinham lá tempo de pensar em mim, em plena lua de mél? disse elle olhando significativamente para os esposos.

E o velho amimou a face de sua filha; beijou-a varias vezes, na frente, como para compensar os noventa dias que passára sem estas doces caricias.

Depois subiu para o salão, em companhia do genro, deixando Cecilia atraz, a qual cahira de repente n'uma grande tristeza.

E' que as palavras do pae lembrára-lhe as torturas por que passára, cousa que ella daria vinte annos de vida para poder sepultar nas trevas do esquecimento eterno. Quanto tempo não teve para pensar em seu extremoso pae, nas horas longas da noite, em que se via só, abandonada, sem um olhar carinhoso, sem ouvir uma phrase terna, que é o licor de vida para as almas sensiveis? Quantas vezes não pensára em seu tempo de solteira, em que seu bom pae a cercava de todos os cuidados?

Quantas vezes, banhada em lagrimas não o chamava baixinho, sem se atrever, todavia, a escrever-lhe contando a verdade, temendo amargar-lhe a velhice?

Com estas dolorosas reflexões subiu á sala de jantar, para dar ordem de servirem o chá.

Ás onze horas da noite, as poucas pessoas intimas que se reuniram em casa de Cecilia, já se haviam retirado.

O Commendador, que até essa hora ainda não tinha tido occasião de fallar com sua filha, chamou-a e, fazendo-a sentar em seus joelhos, pousou no formoso rosto de Cecilia um olhar repleto de ternura, que logo tornou-se de espanto e susto.

A luz do lustre illuminava em cheio o rosto da moça e o pobre pae só agora reparava na transformação por que ella passára.

— Minha filha! que tens?!

— Eu, papae?! balbuciou Cecilia confusa, nada!

— Estás doente e não me avisaste!

— Papae está enganado, nada tenho: góso perfeita saude...

O Commendador, voltando-se para o genro, perguntou:

— Que tem tua mulher, Carlos?

O rapaz corou excessivamente, pois só agora reparava na pallidez de Cecilia.

Respondeu, cheio de perturbação:

— Creio... que nada...

— Como, *creio*?! bradou o velho alterado. Pois te importas tão pouco com a saude de tua mulher?

— Papae, disse Cecilia, não ha razão para o senhor irritar-se tanto! si me encontra mais magra, lembre-se de que fui sempre muito traca, e...

— Estás um cadaver, Ceci! que diz sobre isto o medico?

A confusão da moça augmentou.

— Ainda não o consultei...

— Oh! é demais! gritou o velho batendo o pé no soalho. E olhava successivamente para os dois esposos.

Carlos não ousava levantar os olhos, de envergonhado; e sua mulher tinha-se tornado ainda mais pallida e inquieta.

O Commendador desconfiára parte da verdade e calára-se, resolvido, todavia, a interrogar sua filha, logo que estivessem sós. Nesta noite não foi possível conseguir o seu intento; mas, no dia seguinte, estando Carlos no escriptorio com alguns amigos, o Commendador chamou a filha e, encerrando-se com ella no quarto, disse-lhe gravemente:

— Cecilia, quero saber o que se passou aqui, durante a minha ausencia; quero saber a causa de tua tristeza. Não tentes mentir, porque não sabes, e nada lucrarias com isso, crê.

— Papaezinho!...

— Conta-me tudo, minha filha. Então já não tens confiança em teu pae? não me estimas como d'antes?

— Pois bem. Si eu fosse hoje tão infeliz como era até hontem, meu pae nada saberia, pois tinha feito firme resolução de não amargurar-lhe a vida com a revelação de minha desgraça, mas hoje... então?

— Hoje...

— Posso contar-lhe, pois, felizmente, esta tudo acabado.

— Ora graças a Deus! vamos... falla... então?

Por unica resposta, Cecilia tirou do seio a carta amarrotada de Jorge e deu-a a seu pae, dizendo:

— Leia e comprehenderá.

O ancião abriu a carta, cheio de curiosidade, e seu olhar cahiu por acaso, nestas palavras:— «perdôe ao pobre louco não guardar por mais tempo, como um segredo inviolavel, este amor que sente pela Sra.!»

Chegando ao fim deste periodo, correu á assignatura da carta, exclamando indignado:

— Oh! que significa isto?! uma declaração de amor do Dr. Jorge... a ti?!...

Seu olhar severo interrogava a filha, a qual vendo a censura de seu pae, sorriu tristemente, dizendo:

— Não é só isto, Papae, faça o favor de ler tudo.

O Commendador leu a carta de principio a fim.

A' proporção qua lia, ondas de sangue subiam-lhe ao rosto; e o seu olhar, de ordinario tão doce e benevolo, tomava um brilho de colera cada vez mais crescente.

— Oh! será possível?!... murmurou com voz suffocada e tremula. Minha pobre Ceci! tu soffreste, e calada... oh! que infame! tão pouco tempo depois de casado! Mas explica-me tudo, minha filha. Isto só não me basta... quero saber todos os pormenores...

A joven fez uma narração exacta dos acontecimentos dos ultimos quatro mezes, e finalmente da visita de Jorge e de suas palavras.

O pae ouviu sem interrompel-a, e, depois de meditar um instante, disse-lhe tristemente, abanando a cabeça:

— Desconfio muito do arrependimento de Carlos... porque essa mulher, que não sabemos quem seja, essa mulher teve um grande predominio sobre elle, para que lhe fizesse tão depressa esquecer os seus deveres conjugaes e desprezar uma esposa joven, bella e carinhosa como tu. Essa mulher não é uma amante vulgar... deve ser mesmo bem formosa, e acho inexplicavel este rompimento tão repentino... talvez algum despeito passageiro... Ceci, é preciso seguir o conselho de Jorge, mas sem demora! Tu estás muito doente e a mudança de clima far-te-á bem! D'aqui a tres dias embarcaremos para o Rio, onde passarás alguns mezes. Hospedar-nos-emos em casa de tuas primas, até arranjarmos uma residencia, onde possas estar mais á vontade. Vou fallar já sobre isto a Carlos.

— Escute, Papae, é bom fingir que nada sabe, é mais conveniente...

— Socega, nada direi.

Logo que o velho sahiu, Cecilia atirou-se desanimada n'uma poltrona, murmurando:

— Papae tem razão! foi um arrufo passageiro entre meu marido e a amante que o fez voltar para mim!

E o seu semblante, que ha dois dias resplandecia felicidade e alegria, tornou-se outra vez tristonho.

Seu pae, si a visse n'aquelle momento, com a fronte de cêra pendida para o peito, os olhos nublados, fixos, os labios pallidos entre-abertos, ter-se-ia arrependido de ter morto, com suas palavras, a ultima esperança que se abrigava n'aquelle coração.

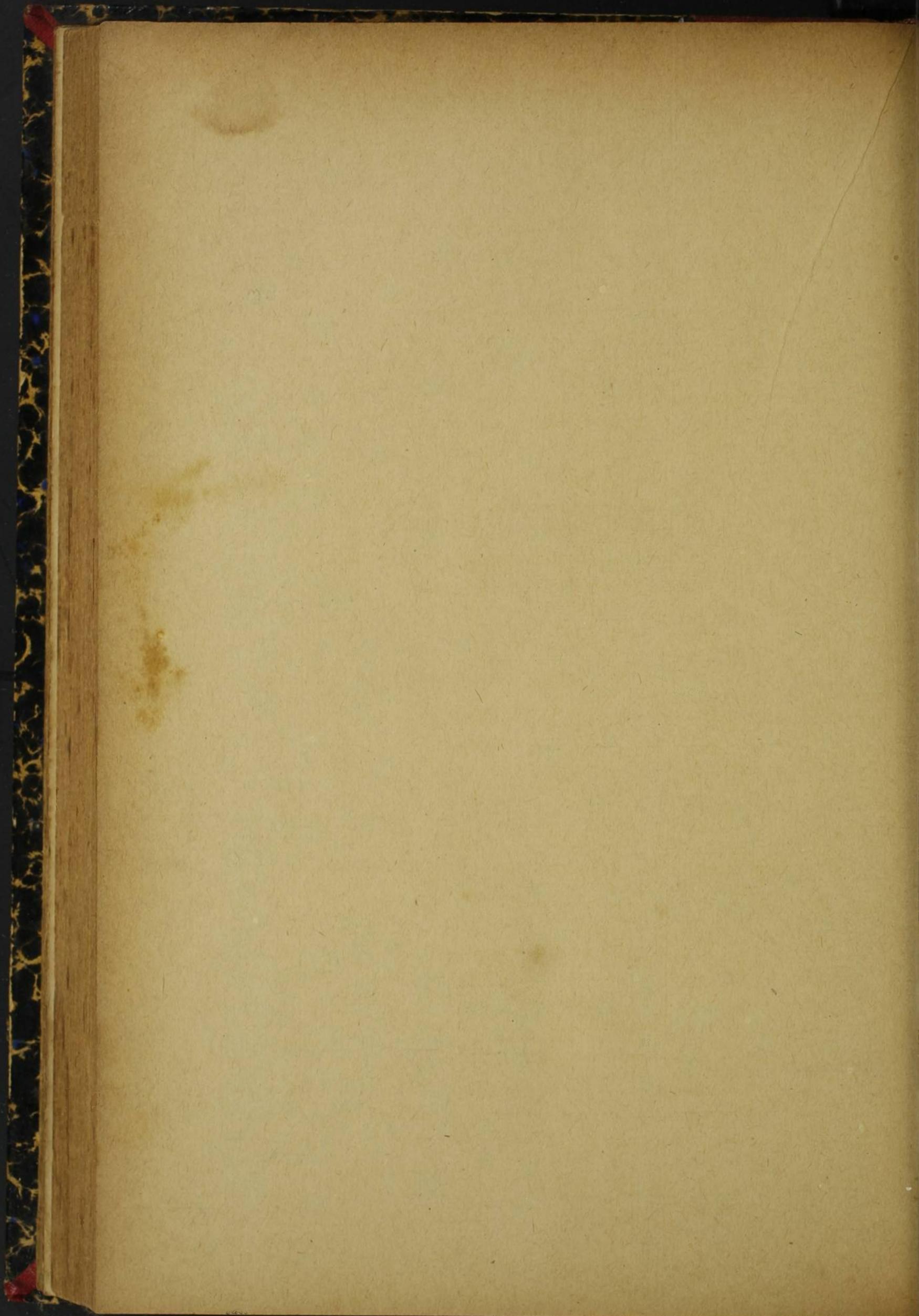
Passados cinco minutos, a infeliz continuou, com voz tão desfallecida que parecia um sopro :

— E eu tão feliz recebendo as suas caricias, que só eram a mim prodigalisadas na falta da amante ! Recebendo com alegria os beijos que elle sentia não serem dados na mulher a quem ama ! D'aqui a dias, talvez hoje mesmo, façam as pazes e rir-se-ão de mim ! Oh ! mas não ha de ser assim ! continuou ella, com voz mais forte e olhar colerico. Tenho até vontade de ficar aqui mesmo, não fazer a viagem que meu pae projecta. Si meu marido não me ama, para que constrangel-o a uma reparação forçada ? não ! mil vezes não ! de que serviriam seus beijos frios e distrahidos ? Si o seu coração repete sem cessar o nome da amante ; si, estando ao pé de mim, só nella pensa ? Oh ! tudo daria para saber quem é essa mulher por quem meu marido me despreza ! Só o Dr. Jorge póde contar-me... mas como interrogar-o ? depois do que houve... é impossivel ! pobre moço ! que amor generoso e dedicado ! Si eu o tivesse adivinhado, talvez hoje fosse mais feliz. Mas só pensava em Carlos, que devia em breve ser meu marido ; só pensava neste homem que me tornou desgraçada, pelo seu character baixo, pela sua alma corrupta de miseraveis ambições, pois agora estou certa de que nunca amou, nunca cobizou senão o meu dinheiro, este vil metal que nunca deveria confundir-se com o mais nobre e sagrado dos sentimentos — o amor ! Ah ! é bem horrivel esta supposição ! é bem triste para uma mulher sensivel, que passou toda a sua existencia sonhando um amor sublime, dedicado, um amor sem ostentação nem galas, um amor modesto, que enchesse o lar de perfume suave, de impressões doces e santas, ver-se de repente desilludida pelo procedimento d'aquelle que ella julgava o heróe de seus sonhos, e ouvir a voz da razão bradar-lhe com escarneo : O que elle amou, o que o captivou, não foi o teu rosto cheio de seduccões ; não foi a tua alma angelica e pura, formada de todas as virtudes ; não foi o teu coração sensivel e apaixonado,

que guarda dois grandes thesouros para aquelle a quem pertencer,—o amor e a bondade,—mas o teu dote, o teu ouro, que elle desejou para brilhar nos salões e theatros, para poder, emfim, gosar e despresar!

Oh! bem pungentes foram essas reflexões de Cecilia, mais ainda quando pensava que tinha sido céga; que passára pela felicidade sem a perceber!

A moça ficou longo tempo a scismar, com os olhos cerrados, e repetindo de vez em quando:— Ah! porque não amei Jorge?



## IX

Os amigos de Carlos já se tinham retirado, e este, sentado junto á secretária, com a cabeça apoiada nas mãos estava em attitude de tristeza profunda, quando o sogro entrou no escriptorio.

Assim que o viu, ergueu a cabeça sorrindo, porém com um sorriso constrangido e nervoso. Debalde procurou conversar o mais alegremente possível com o Commendador; mas a ruga profunda que lhe atravessava a fronte e as pequenas distracções que delle se apoderavam, bem denunciavam o estado de seu espirito enfermo. O sogro observava estes symptomas agoureiros, e, cioso da ventura da filha, encetou logo a conversação, cujo assumpto alli o levára.

— Sabes de uma cousa, Carlos? resolvi leval-os para o Rio, porque Ceci talvez melhore com a mudança de lugar... que dizes?

— Que farei o seu gosto, si sua filha quizer.

— Acabo de fallar-lhe.

— Pois então é só marcarem o dia da partida.

O velho esperava encontrar resistencia da parte de Carlos; e, vendo que cedia tão promptamente, pensou que talvez se tivesse enganado sobre o que disséra a sua filha, porém logo afastou essa idéa ao ver a attitude desoladora do genro.

— Pois bem; hoje, á noite, marcaremos o dia da viagem. Como, porém, preciso tratar de alguns negocios e passar em minha casa, peço que não me esperem para jantar, si até ás cinco horas não estiver de volta.

E, pegando no chapéu, sahiu.

Carlos acompanhou-o até á porta; e, no momento em que o velho desaparecera no jardim, dando volta á chave, deitou-se no sophá, com a cabeça enterrada na almofada.

— Oh! miseravel que sou! exclamou elle, com accento de grande desespero. Depois de saber que Antonietta é uma infame, amo-a ainda apaixonadamente, com loucura! Eu, que sempre zombei do amor, sou agora uma de suas mais desgraçadas victimas! Tenho uma esposa adoravel em todos os sentidos e daria tudo para amal-a e esquecer-me de Antonietta, que, apesar de ser uma perdida, uma mulher de más paixões, e a quem só sirvo de instrumento de vingança, me traz preso á seus pés, n'uma adoração tola e immerecida! Oh! si soubessem o que se passa em minh'alma; a lucta terrivel entre o amor immenso, insensato, que aquella feiticeira soube inspirar-me e a razão que manda subjugal-o e desprezal-o, não me condemnariam tanto, e sim ao destino, este demonio implacavel que zomba tão cruelmente de nossa vontade. Oh! amor! quizéra que tu fosses um ser visivel, para esmagar-te, pisar-te aos pés, escarnecendo de tuas settas envenenadas!

O pobre rapaz tinha as faces vermelhas, os olhos dilatados e fixos n'um só ponto, como os de um doudo!

Levantára-se pouco a pouco e, contorcendo os pés de encontro ao soalho, repetia com voz ameaçadora:

— Quizéra esmagar-te, verme vil!

Depois de dez minutos de accessos furiosos, conseguiu acalmar-se um pouco e reflectir com mais clareza na situação.

Talvez a viagem lhe fizesse bem, talvez o fizesse esquecer tudo isto.

Era preciso, portanto, apressal-a.

Passear bastante, atormentar-se nas festas, não descançar um só instante.

— Mas si esta viagem fosse mais cedo... no tempo em que me julgava feliz... Antonietta iria em nossa companhia. Porém agora... oh! desillusão horrivel! Quizéra nunca saber da verdade, viver sempre illudido! E' tão deliciosa a noite em que se tem sonhos encantadores, e entretanto o sonho é uma mentira! Porque não sonhei sempre? foi Jorge quem despertou-me sem piedade! chamou-me á vida real, julgando fazer-me um beneficio, mas tornou-me bem desgraçado!

Depois destas palavras o infeliz moço deitou-se outra vez no sophá, e, com os olhos fitos no tecto, continuára seu monologo, com voz cheia de amargura :

— Vejo com horror que a imagem dessa mulher jámais sahirá do meu pensamento. Não sei si a amo, ou si a odeio : sinto uma repugnancia ao ouvir seu nome, um grande odio invade minh'alma quando me fallam nella, mas sinto tambem que a apertaria em meus braços, louco, delirante, si a visse agora diante de mim. E' uma mulher desprezivel, cheia de vicios, mas amo-a assim mesmo e estou quasi a adorar seus defeitos ! Neste momento a imagem de Antonietta appareceu diante de seus olhos, bella como sempre, com os labios rubros entre-abertos por um sorriso feiticeiro ; os olhos muito grandes, n'uma fixidez estranha, ora amortecendo com uma expressão de indizivel ternura, ora lançando raios de uma colera terrivel, que pareciam querer hypnotisal-o !

O seio moreno, mal encoberto por uma fina cambraia, arfava, e, através delle, o rapaz adivinhava as fortes palpitações d'aquelle coração ardente, que o chamava para o amor ! Os seus cabellos negros cahiam-lhe pelas espaduas, como na primeira vez que a possuira !

E elle, attrahido, fascinado, não desfitava os olhos dessa imagem tentadora que lhe sorria, e, inconsciente, estendia os braços como para agarral-a... Soltando um suspiro, murmurou com voz doce e repassada de amor :

— Antonietta ! será possivel viver sem ti?...

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

Emquanto isto se passava no gabinete, espectador mudo do desespero de Carlos, o Commendador chegava á sua casa e dava algumas ordens a seu criado. Depois sahira e dirigira-se ao Hotel de França, onde sabia encontrar Jorge.

Ia agradecer-lhe o interesse que mostrára por sua filha, fingindo, entretanto, ignorar o seu amor por ella, e ver si obtinha delle o nome da mulher que tanto dominára seu genro. Nesta

intenção, subiu apressadamente as escadas, e perguntou ao porteiro «si o rapaz estava».

Effectivamente tinha chegado n'aquelle momento, e encerrára-se em seu aposento.

O velho foi direito ao quarto e bateu na porta, bradando alegremente :

— Dr. Jorge! dá-me licença?

— Faça o favor de entrar, disse Jorge, que reconhecera a voz do Commendador.

— Oh! Doutor! Ha quanto tempo não nos vemos! Ha mais de tres mezes, não?

— E' verdade! o Sr. esteve de viagem todo esse tempo...

— Cheguei hontem á noite, e a primeira pessoa por quem perguntei a Ceci foi o Sr.

— Muitissimo obrigado!

— E ella mandou-me aqui dar um abraço ao amigo dedicado que a protegeu tão generosamente!

— Oh! pois sabe?...

— Ceci contou-me que ao Sr. deve a felicidade que hoje desfructa; que o seu marido estaria ainda aos pés da amante si não fosse a sua intervenção. Mas por que meio o Sr. couseguiu isto, e quem é a tal maldicta mulher, é que ella ignora!

— Isto não importa, pois vejo que consegui tudo quanto desejava, disse o moço, alegre e triste ao mesmo tempo.

— Eu não creio muito, Sr. Jorge, que a felicidade de minha filha seja duravel...

— Por que?

— Carlos está triste, meditabundo, e até parece apatetado...

— E' possivel?!...

— E' a verdade. Todavia tenho esperanças que a viagem que Ceci intenta fazer lhe seja benefica.

— E' provavel! murmurou distrahidamente o rapaz.

— Não poderá dizer-me, ao menos, quem é a amante de Carlos?

— Não posso dizer-lhe o nome, porque não é uma mulher dessas desgraçadas, mas da alta sociedade.

— Da alta sociedade?!

— Só posso dizer-lhe isto; mas tratem logo da viagem, porque é preciso que Carlos e sua amante não se encontrem.

— Oh! é tão perigosa assim?

— Receio que, si Carlos a vir, perca outra vez a cabeça!

— Pois bem, seguirei o seu conselho, e respeito o seu segredo, porque não quero ser indiscreto. Retiro-me já, porque ainda tenho de ir á casa de D. Antonietta, cumprir um pedido de minha filha...

— A viuva Barros?

— Ceci pediu-me que a convidasse para ir comnosco ao Rio, porque não gosta de viajar só...

— Ah! e ella acceitará... o convite?

— Tenho a certeza que sim; são muito amigas...

— Não consinta, Sr.! bradou o moço fóra de si, ao ouvir o Commendador chamar Antonietta de amiga de sua filha. Não consinta!

— Porque?! perguntou o velho admirado.

Jorge chegou-se mais para elle, dizendo-lhe:

— Vejo que é necessario que saiba tudo... não ha outro meio! Antonietta é a amante de Carlos!

O Commendador deu um pulo, e, fitando Jorge com os olhos espantados, exclamou:

— E' impossivel!!

— Tanto não é impossivel, que é verdade o que lhe digo.

— Si o Doutor não fosse um rapaz sério... dir-se-ia que, por qualquer despeito particular, calumnia esta senhora, manchando-lhe a virtude, que até hoje ninguem ousou negar-lhe...

— Para que o Sr. não duvide mais, vou relatar-lhe a scena que entre nós se passou, scena esta que occasionou o rompimento de Carlos com a viuva.

Jorge narrou-lhe, não só este acontecimento, como os seus amores com Antonietta, a desconfiança desta quando elle lhe fugiu, e o odio que ella nutria por Cecilia, julgando-a sua rival, e portanto a causa do aborrecimento do amante.

— Conclúo, de tudo quanto me disse, uma cousa innegavel, que deveria suscitar a sua compaixão e não desprezo, disse o Commendador. A infeliz Antonietta ama-o a ponto de calcar aos pés todas as conveniencias da sociedade. E' um tanto desculpavel o seu procedimento. Foi o amor immenso, delirante, o ciume atroz, que o dictou, e o Sr. deve imaginar em que estado de desespero ella deve estar.

— Oh! não diga isso, Commendador! Martyrisar assim, com toda a frieza, uma innocente! Que culpa tinha, pois, sua filha que eu a amasse, si ella deu a prova mais brilhante de sua indifferença, casando-se com outro? Além disso naquelle momento de desespero, era desculpavel que ella fizesse alguma loucura, porém deixar passar mezes, premeditando uma vingança cruel e immerecida? Isto não tem attenuantes! Teria compaixão della, quem sabe mesmo si amaria mais tarde, si ella soffresse resignadamente, provando assim que em seu coração se abrigavam os mais bellos dotes da mulher:— a bondade e a abnegação. Porém não fez isto! Entregou-se a um homem que não amava, deshonrou-se, só para satisfazer seu odio com a vista dos soffrimentos de uma innocente, de sua mais intima amiga, que derramava lagrimas em seu seio, procurando um consolo, e não desconfiando siquer que a causa, o elemento voluntario de sua dôr, era ella, a amiga terna que a tratava com carinho maternal! Oh! isto é uma traição horrivel! E em que estado se acha sua filha? Quasi moribunda! Quanta satisfação não enche a alma da traidora, ao ver sua vingança quasi realisada!

— E' verdade, Doutor, retiro as minhas expressões; vejo que não ha desculpa para o seu proceder infame. Mas quem julgaria isto da viuva Barros? murmurou o velho, com a cabeça pendida para o peito.

— Que dirá agora á sua filha?

— E' o que ostou pensando. E' preciso que ella não saiba que sua rival é Antonietta. Em primeiro lugar, não acreditaria

sem que apresentássemos provas indiscutíveis; em segundo, desgostar-se-ia de tal modo do mundo, das amizades, desconfiaria de todos, que augmentaria sua molestia, pois o seu principal remedio é o socego do espirito. Para que lançar o germen da desconfiança n'um coração tão puro? Direi qualquer cousa: que me esqueci de ir á casa della; e, ainda que Ceci vá convidal-a tenho certeza de que, em vista do que succedeu, não aceitará o convite.

— E' o que o Sr. pensa, Commendador. Estou convicto de que ella não abandonou seu plano de vingança. Aquella mulher não se deixa vencer facilmente!

— Pois si ella acceitar, disse o velho levantando-se, eu saberei impedir que vá, fique certo. Adeus, Doutor. Ainda vou jantar com minha filha...

— Então parte logo para o Rio?

— E' o Sr. quem me aconselha...

— Acho muito conveniente.

— Então até á volta, Doutor, e outra vez obrigado. Dê-me cá um abraço. Devo-lhe parte da felicidade de minha filha.

— Boa viagem, Commendador.

Jorge, achando-se só, começou a passear pelo aposento, com passos largos, e visivelmente agitado. Depois parou um instante, murmurando:

— Sou bastante incomprehensivel! Amo Cecilia, adoro-a até á loucura, e trabalho para lançal-a nos braços de outro! Porém isso é para sua ventura, e basta. Está perdida para mim; ao menos quero vel-a feliz. Outro homem aproveitar-se-ia do desprezo do marido para fazer-se amado, e possuir o objecto de sua paixão. Mas eu nem pensei nisso! Adoro-a, venero-a como a uma santa no altar. Não a quero para amante, mas sim para o santuario conjugal. E ha um homem, não digo bem, um monstro, que, podendo passar toda a sua vida a seus pés, fitando aquelles olhos azues, doces, que me enlouquecem, beijando aquelles cabellos côr do sól, vai buscar junto de uma amante o amor miseravel, impuro, cheio de seducções no presente, mas desgra-

çado no futuro. E nem sequer um meigo olhar para a esposa que succumbe de desgosto! Pobre Cecilia! si tu fosses minha... ah! eu é que saberia amar-te! Quantos cuidados, quantas caricias não te cercariam a todo momento! Serias a rainha, de quem eu receberia ordens de joelhos, a santa a quem oraria cheio de fervor; a deusa que povoaria meus sonhos de todas as delicias; serias, emfim, a unica mulher a quem eu veria! Oh! Cecilia! por que não me amaste?

. . . . .  
. . . . .

Justamente neste momento, Cecilia repetia, pela centesima vez: «Porque não amei Jorge?...



## X

Ai! como estou cansado! andei bastante! exclamou o Comendador entrando em casa.

— Porque não sahiu de carro, Papae? disse Cecilia.

— Gosto mais de andar a pé, porque já estou ficando tropêgo.

— E' muito cedo ainda, disse a filha sorrindo.

— Qual cedo! Os cinquenta já de ha muito se foram...

— Foi á casa de Antonietta?

— Ora! esqueci-me, Ceci!

— Pois vou eu convidal-a. Não achas bom, Carlos? perguntou ella ao marido que entrava naquelle instante.

— O que? perguntou elle sorrindo forçadamente.

— Convidar Antonietta para ir comnosco ao Rio.

O velho, que tinha os olhos fitos no genro, viu-o empallidecer e córar alternativamente.

Só Cecilia nada notou, pois abaixára-se para apanhar o lenço que cahira.

— Então? interrogou ella.

— E' inutil... balbuciou o rapaz, não sabendo para onde dirigir os olhos, ella não vai...

— Vai, sim! ella gosta muito do Rio. Vou convidal-a, sim, Carlos?

Carlos estava sobre brazas, sem saber o que responder, quando seu sogro veiu em seu auxilio.

— Pois vai, menina! Si ella *não quizer ir, eu me incumbirei de decidil-a.*

E passando junto do genro, disse-lhe ao ouvido:

— Ao contrario, entendeste?

A voz sardonica com que foram pronunciadas estas palavras e o olhar que as seguiu, bastaram para que Carlos bem comprehendesse seu sogro, o qual seguiu tranquillamente para uma janella que dava para o jardim.

— Elle já sabe tudo, disse consigo o rapaz, mas Cecilia ignora. Meu Deus! Antonietta aceitará o convite? Entretanto eu não posso prohibir que minha mulher a convide sem dar a razão verdadeira. Mais facil será eu não ir, do que estar por tanto tempo em sua companhia, porque eu não resistiria, bem o sinto.

— Papae irá comnosco? perguntou Cecilia.

— Não posso! preciso ir hoje á casa de um amigo tratar de negocios. Tu irás só, pois Carlos irá commigo.

— Oh! mas então Papae, depois de uma ausencia tão longa, não vai ver Antonietta, a viuva do seu melhor amigo? E' um pouco caso que eu não perdoaria, pois não quero que minha amiga fique sentida.

— Tua amiga do coração, não é verdade, Ceci? disse o velho em tom zombeteiro.

— Certamente! exclamou ella sem perceber.

— Irei amanhã, Ceci, não te zangues.

Só Carlos não dizia palavra.

Encostado a uma janella, com as costas voltadas para a sala, parecia não prestar attenção ao que diziam.

— Mas por que Antonietta não veio hontem á noite aqui? Não mandaste convidal-a?

— Oh! como sou esquecida, Papae! pois hontem mandei em casa de Antonietta avisar que o Sr. chegava hontem e que viesse esperal-o, e ella mandou-me dizer que estava muito doente, com muita febre... que é isto, Carlos? que te assustou?

— Nada... nada... balhuciou o rapaz um pouco pallido.

— Mas empallideces... estás incommodado?

— Não, não estou doente... foi uma véspe que assustou-me... ia já mordendo-me...

— Ora, meu amigo! não pareces um homem! disse Cecilia rindo-se. Ficar tão pallido por causa de uma véspe! nem eu que sou tão medrosa!

E a moça, esquecendo seus soffrimentos, ria-se sinceramente.

Só seu pae não participava da sua hilaridade. Com o coração confrangido, contemplava a filha, murmurando:

— Pobre Ceci!

— Mas, como ia dizendo, continuou Cecilia, Antonietta está doente, e com a alegria de estar junto do Sr., Papae, esqueci-me de mandar á casa della, saber si está melhor. Que falta! sou bem ingrata, pois não devia esquecer-me de minha amiga! Mas irei vel-a depois do jantar, e pedir-lhe desculpa.

Carlos retirou-se para o seu gabinete, n'uma grande agitação.

«Será grave a sua doença? estará peor?» eis as perguntas que lhe atormentavam o cerebro.

Ancioso para saber, esperava com impaciencia febril a hora em que sua mulher devia ir á casa da amiga.

Depois do jantar Cecilia mandou apromptar o carro, e partiu em companhia de Marianna.

O Commendador e Carlos ficaram esperando sua volta, ambos com impaciencia, mas por motivos bem differentes!

— Não disse que precisava sahir, Commendador? perguntou Carlos a seu sogro, logo que ficaram sós.

— Acho-me um pouco indisposto, e por isso fica o meu negocio para amanhã. E tu ficas em casa?

— Sim, pois sinto-me doente... uma dôr de cabeça bem impertinente! Desde hontem que não me larga!

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

— Então, Antonietta, ainda estás de cama? dizia Cecilia abraçando sua amiga.

— Isto nada vale, respondeu a viuva, muito constrangida.

— Tenho que pedir-te perdão, minha amiga.

— Perdão, por que?

— Deveria ter vindo hoje cedo aqui, para ver-te, mas Papae

chegou hontem, como sabes, e depois de tão longa ausencia não tive coragem de deixal-o tão depressa...

— Dou-te razão!

— Pois bem, Antonietta, cheguei aqui para saber de tuas melhoras, e tambem para convidar-te para irmos juntas ao Rio...

— Ah! vais viajar?

— Papae deseja muito esta viagem, por causa de minha saude.

— E demoras-te, Cecilia?

— Uns dois ou tres mezes...

— Ah! exclamou a viuva, muito inquieta.

E, depois de uma curta pausa, perguntou, hesitante:

— Mas... vão todos?

— Todos! Carlos é o mais apressado. Ah! tenho que contar-te uma cousa... Lembras-te de minhas queixas a respeito d'elle? Uma vez até caçoaste de mim, dizendo que eu tinha ciumes... pois, minha amiga, os meus ciumes não eram infundados! Carlos tinha uma amante... Admiras-te, não é verdade? pois eu já desconfiava isto ha muito tempo! Porém Deus, que não desampara os bons, ouviu as minhas contínuas orações! Não sei o que houve entre meu marido e a amante. Ante-hontem elle entrou cedo em casa, ajoelhou-se a meus pés, pedindo perdão do que fizera, e jurando nunca mais abandonar-me! E agora sou muito feliz, pois estes dois dias elle me tem tratado como nos primeiros tempos depois de nosso casamento...

Subita pallidez cobriu as faces de Antonietta, seus labios s contrahiram, e Cecilia, dando um grito, exclamou:

— Que tens, minha amiga?!

E encarava a moça com afflicção, enternecida.

— E' uma vertigem, respondeu a enferma com pallido sorriso; tenho isto durante todo o dia!

— Mas então estás mal! que sentes?

— Uma prostração geral, causada pela febre, porém é cousa insignificante, como disse o medico.

— Ah! murmurou Cecilia, com voz sentida. Como sou egoista! Só fallei em mim, da minha ventura, esquecendo-me

que devia tratar de ti, que estás tão doente! Fatigando-te os ouvidos com palavras loucas e estouvadas! perdoas-me, Antonietta?

— Nada tenho que perdoar-te, respondeu ella com azedume, pois quando a felicidade é tanta, que chega a transbordar, é natural uma expansão assim.

— Então irás comnosco ao Rio? esperaremos que fiques boa.

— Não é possível! peço-te que me desculpes.

— Mas por que? disse a moça cheia de tristeza. Que é que te impede?

— Não posso! disse a viuva, depois de uma rapida reflexão. Justamente agora escrevi á minha tia, promettendo ir passar algum tempo com ella, pois ha muito que me convida! Os ares do campo far-me-ão bem; preciso retirar-me um pouco da capital!

— Eu desejo tanto que tu vás comnosco!

— Ir agora para o Rio, ainda com um resto de febre, seria arriscar-me a não voltar mais de lá. O que preciso nesta ocasião é de um passeio campestre, e não de uma cidade insalubre. Bem vêes que tenho razão.

— Com certeza. Já não insisto mais, porque seria uma loucura; era desejar-te mal, eu que te estimo tanto!

Cahiram ambas n'um profundo silencio. Antonietta, deitada de costas, olhava fixamente para o tecto, mergulhada n'uma reflexão dolorosa, porque, de vez em quando, os musculos do seu formoso rosto marmoreo estremeciam; apertava os labios com os dentes e carregava tanto os sobrolhos, que estes uniam-se, formando uma só linha negra, que realçava a pallidez de sua fronte. Finalmente cerrou os olhos, como para despedir Cecilia, cuja presença a importunava.

A joven levantou-se logo e, inclinando-se para o leito, pousou um beijo na face da amiga, que estremeceu e recuou inconscientemente, para livrar-se desse contacto que odiava.

— Adeus, Antonietta, tenho esperança de que te restabeleças logo.

— Quando partes?

— Quando te vir de pé! Pois pensas que farei esta viagem tão longa, deixando-te doente? Não teria socego um instante, pensando que tu poderias estar peor e longe de mim.

— Deixa-te disso! exclamou a moça vivamente. Não quero que adiem a viagem por minha causa, ouviste? Já te disse que isto não nada é, e amanhã já estarei boa; verás!

— Pois sim, disse Cecilia sorrindo, veremos. Amanhã virei ver-te e, si estiveres boa, marcarei a viagem para depois d'amanhã. Não te incomodes, ingrata! Queres ver-me pelas costas? pois farei o teu gosto!

E dirigiu-se para a porta fingindo-se zangada; mas, ao transpôr o limiar, voltou-se e atirou com a ponta dos dedos um beijo á sua amiga, que a seguia com o olhar. Depois tomou o carro, acompanhada de Marianna.



## XI

— Temos de adiar o nosso passeio, Papae, exclamou Cecilia entrando em casa.

O Commendador e Carlos achavam-se na sala de jantar: o velho, balançando-se preguiçosamente n'uma cadeira de balanço, e seu genro junto á mesa lendo um jornal, ou fingindo que o lia, pois os seus olhos estavam sempre fixos no mesmo lugar. Era evidente que sua alma attribulada, bem longe estava d'aquelle pedaço de papel que tinha deante dos olhos.

Seu sogro observava-o em silencio, irritado, contendo a custo a raiva que sentia ferver-lhe até á garganta.

Já ia explodir, terrível de certo, quando entrou a filha, o anjo que lhe apaziguava sempre a colera, e que se interpunha agora para defender o esposo.

O velho notou logo que uma grande tristeza velava o formoso rosto da filha, ha pouco tão risonho, apesar de cadaverico.

— Que aconteceu, Ceci? por que não podemos partir no dia em que combinámos?

— Antonietta está doente, disse a moça tristemente, e recusou o meu convite, apesar de prometter-lhe esperar que ella ficasse boa.

— Doente! que tem ella?

— Febre! Diz que neste estado é inconveniente ir ao Rio, e tenciona ir passar uns tempos em casa da tia.

— Pois pensa bem, disse o velho satisfeito.

— Mas eu estou triste, Papae!

— Ora!

— E não partirei sem vel-a boa!

— Porém tu também estás doente, minha filha! Si fosses passear, sim; mas, por molestia, não ha razão para deixares de ir!

— Oh! Papae! pois o Sr. aconselha-me a que deixe minha amiga, que não tem aqui um só parente; que a deixe doente, quando mais precisa de cuidados? Desconheço-o! O Sr., que me formou o coração sensível pelos exemplos de sua generosidade e caricias, desaprova o meu procedimento tão natural?

— Não é isso... não... disse o Commendador, perturbado pela terna censura de sua filha.

Sentia que ella tinha razão, mas doia-lhe vel-a sacrificar a saude por uma miseravel, que fôra a causa consciente da desgraça da pobre menina, cavando pouco a pouco, com suas garras de demonio, o sepulchro onde em breve a lançaria si não fossem os factos que se tinham dado. E quem dizia que sua pobre filha se achava salva de uma affecção pulmonar, ella que fôra sempre tão franzina a ponto dos medicos duvidarem sempre, quando criança, que ella crescesse?

Quem sabe mesmo si já estava atacada da terrível molestia?

Olhou angustiado para Cecilia, e o ar triste que a envolvia tornou-a mais doente a seus olhos de pae apaixonado. Levantando-se, então, de um pulo, agarrou a filha pela cintura, e, puxando-a para junto do lustre, levantou com ambas as mãos a cabeça querida, e fixou um olhar prescrutador nos traços mimosos da infeliz, esperando adivinhar nelles os estragos rapidos da tísica. Lagrimas correram a fio por suas faces, indo humedecer-lhe a barba encanecida.

Cecilia, estupefacta, olhava desvairada para o pae sem comprehender o que se passava, e seu marido, que emfim largára do jornal, seguia também com espanto os movimentos do sogro.

— Mas que é isto, Papae? por que chora? perguntou a moça suffocada de lagrimas.

O velho largou-a bruscamente, e correu para seu quarto, fechando a porta com violencia.

Carlos e sua esposa olharam-se boquiabertos.

— Meu pobre pae! exclamava Cecilia, batendo na porta do aposento. Abra! o Sr. está incommodado! abra!

O mesmo pensamente que tivéra a moça acudira repentinamente ao cerebro de Carlos, que murmurou:

— Meu Deus! teu pae estará louco, Cecilia?

— Abra, abra! Papae! continuava Cecilia, supplicante e soluçando.

— Deixa-me, minha filha, peço-te, respondeu o velho sem abrir a porta. Não te afflijas, nada tenho.

Porém a moça não se decidia a afastar-se, e, com o ouvido encostado á fechadura, procurava ouvir o que fazia o pae.

Entretanto o Commendador abria a janella que dava para o jardim, e, ao ar fresco da noite, conseguira acalmar-se um pouco.

Por que se affligira tanto? Era verdade que Cecilia estava muito desfigurada, mas talvez ainda nada tivesse nos pulmões.

E aquelle cansaço, aquelle corpo sempre inclinado, e a tosse impertinente que a suffocava de subito?

— Oh! meu Deus! meu Deus! murmurava elle, outra vez afflicto. Chegaria eu muito tarde para salvar-a? não haverá mais tempo? Mas en tenho tambem uma parte da culpa! Por que estive tanto tempo longe de minha filha? por causa de um negocio que me rendia algumas duzias de contos de réis! E de que me serve o dinheiro si ella... morrer? oh! nem quero pensar nisso, meu Deus! Eu morreria!...

E assim passou toda a noite n'uma agitação terrivel, desejando que amanhecesse logo, para ir buscar o medico, mesmo contra a vontade da filha.

Por que não queria ella tratar-se? Estaria tão desanimada de viver? Julgar-se-ia tão infeliz que recusasse os soccorros da medicina, para mais cedo deixar de existir?

Porém agora elle estava alli para obrigar-a, e não a deixaria mais, desde que ella não tinha senão a sua amizade e protecção.

Marianna amava-a tambem, com um amor maternal, porém era muito condescendente, não se atrevia a contrariar suas ordens,

por mais absurdas que fossem. Por que não lhe escreveu ella contando o estado de Cecilia? Sobre isto o velho tivéra uma explicação com Marianna, que, com as lagrimas nos olhos, lhe referiu o que se passára poucos dias antes d'elle chegar; a prohibição que lhe fizéra a moça de contar-lhe o que se tinha passado.

Ah! quanto soffrem os paes por causa do grande mimo com que tratam os filhos, de nunca contrariarem suas vontades! Elle não devia ter consentido no casamento de sua filha, desde que soube alguma cousa desagradavel a respeito do genro.

Mas Cecilia chorára, dizendo-lhe terminantemente que amava Carlos, que seria desgraçada toda a sua vida, si não se effectuasse o casamento.

E elle cedera, como sempre!

Agora soffria mais que sua propria filha, soffria horrivelmente, ao ver aquella flôr delicada que com tanto amor e carinho tratára durante dezoito annos, quasi murcha e abandonada!

Basta! quem não comprehenderá a dôr deste pae, ao pensar que sua filha unica, em breve deixal-o-ia só na terra?

. . . . .  
. . . . .

Levantou-se no outro dia, muito abatido pela vigilia cheia de soffrimentos, e sahiu para procurar o Dr. Alencar e leval-o para ver Cecilia.

A joven, que se levantava um pouco mais tarde, foi ao quarto do pae para dar-lhe o beijo da manhã, porém não o encontrou.

Desceu ao jardim, suppondo que lá estivesse, quando se abriu o portão, e appareceu elle acompanhado pelo medico.

Cecilia comprehendeu logo o fim d'aquella visita tão cedo, e, olhando para o pae, disse:

— Ora, Papae! já não lhe disse que nada soffria?

— Mas eu quero que o Doutor te examine, e não deves contrariar-me!

— Pois bem, far-lhe-ei a vontade.

O Commendador levou-os para o seu quarto, dizendo:

— Aqui é melhor, estaremos mais á vontade.

O medico fel-a sentar-se junto delle e auscultou-a conscienciosamente. Indagou do seu appetite, da tosse, etc.

— Está muito fraca! disse o medico.

— Minha filha, deixa-nos sós um instante, disse o Comendador.

— Não é verdade, Doutor, que nada soffro? disse a moça gracejando.

O medico fez um signal affirmativo com a cabeça; depois levantou-se, foi fechar a porta, e, sentando-se ao lado do velho, disse-lhe tristemente:

— D. Cecilia está n'um estado de fraqueza extrema!

— Ah! disse o pae com os olhos fixos nos labios do medico, de onde esperava a sentença de morte ou a esperança de salvação de sua filha.

— O pulmão não está affectado... mas é preciso muita cautela... Nesta occasião o soffrimento todo della é fraqueza. Tratada ha mais tempo, talvez já estivesse boa. O Sr. disse-me que temia que ella estivesse tísica, pois felizmente posso dar-lhe a alegre noticia de que o pulmão, por emquanto, não está affectado. Mas está n'uma debilidade tão grande, que, de um momento para outro... o Sr. comprehende-me.

— Sim, sim, murmurou o velho com lagrimas nos olhos.

— E' preciso, pois, muito cuidado. Um desgosto ou uma contrariedade, podem ser para ella, de resultados funestos... para vir uma congestão pulmonar, nada mais é preciso do que um passo!

— E a viagem na qual lhe fallei? fará mal á minha filha?

— Não! é sómente conveniente não fazerem a viagem toda n'um só dia, porque isso fatigal-a-ia: é preciso ir descaçando pelo caminho.

— Oh! meu Deus! verei ainda minha filha boa?

— Não ha duvida! Si tiver um tratamento longo e rigoroso ficará completamente curada. E em que dia pretende partir?

— Amanhã ou depois.

— Pois bem. Vou fazer-lhe uma ultima recommendação: faça-a tomar banhos de mar, passear e divertir-se bastante. Só com isto ella póde ficar completamente boa. Vou receitar um medicamento para ir tomando durante a viagem, pois no Rio o Sr. poderá chamar algum collega.

— Fique para almoçar comnosco, Doutor, disse o commendador, ao vel-o levantar-se.

— E' impossivel, tenho toda a manhã occupada. Preciso ver ainda cinco doentes.

— Não insisto; sei que para o Sr. o dever está acima de tudo.

— Ah! é verdade! um dos meus doentes é a viuva Barros.

— E como vai ella?

— Deve levantar-se hoje. Estava com muita febre.

— Minha filha esteve hontem lá.

— Estimam-se muito, bem sei. Hontem D. Antonietta perguntou-me, muito triste, si não achava D. Cecilia muito desfigurada. Disse-lhe que, realmente, a achava muito magra, e até perguntei-lhe com que medico ella se tratava; respondeu-me que sua amiga não queria de modo algum tomar remedio. Disse-me mais que, agora, com certeza, o Sr. obrigaría sua filha a consultar um profissional, e, si fosse commigo, pedia-me com insistencia que lhe contasse o estado de sua amiga, pois muito se affligia com a pallidez de D. Cecilia.

— Ah! exclamou o velho cerrando os labios para conter a justa indignação que sentia.

— Adeus, Commendador, si houver alguma novidade, a qualquer hora que mande chamar-me, estarei aqui.

E o medico sahiu, acompanhado até o portão pelo velho.

O Commendador caminhou por muito tempo pelas ruas frescas do jardim, até que, finalmente cansado, se sentou n'um banco; e, com a veneranda cabeça encostada sobre a mão, continuou em seus dolorosos pensamentos.

## XII

O Dr. Alencar sahira da casa do Commendador.

Caminhava tão apressado, que não vira um rapaz que, de balde esforçava-se para alcançal-o.

— O' Alencar! onde vais com tanta pressa?

O joven medico parou ao ouvir seu nome e, voltando exclamou:

— Jorge!

— Onde vais com essa pressa, homem? parece que alguém te corre ao encalço.

— Tenho muito serviço esta manhã.

— Incommodo-te, então?

— Nem por sombras, meu amigo. Iremos conversando.

— Está alguém doente em casa do Commendador? interrogou Jorge, com o modo mais natural do mundo.

O medico olhou-o de soslaio e, sorrindo maliciosamente, disse:

— Sim, e é uma pessoa digna da maior estima.

— O Commendador?

— Ora! o Commendador está bom, e muito forte!

— Então quem?

— Sua filha.

— Ah! o que tem ella?

— Não a tens visto?

— Tenho... mas... de longe só.

— Eras frequentador da casa do Commendador...

— Que queres dizer com isso?

— Ora essa! julgas-me tão nescio que não desconfiasse, quando me pediste para te apresentar ao velho, que não era por causa do bom homem que querias ser introduzido na casa?

— Porém, Alencar...

— Ah! ah! ah! meu amigo...

— Sabés a influencia que tem o Commendador, e como estudava...

— Ora deixa-te disso!

— Que tolice! D. Cecilia está casada...

— Pobre menina! disse o medico com tristeza. Está bem doente!

— Está de cama?

— Não. Partem depois d'amanhã para o Rio.

— Não fará mal a viagem á doente?

— Não. O que me admirou immensamente, Jorge, foi o pouco caso do marido, pois nem veio fallar-me e, entretanto, sei que elle estava em casa... E a moça até hoje sem remedio, e ha muito tempo que está doente. Si não fosse o pae chamar-me, creio que deixal-a-iam morrer.

— Oh! será possível?!

— O velho chegou ante-hontem do Rio, onde estive tres mezes, e disse-me que não lhe tinham escripto que sua filha estava doente, pois, si o soubesse, teria vindo ha mais tempo.

— E' incomprehensivel! disse Jorge fingindo nada saber.

— Cousas da vida, meu amigo!

— Dize-me uma cousa, Alencar... D. Cecilia está em perigo?

— Não tanto!

— De que soffre?

— Fraqueza, e dos nervos tambem.

— E... nos pulmões?

— Nada, felizmente. Ficarã boa logo, caso observem o que recommendei; muito socego de espirito, e nada de tristezas e contrariedades.

— E no caso contrario?

— Então, meu amigo, Deus lhe receba a alma.

O rapaz empallideceu, e, temendo que o amigo notasse a sua commoção, despediu-se, tomando a primeira esquina que encontrou, enquanto o medico murmurava:

Pobre Jorge! elle ama ainda Cecilia! notei bem a sua afflicção e pallidez.

. . . . .  
. . . . .

A bella Antonietta estava negligentemente recostada em uma espreguiçadeira, enquanto Esther arranjava os seus vestidos, joias, fitas, mil cousinhas indispensaveis para a *toilette* de uma moça. Uma grande mala estava aberta no meio do aposento, onde Esther deitava os objectos de sua ama.

— Esther, disse a moça, julgo melhor não levar a outra mala; é muita bagagem...

— Mas, Sinházinha, esta grande, nem para os seus vestidos de passeio dá...

— Não faz mal! arranje ahi só uns dois ou tres, e lá mandarei fazer os vestidos que precisar ou comprarei feitos...

— Quantos vestidos, meu Deus! murmurou a criada.

A joven sorriu, dizendo com toda a negligencia:

— Escolhe um para levars para ti.

— Escolher?!

— Sim, qualquer!

— Eu gosto muito deste de velludo preto...

— Mas este é velho, Esther!

— Velho! si a Sinhásinha o occupou umas seis ou oito vezes...

— Pois si gostas delle, tira-o para ti.

Neste momento entrou uma criada, dizendo:

— Minha senhora, o Commendador Ramalho está esperando a Sra. na sala. Diz que veio visital-a.

— Importuno! murmurou a viuva levantando-se.

E dirigiu-se para a sala.

— Ora viva, Commendador! exclamou ella alegremente. Como passa de saude?

— Perfeitamente, D. Antonietta, respondeu o velho cumprimentando-a e fazendo um esforço sobrehumano para não deixal-a perceber que sabia do que se tinha passado.

— Tanto tempo ausente da capital! Cecilia não se cançava de fallar no Sr. todos os dias. O Papae, dizia-me ella sempre, diz que não póde passar sem mim, e, entretanto, agora creio que já se esqueceu de sua filha!

— Os negocios prenderam-me bem contra a minha vontade. Mas a senhora já está melhor?

— Como vê, estou quasi boa.

— Vim aqui a mandado de minha filha...

— Ah! porque ella não veio? esperava-a hoje!

— Virá mais tarde, creio. A senhora escreveu-lhe hoje, dizendo...

— Que acceitava o seu convite para irmos juntas ao Rio. Quando ella me fallou nisso hontem, recusei-me acompanhá-la, porque julguei que o tal passeio me fosse prejudicial, porém, hoje, fallando ao Dr. Alencar, elle affiançou-me que podia ir sem susto; e por isso resolvi aproveitar a boa companhia...

— Entretanto a senhora esteve com febre, e... eu não me animaria a insistir que fosse apesar de nos dar grande prazer; e, com toda a franqueza, julgo que não lhe fará bem ir agora ao Rio...

— Agradeço-lhe muito, Commendador, mas não sou de sua opinião.

— Pensou bem em sua resolução, minha senhora?

— Ora essa! exclamou a moça espantada, não o comprehendo!

— Pergunto si está mesmo resolvida a ir comnosco ao Rio.

— Sim, disse ella, pois vejo que com isso causo prazer á Cecilia e não os incommódo.

— E' verdade! a pobre menina não póde passar sem a senhora...

— Já vê que lhe faço o gosto.

— Todavia, eu peço-lhe que neste ponto a contrarie...

— Como?!!

— Digo-lhe que não acceite o convite.

— Que quer dizer isto, senhor? disse ella com altivez.

— Minha senhora, queira evitar-me uma explicação que a envergonharia...

— A minha companhia deshonorá-os, por acaso? disse a moça com mais altivez. Oh! não irei, porque não preciso ir acompanhada, e muito menos do senhor; mas, primeiro direi a Cecilia que seu pae veio á minha casa insultar-me, o que nenhum homem, com alguma educação e dignidade, seria capaz de fazer!

O velho comprehendeu logo que, si a viuva dissesse alguma cousa á sua filha, esta exigiria d'elle uma explicação, e ver-se-ia obrigado a dizer tudo, e isto seria a morte para a menina.

— A senhora nada dirá á minha filha. Inventará um pretexto...

— Pretexto?! nunca! ella saberá da grosseria de seu pae, ou de seus *momentos espirituosos*, pois creio que não está no seu juizo perfeito!

— Minha senhora! bradou o velho levantando-se, indignado.

— Repito o que disse, respondeu friamente a viuva.

Desde as primeiras palavras do velho, Antonietta comprehendera que elle sabia de tudo, e que vinha impedil-a de ir em companhia de Cecilia ao Rio.

Passados alguns instantes em que o Commendador parecera reflexionar, este levantou-se e disse seccamente, lançando á viuva um olhar frio e cortante:

— A senhora póde dizer tudo quanto quizer á minha filha, porém no mesmo dia, toda a cidade de S. Paulo saberá quem é a viuva Barros!

— Oh! já sou bastante conhecida, disse ella com desdem.

— Tal e qual como é, não! Conhecem-n'a por uma mulher honesta, e não por uma mulher perdida, mais deshonorada que qualquer dessas desgraçadas que se encontram por ahi!

— Senhor! bradou Antonietta convulsa, e levantando-se colerica, com as faces rubras de vergonha.

— Repito tambem o que disse!

— Que provas tem o Sr.? E' uma calumnia e eu o mandarei processar si proferir uma só palavra!

— Ninguém acreditará que o Commendador Ramalho, que até hoje tem o nome isempto de qualquer mancha, calumnie uma senhora, e muito menos a viuva de seu amigo. Mas se precisarem provas, bastar-me-á apresentar dois bilhetes dirigidos ao mesmo tempo a dois amantes, afastando um, para receber o outro! Admira-se como taes bilhetes vieram ao meu poder?

— Maldição! bradou Antonietta.

— Tenho-a em minhas mãos... Creio que não quererá ser desprezada, coberta de ridiculo, pelas pessoas que se rojam tola-mente a seus pés. Inventará um pretexto qualquer para deixar de ir, sem causar suspeitas a Ceci, senão juro-lhe que ha de arrepender-se!

E o velho sahiu magestoso, altivo, deixando Antonietta lan-çada sobre uma poltrona, com o rosto escondido nas mãos.

— Qu'importa? murmurou a moça, logo que se viu só. Não desanimarei ainda! não convinha insistir agora, pois o mal-dicto velho deitaria tudo a perder. Tolo! pensas que desisto de minha vingança? Ah! ah! ah! engana-se completamente, Sr. Commendador!

Dirigiu-se a seu aposento e disse:

— Esther, arranja as outras malas tambem, com todos os meus vestidos.

— E' melhor mesmo, Sinházinha.

— Não vamos mais para o Rio, mas iremos para a casa de minha tia.

— Ah! murmurou a criada um pouco triste, por que?

— O velho sabe de tudo!

— O Commendador?

— Sim, com certeza foi Jorge quem lhe contou.

— Que maldicto!

— E veiu impôr que me desculpasse para com sua filha, que não fosse fazer esta viagem, e, si teimasse em minha reso-lução, todos saberiam o que elle sabe...

— Oh! fez bem, Sinházinha, fez bem em não insistir! meu Deus! que escandalo seria!

E a pobre Esther tremia só em pensar que veria Antonietta desprezada, insultada.

— Sim, mas sei o que faço! murmurou Antonietta com um sorriso infernal. Mais tarde saberás, Esther, agora nada te direi.

. . . . .  
. . . . .

O Commendador, chegando em casa, encontrou Cecilia prompta para sahir.

— Onde vais? perguntou-lhe.

— Em casa de Antonietta.

— De lá venho.

— Ah! sim? Porque não deixou para irmos juntos?

— Passei pela porta e ella viu-me da janella... ah! é verdade! está de nenhum effeito o bilhete que ella te escreveu hoje.

— Como de nenhum effeito?!

— Resolveu não ir mais.

— Ora essa! por que, si ella já está quasi boa?

— Não sei... allegou-me tanta cousa!

— Vou já em sua casa saber a razão desta resolução. Marianna! vamos!

E ambas tomaram o carro.

Chegando á casa da amiga dirigiu-se apressadamente ao aposento onde se achava Antonietta:

— Que é isto, Antonietta! juraste contrariar-me? Soube agora por Papae que resolveste não ir comnosco! é verdade?

— Sim, cara amiga, respondeu a viuva, te escrevi hoje sem reflectir, precipitadamente. Minha tia espera-me, tem estado bem doente e não fui ainda visital-a, sob o pretexto de achar-me tambem incommodada; porém ella, sabendo que fui passear, ficará sentida, e com razão. Além disso estou magra, feia, para passeios, accrescentou ella jovialmente.

— Feia! tu, Antonietta? tua belleza nada soffrerá ainda que estejas por muito tempo enferma.

— Desobedeceria tambem ao medico, pois elle aconselhou-me que fosse o mais depressa possivel para a fazenda de minha tia.

— Ora! já mudaste de casa por conselho do medico, e...

— Estava passando magnificamente.

— Então estás mesmo decidida?

— Bem decidida.

— Pois bem, Antonietta, já que tua resolução é inabalavel, como dizes, promette-me ao menos que, daqui a um mez, pouco mais ou menos, quando estiveres boa, mandarás avisar-me para que Carlos venha buscar-te, pois Papae diz que só deixar-me-á vir depois de tres ou quatro mezes.

— Prometto ir em breve, Cecilia, e não será preciso que teu marido venha buscar-me, irei só com Esther. Quando menos me esperares, estarei em tua casa, causando-te uma surpresa.

. . . . .



### XIII

Um mez depois destes acontecimentos, vamos encontrar Cecilia, a infeliz esposa, n'uma bella casa situada no arrabalde das Laranjeiras.

A mesma pallidez cobria-lhe as faces encovadas, e a sua bocca livida só desprendia gemidos. Estava deitada, e, á cabeceira do leito, viam-se duas pessoas: o Commendador e Marianna.

Era noite. Um bico de gaz com luz muito tenue, para não incomodar a vista da doente, allumiava fracamente o aposento.

Reinava tão grande silencio nesse quarto, tinha elle tão triste aspecto, que mais parecia uma camara mortuaria. Junto á parede via-se uma mesa pequena, coberta de frascos de remedios.

— José! chamou o Commendador, da porta do quarto, mas muito baixo, para não acordar a filha, que repousava um instante; leve esta receita á pharmacia, e que apromptem o mais depressa possivel.

— Sim, senhor.

A doente abriu os olhos e circumvagou-os pelo aposento.

Seu pae sentára-se outra vez junto da cama e tomára-lhe as mãos.

— Então, minha filha, dormiste sempre um pouco?

— Quasi nada, Papae.

— O medico esteve aqui, mas não consentiu que eu te acordasse...

— Ah! e receitou?

— Sim, e já mandei preparar o remedio.

— Tanto remedio, meu Deus!

— Assim é preciso, minha filha.

— Mas hoje eu não o tomo, sim, Papae?

— Por que, filhinha?

— Si eu o tomar, será inutil, porque não ha de parar no estomago...

— Mas o medico disse que esse medicamento é para fazer cessar os vomitos...

A moça calou-se.

Marianna e o velho contemplavam-n'a com os olhos marejados de lagrimas.

Seria possivel que essa filha adorada, esse anjo que amavam extremosamente, estivesse prestes a descer ao tumulo?

Os medicos diziam que não; que restabelecer-se-ia em pouco tempo; mas, tanto o Commendador como a ama, não podiam acreditar-os.

E' que sabiam que sua doença era mais moral que physica, sendo, portanto, os recursos da medicina insufficientes para combatel-a. E isto mais affligia, mais despedaçava aquelles corações!

A primeira colher do medicamento não parára no estomago da pobre menina, e ella pedira ao pae que a deixasse descansar algumas horas, e depois tomal-o-ia.

A prostração tornava-se cada vez mais assustadora, e a voz a custo sahia de seu peito debil.

— São dez horas, Senhor, disse Marianna sahindo do quarto com o Commendador, para tomarem chá.

— Quasi...

— Ah! exclamára a pobre mulher com os soluços a embargarem-lhe a voz, quem a mata é seu marido...

— Bem sei, Marianna, porém hoje acabar-se-á tudo. Vou ter uma explicação com Carlos.

— E' o que o Sr. deveria ter feito ha mais tempo! Oh! minha pobre menina, minha querida Ceci! balbuciou ella cada vez mais suffocada pelo pranto.

O velho caminhou vivamente para a sala de jantar, para não chorar tambem.

Eram quatro horas da manhã quando Carlos entrou.

— Como está Cecilia? perguntára elle a Marianna, com toda a indiferença.

— Peior, Sr. Carlos, respondeu ella seccamente.

— Ah!

— Não a quer ver?

— Não, ella dorme, com certeza...

— Não dorme um só momento; tem uma insomnia horrivel.

— Então vou vel-a.

— Boa noite, Cecilia, disse elle apertando as mãos magras da mulher, como passas? sentes alguma melhora?

— Sinto-me peor, respondeu a moça com voz fraca, sem dirigir o olhar para o marido.

Carlos esteve alguns minutos de pé junto da cama, mas, vendo que a esposa fechára os olhos, e o Commendador não lhe dirigia uma só palavra, retirou-se para o seu quarto.

Logo que sentira os passos de seu marido fóra do aposento, abriu os olhos, lançando a seu pae um olhar, cuja expressão penetrou até o intimo do coração do velho.

Esse olhar fixo e embaciado durára perto de um minuto, e o pobre pae traduziu-o logo. Queria elle dizer:— «está vendo, Papae, como sou abandonada? parece que até desejam a minha morte!»

— Que horas são, Papae?

— Quatro horas, minha filha.

A joven soltou um suspiro e disse:

— Vá deitar-se, pois já tomei quatro colheres de remedio. Marianna dorme aqui perto de mim, e si eu precisar de alguma cousa chamal-a-ei. E' preciso que o Sr. descance um pouco.

— Bem, Ceci, faço o que me aconselhas, porque preciso de muito vigor, ao menos emquanto estiveres doente, porque, a não ser eu, quem cuidará de ti? Marianna só não poderá! Boa noite, minha filha, vê si consegues dormir um pouco.

E o velho afastára-se depois de recommendar a Marianna que o chamasse, caso Cecilia ficasse peor.

— Não te deitas, ama? perguntou a moça.

— Dormi muito hoje de dia, e não me sinto com somno.

. . . . .  
. . . . .

— Carlos disse o Commendador a seu genro, no outro dia cedo, preciso fallar-te. Vamos para o meu gabinete.

O moço acompanhou-o constrangido. Adivinhava que essa entrevista ser-lhe-ia em extremo desagradavel, pois bem comprehendia de que se tratava.

O velho passeava a largos passos pelo gabinete, em quanto seu genro, sentado no sophá, esperava com impaciencia que elle começasse.

— Estou ás suas ordens, senhor, disse elle vendo que o sogro não se explicava.

— Carlos, disse este postando-se-lhe em frente, sabes que o teu procedimento é inqualificavel?

— Senhor...

— Nada de te mostrares offendido, porque estas palavras e outras muitas que não ousa dizer, em consideração ao estado de minha filha, tu as mereces!

— Bem, mas que deseja de mim? interrompera o rapaz friamente.

— Quero que não saias de casa estes dias; que finjas alguma amizade á tua mulher, ao menos até ella melhorar!

— Ah!

— Infelizmente Ceci ama-te muito; só com tua presença e um pouco de carinho de tua parte, tenho certeza que melhorará, ao passo que, si continúas com esse procedimento...

— Então deseja que eu fique preso em casa?

— Quero! disse o velho desdenhosamente. Depois que minha filha sarar, podes ir para onde quizer sem dar-nos satisfação, pois ahi Ceci poderá mais facilmente supportar tanto desgosto...

— Ficarei, senhor, ficarei, interrompeu o moço para acabar com essa entrevista que o aborrecia.

Effectivamente Carlos passára esse dia todo junto da cama da esposa, constrangido, forçado; porém Cecilia, que não soubéra da scena que se passára de manhã, julgou que seu esposo lhe voltava outra vez arrependido. Passou melhor, alimentando-se um pouco, deixando por momentos a sombria tristeza do seu rosto emmagrecido.

O Commendador, quanto mais observava essas rapidas melhoras, mais seu coração se confrangia. Como ella amava seu marido! Só o amor deste poderia, talvez, restituir-lhe a vida, porém Carlos sujeitar-se-ia á vontade do sogro? Com a fortuna! havia de sujeitar-se, não...

O constrangimento do rapaz augmentava de hora em hora.

Bocejava, espreguiçava-se, e, ás vezes, ficava immerso n'uma grande distracção, parecendo que o seu pensamento voava para longe do lugar onde estava.

Na manhã do outro dia, chamou seu sogro de parte, dizendo-lhe que sahia um pouco, mas que á hora do almoço estaria em casa.

— Cecilia dorme, concluiu elle, e antes que ella desperte estarei de volta.

Entretanto, debalde o velho esperou-o para almoçar; não appareceu esse dia em casa. Só ás duas horas da manhã é que elle entrára.

Cecilia cahira outra vez n'um grande abatimento. A moça olhava tristemente para o pae, com uma melancholia calma, que só deixava transparecer no olhar. Nem uma queixa sahia de seus labios, nem um gesto de censura!

O pobre Commendador a custo podia supportar esta vista dilacerante, sem desabafar-se em soluços.

Oh! quantas dôres, quantas angustias ainda estavam reservadas para esse coração de pae extremo!

— Marianna, dizia elle baixinho á ama, aproveitando a occasião em que Cecilia fechava os olhos, eu não supporto mais isto! Amanhã Carlos não sahirá um instante á rua, aconteça o que acontecer!

A ama respondia com um suspiro.

Quando o moço entrou, o Commendador não lhe dirigiu uma palavra de censura, e nem o rapaz tentára desculpar-se.

Mas, no dia seguinte, pegando elle sorrateiramente no chapéo e na bengala, e, muito cauteloso, dirigindo-se para a rua, abriu-se de repente a porta do gabinete de seu sogro e este apparecera, puxando-o para dentro.

O rapaz, estupefacto, não procurára resistir, e o velho deu volta á chave.

— Então; disse elle com voz tremula, assim cumpres tua promessa? Sahiste hontem para voltares logo, hein?...

— Ora! murmurou o rapaz encolhendo os hombros.

— Eu quero, eu exijo, bradou o velho cheio de colera, que tu não saias...

— Era o que faltava! exclamou Carlos. Ora essa! já tenho aturado bem as suas impertinencias. Prohibir-me de sahir! Pois não estão ahi o Sr. e Marianna para tratarem de Cecilia?

— Tu não sahirás, Carlos!

— Senhor!

O moço estava impaciente. Tirando o relógio do bolso, olhou as horas, e deu um passo precipitado para a porta, murmurando entre-dentes:

— Oito horas! chegarei atrazado...

Porém o Commendador bradou-lhe com gesto imperioso:

— Carlos, escuta...

— Deseja mais alguma cousa?

O velho viu que pela violencia nada conseguiria.

— Peço-te, Carlos, que vás para junto de tua mulher...

— Mais tarde... mais tarde... voltarei logo, disse elle cada vez mais apressado.

— Ella morre... não vês? morre de desgosto!

— Basta de tanto sentimentalismo, disse o rapaz cynicamente.

— Monstro! bradou o velho, outra vez dominado pela colera.

Mais uma vez Carlos olhou afflicto para o relógio, e dirigindo-se para a porta :

— Até logo, senhor.

— Porém minha filha já está peor, Carlos! e queres que...

— Ora! que me importa! exclamou o moço no auge da impaciencia, sem reflectir no que dizia.

— Miseravel! rugiu o Commendador tremulo, offegante, com os olhos congestionados pela raiva.

E, rapido, abriu a gaveta da secretária e, puxando por um reвольver, apontou-o para o seu genro.

— Senhor! senhor! bradou Marianna atterrada, entrando a correr no gabinete. Esquece-se que sua filha está... aqui perto?

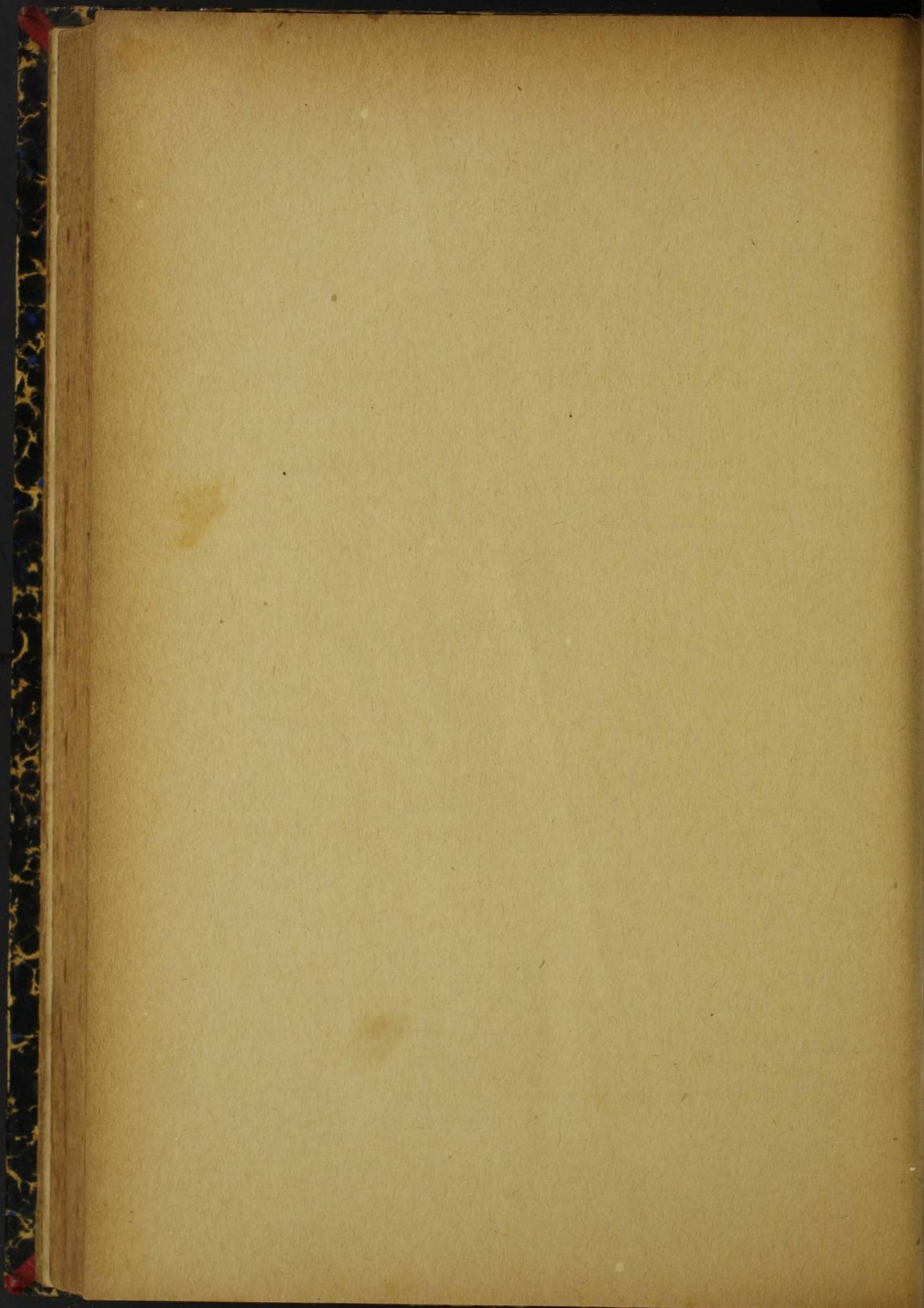
O Commendador voltou a si e, atirando a arma terrivel para cima da mesa, cahiu sobre uma cadeira, com a fronte banhada em suor.

— E' preciso que esta scena não se repita, disse Carlos friamente; si quando eu voltar, o Sr. não me prometter isso, contarei tudo a Cecilia.

E sahiu quasi a correr.

— Diabo! murmurava elle na rua, já passam de oito horas, e ella deve estar zangada!... hontem não queria mais ver-me, porque eu tinha ficado em casa, ameaçando-me com um rompimento, si tal facto se repetisse.





## XIV

O Commendador passeava agitado pelo gabinete, quando Marianna entrou, dizendo-lhe :

— Ceci acordou agora, perguntando pelo Sr.

— E por Carlos ?

— Nem uma palavra !

— Pobre filha ! já não se deixa illudir !

E o desgraçado pae, affectando um sorriso, dirigiu-se para o quarto da filha.

— Então, Cecilia, como te sentes ?

— Um pouco melhor... mas tive o somno tão agitado !

— Sim ?

— Acordei agora sobresaltada, ouvindo os gritos de Marianna, do Sr., e a voz de Carlos. Porém não me lembro o que era...

— Sonhos de doente...

A moça olhou para o tecto, parecendo reflectir.

— Papae, disse de repente, o Sr. sentiria muito si eu morresse ?

— Ora ! minha filha ! porque fallas assim ?

— Adivinho que vou morrer...

— Por piedade, Cecilia ! não digas isso... tatamudeou o velho disfarçando as lagrimas.

Mas foi em vão ! Os soluços rebentaram, e o pobre pae fugiu do quarto, com o rosto escondido nas mãos tremulas.

— Perdão, Papae ! disse a joven, arrependida. Estou-o affligido com minhas tolices ! venha aqui... nada mais fallarei !

— Bom, disse o Commendador chegando-se para junto della, vês que me desgostas ; não me falles mais nisso, sim, tolinha ?

Cecilia passou as mãosinhas pelo rosto do pae, enchugando-lhe as lagrimas; depois tomou-lhe as mãos, beijando-as meigamente.

— Eu não desejo morrer, Papae; hei de fazer todo o esforço para ficar boa, porque sei que o Sr. ficaria louco se...

— Basta, basta, Cecilia! não canças de atormentar-me?

— Não lhe desgostarei mais... nunca mais! Viverei para a alegria do meu bom pae!

— Sim, minha filha, sim! tu has de sarar! vive para teu velho pae, que morreria, com certeza, se tu faltasses! Tem pena delle, não sejas ingrata!

— Querida ama, dá-me uma chicara de leite! disse a doente com o semblante mais animado. Vê, Papae? vou tomar leite!...

\*  
\* \*  
\*

Durante esse dia todo, Cecilia passou mais alegre, causando uma certa inquietação á Marianna, que era muito supersticiosa, a qual dizia em segredo ao Commendador:

— Não estou contente por ver Ceci tão alegre e animada...

— Porque?!

— Não é boa essa transformação tão repentina. Dizem que é despedida...

— Ora! acreditas nessas cousas? perguntou o velho, levemente impressionado. O medico achou-a melhor...

— Póde ser! murmurou tristemente a ama.

Realmente, nos dias seguintes a doente continuava com rapidas melhoras, destruindo assim o medo de Marianna; e, no fim de uma semana, o medico mandava-a sahir de carro, todas as manhãs.

Raras vezes a moça fallava em seu marido, pois notára que o Commendador se desgostava ao ouvil-a fallar em Carlos. Marianna tivera a habilidade de convencel-a de que Carlos estava dominado tão sómente pela paixão do jogo, e a moça ficára com isso menos triste, sentindo uma debil esperança despontar-lhe na existencia.

— Antes o jogo que amantes, pensava ella.

E assim esperava o dia em que seu marido lhe voltaria para sempre.

Passados dias, voltando ella do seu passeio matutino, encontrou em casa o seu sogro, que na vespera chegára ao Rio.

Cecilia correu para elle exclamando :

— Que milagre foi o Sr. dar um passeio! Sempre se resolveu a deixar a fazenda por alguns dias?

— E' verdade! deixei-a com bastante pezar; porém era preciso vir tratar de um negocio que não posso confiar a ninguem.

— Só isso podia decidil-o!

— Mas... que vejo?! estiveste doente? estás tão desfigurada!

— Estive muito mal, ha quinze dias. Pois meu marido não lhe escreveu?!

— Na ultima carta que recebi de Carlos, elle me participava que vinha contigo para o Rio de Janeiro; isto ha quasi dois mezes. Um bilhete muito laconico, sem dizer porque vinham.

— Pois viemos para cá por causa de minha doença, pois ha muito tempo que estou soffrendo...

— E como está elle?

— Passa bem.

— Pensei encontrar-te com tua amiga...

— Quem?

— A viuva Barros.

— Ah! não pode vir; estava doente e por isso teve medo deste clima...

— Que me dizes?! pois hontem a vi no hotel onde estou hospedado...

Ora esta! é impossivel! alguma senhora muito parecida com ella...

— Digo-te que a reconheci perfeitamente, apesar de tel-a visto uma só vez, no dia do teu casamento. Eu subia com o criado do hotel que carregava as minhas malas, quando a encontro no meio da escada. Ia cumprimental-a, porém ella não me reconheceu...

— Com certeza não é Antonietta! exclamou Cecilia surpresa. Ella deixaria então a minha casa, para ir hospedar-se n'um hotel? é impossivel!

— Ora! quem, depois de ter visto a bella viuva Barros, uma só vez que seja, della se esquecerá? é um rosto que não póde ser olvidado! quem poderá deixar de reconhecer aquelles olhos?

— Emfim, póde ser que ella viesse sem avisar-me, para causar surpresa. Tinha dito que assim faria.

— Com certeza.

— Porém será ella quem ha de ficar surprehendida! Irei procural-a no hotel, subindo ao seu quarto sem avisal-a. Oh! que surpresa agradavel! Não diga cousa alguma a ninguem d'aqui, pois quero surprehendel-os tambem. Marianna! gritou a moça alegremente; mande pôr o almoço já, que eu vou sahir.

— Sahir ao meio dia, menina? não lhe fará mal?

— Não; tu irás commigo, ama, mas sem saberes onde; é uma surpresa...

Tres horas depois, Cecilia e Marianna apeavam do carro e subiam a grande escada de um dos melhores hoteis do Rio de Janeiro.

Encontraram um criado, que lhes ensinou o quarto da viuva, notando-lhes, entretanto, que ella tinha dado ordem para que ninguem a incomodasse...

— Como?! Cecilia!! bradou Marianna espantada. Pois D. Antonietta está aqui?! e como soube?

— Isto não importa; depois dir-te-ei.

— E quer entrar em seu quarto sem mandar avisal-a?

— Ora essa! que tem isso?

— A senhora D. Antonietta está neste momento com o irmão, disse o criado.

— Com o irmão?!

— O irmão, sim, um rapaz alto, louro e elegante, que passa todo o dia aqui...

— Que dizes a isto, ama? disse Cecilia sorrindo com malicia.

Mas calou-se logo, assustada ao ver a medonha pallidez de sua ama, que se encostava desfallecida á parede.

— Que tens, Marianna?

— Nada... voltemos, Cecilia, outro dia virá ver sua amiga...

— Mas porque?

— Ao menos não suba sem mandar avisar D. Antonietta!

E, correndo para o moço do hotel, empurrava-o para dentro, dizendo febrilmente:

— Vá... vá dizer á Sra. que uma sua amiga deseja vel-a!... ande... vá depressa...

— Porém, eu nada comprehendo... que significa este medo, ama?

Marianna continuava a empurrar o moço, que, olhando com espanto para as duas mulheres, não dava um passo.

A joven dirigiu-se para o corredor dos aposentos, enquanto Marianna lhe gritava:

— Ceci, peço-lhe... de joelhos!... não vá...

Porém Cecilia, bastante impressionada já, com leve sombra de uma suspeita indefinida, queria buscar a chave desse enigma que seu espirito debalde luctava para esclarecer, e, rapida, caminhava para o quarto.

Chegando á porta indicada, parou, offegante, e pôz o ouvido á escuta. Nem um pequeno rumor sahia desse aposento.

A moça segura de repente o trinco da porta e abre-a com violencia.

Então, um grito dilacerante escapa de seus labios; as mãos tremulas, procurando um apoio qualquer, agitam-se no ar, e a pobre menina encosta-se desfallecida á parede.

Amparada por Marianna, que correra ao seu grito, a joven fez um esforço violento e, com os passos vacillantes, dirigiu-se para o meio do quarto.

Duas pessoas ahi se achavam: Antonietta e Carlos, sentados á beira da cama; elle, com o braço enlaçando a sua cintura; ella com a cabeça inclinada em seus hombros, rodeando-lhe o pescoço com o braço.

Estavam na mesma posição em que os surpreendera Cecilia, e tão espantados, que ficaram como que paralyzados, sem poder sahir um dos braços do outro! Até que Antonietta, vendo Cecilia no meio do quarto, levantando-se de um pulo, bradou com os labios tremulos de raiva:

— Que vem fazer aqui, e porque esta maneira de entrar sem ao menos bater?

— Desculpe, senhora, respondeu Cecilia, muito pallida, porém com a voz firme e o olhar altivo. Julguei entrar no aposento de minha amiga intima... *de minha irmã*, accrescentou com amarga ironia, que nada tinha a esconder-me, e por isso atrevi-me. Enganei-me... peço-lhe perdão!

— E' verdade que te enganaste! exclamou a viuva, louca de colera, ao ver que Cecilia a affrontava com desdem e firmeza. E' verdade que te enganaste: estás em casa da tua inimiga ou viste? da tua maior inimiga!

Cecilia olhou demoradamente para Antonietta, e, lembrando-se de sua amisade sem limites por essa creatura tão cheia de falsidades que se erguia colerica e ameaçadora diante della, sentiu uma tristeza subita invadir-lhe a alma. Quanta traição e engano! Seria possivel que essa mulher que ahi estava com o rancor no olhar e na voz, fosse a Antonietta de outros tempos, tão boa, tão carinhosa? oh! não! era um sonho horrivel!

— Persegui-te, Cecilia! ha muito tempo que te odeio e que só desejo vingar-me. Pois bem, posso me regosijar: estou vingada! e bem vingada, não, encantadora e feliz esposa?

E um riso infernal agitava os labios da terrivel viuva.

— Vingar-te! de que, Antonietta? perguntou a menina espantada e commovida pela explosão de odio que sahira da bocca de sua ex-amiga. Que mal te fiz eu?

— Que mal me fizeste! ainda me perguntas?! Nada mais do que despedaçar meu coração e minha vida! Tão moça e formosa sou, não é verdade? pois tenho soffrido muito, padecido immensas torturas, e por tua causa!

— Por minha causa?

— Sim, mas tu soffres tambem, e estão os meus votos realisados! Amei com delirio, com loucura, e tu vieste impedir, servir de barreira á minha felicidade! Roubaste o coração d'aquelle a quem eu adorava, de Jorge, o meu idolo! Jurei, então, fazer-te soffrer bastante, tanto como eu!

— Porém que culpa tenho eu? não estou casada? não tenho cumprido os meus deveres?

— Oh! não me importa que tenhas ou não culpa. Teu marido ama-me, ouviste? ama-me ao ponto de tudo esquecer, tudo desprezar por minha causa! e elle tambem te odeia!

Cecilia lançou um olhar a Carlos, que, com a cabeça baixa, ouvia toda essa terrivel scena, não ousando levantar os olhos.

— Não creio, disse a infeliz esposa, com voz suffocada; póde não amar-me, mas odiar-me porque?

— Carlos! bradou a viuva no auge da exaltação, si me amas e si odeias tua mulher, fica; si não, como ella diz, parte immediatamente, e nunca mais me verás.

Carlos enxugava com o lenço o suor abundante que lhe corria pela frente. Uma compaixão sincera, um grande remorso torturava-lhe o coração, ao ver o aspecto de Cecilia, que ha poucos dias se levantára da cama, tão pallida como uma morta! Essa menina, pura como um anjo, bondosa como uma santa, que se lhe tinha entregado feliz e cheia de confiança no futuro; que lhe levára uma fortuna, quando elle nada possuia! Na verdade, era digna de melhor sorte!

Mas, derepente, olhava para Antonietta, e esquecia os seus remorsos. Confessava, então, com o desespero n'alma, que era impossivel a vida sem essa mulher, que commetteria até crimes para conserval-a! Oh! que soffrimentos, que angustias não torturavam esse cerebro fraco e sem energia! Sentiu que a razão lhe fugia pouco a pouco... ondas de sangue subiam-lhe á cabeça, e as fontes latejavam-lhe desesperadamente.

— Responde! bradou Antonietta com voz forte e batendo com o pé no assoalho.

— Fico... balbuciou o mancebo empallidecendo mais e escorrendo em suor frio.

O rosto de Cecilia cobriu-se de uma lividez mortal; suas palpebras, os seus labios tornaram-se violaceos, ao mesmo tempo que a sua cabeça loira e formosa cahia nos hombros de alguém, que a tomou nos braços, levando-a sem sentidos, para a carruagem.

Era o Commendador, que, sabendo pelo pae de Carlos onde fôra a sua filha, dirigira-se immediatamente para alli, adivinhando qualquer cousa de sinistro.

O velho ouvira as ultimas palavras de Antonietta, e, lançando um olhar ameaçador para a terrivel mulher, disse em voz um pouco baixa.

-- Respeitando a memoria do meu infeliz amigo, senhora, não farei escandalo, pois não quero manchar o nome, que elle concedeu a uma mulher tão indigna e baixa.

Levou a filha para a primeira pharmacia que encontrou, só muito tarde recobrando ella os sentidos.



## XV

No dia seguinte á horrivel scena que acabamos de narrar, partiu o Commendador com a filha para os Campos do Jordão.

Cecilia quizéra absolutamente sahir do Rio, e havia pedido ao pae que a levasse para um lugar ermo, onde o bulicio do mundo não a fosse incommodar em suas dolorosas reflexões.

O medico aconselhára, então, que fossem para esse lugar, cujo clima era excellente, que muito contribuiria para o restabelecimento da joven.

Alli, junto de seu pae e de sua ama, tratada como uma criança cheia de mimos, Cecilia sentira-se melhor e mais animada. Dir-se-ia que o espectaculo das maravilhas da natureza e o ar puro do campo restituíam-lhe a vida pouco a pouco. As côres voltavam ás suas faces e o olhar meigo, perdendo a sombra de tristeza, tomava uma expressão suave de felicidade.

Dois mezes depois, a alegria voltava ao coração de seu pae, ao ver essas rapidas melhoras. Nem uma só vez fallára no marido, e ninguem fizéra allusão alguma aos factos extraordinarios que tiveram o Rio por theatro.

Entretanto, parecia que alguma cousa desconhecida por Cecilia, algum grande acontecimento havia, pois seu pae procurava sempre um meio de contar-lhe qualquer cousa que lhe queimava os labios. Mas afastava-se logo, guardando o seu segredo, e respondia ao olhar interrogador de Marianna, com estas palavras:

— Ainda não está bem forte para supportar este golpe; esperemos mais...

Um dia Cecilia manifestou desejos de voltar para S. Paulo.

— Já? perguntou-lhe o pae. Não queres esperar mais tempo?

— Esperar o que?

— Que esqueças certas cousas desagradaveis?

Era a primeira vez que o Commendador fallava sobre tal assumpto.

— Não tenha receio, Papae, respondeu Cecilia com voz meiga e resignada; já lancei um véu sobre isto e peço-lhe que nunca mais me recorde essas cousas. Estou curada, posso ir sem susto.

— Mas é que... convém que fiques mais algum tempo aqui, pois este ar tem sido tão bom para ti!

— Bem, mais um mez só; depois iremos sem falta, sim?

— Passou-se um mez, e Cecilia, vendo que o pae não tratava das bagagens, e não fallava em partir, disse-lhe:

— Já é tempo de partirmos, Papae...

— Ah!

— Podemos arranjar nossas bagagens para embarcarmos no fim da semana.

— Sim...

— Vejo que ainda está sem vontade de ir...

— Confesso!

— Mas não podemos ficar aqui toda a vida, ainda mais que Marianna tem soffrido tanto de rheumatismo!

— Mas... sim, é preciso... não sei como hei de dizer-te...

— O que?

— Marianna, ajuda-me...

— Porém que é isto?! querem contar-me alguma cousa e não se animam?...

— E' que...

— Quantas vezes precisarei dizer-lhe que já estou forte? é mais alguma desgraça? estou prompta a supportal-a corajosamente. Tantos desgostos calejaram-me o coração! Vamos! que golpe ha mais?

O velho olhava, indeciso, para Marianna, supplicando com os olhos que ella começasse.

— Escuta, minha filha; uma mulher que soffreu muito com seu esposo, o qual nunca lhe teve amisade, sentirá muito ao ver-se em liberdade?

— Oh! explique-se, Papae! exclamou a moça com voz alterada e empallidecendo.

— Ahi estás tu já pallida! disse o velho afflicto. Oh! meu Deus! não bastarão os meus soffrimentos?

— Basta, meu pae! responde-me a uma só pergunta, disse Cecilia levantando-se tremula. Que é feito de Carlos? onde está?

O Commendador baixou a cabeça e nada disse.

— Partiu para alguma parte... em companhia da...

— Não! murmurou o velho.

— Doente, então?

O velho fez um signal negativo com a cabeça.

— Mas então... diga-me... oh! meu Deus! morreria...?

Ninguém respondeu a esta ultima supposição, e a moça comprehendeu que acertára.

Permaneceu em pé, pallida como uma estatua de marmore, enquanto a ama lhe aconselhava que não se affligisse; que Carlos não merecia uma só lagrima da esposa, que não soubéra apreciar e que tanto desprezára.

A joven continuava em pé, sem consciencia de tudo que a rodeava, até que o Commendador, assustado por essa immobillidade, amparou-a pela cintura, murmurando docemente e commovido:

— Então! minha filha... socega!

E acariciava-lhe os cabellos, beijando-os com um enternecimento visivel.

A moça passou vagarosamente a mão pelos olhos e pela frente, como quem acorda de um sonho horrivel, e, sentando-se de chofre n'uma poltrona, enterrou a cabeça na almofada, prorrompendo em copioso pranto.

O Commendador, consternado, sentou-se junto d'ella, porém Marianna socegou-o, dizendo-lhe ao ouvido:

— Não se inquiete, senhor; estas lagrimas fazem-lhe bem. Verá que ella ha de ficar mais consolada.

Effectivamente, passado aquelle momento de desespero, a joven pareceu mais calma.

Enxugou as lagrimas, fazendo signal a seu pae que desejava fallar-lhe.

— Carlos já ha muito havia morrido para mim, Papae, como eu para elle. Por isso não devo mais chorar por aquelle que não verteria uma só lagrima, si eu morresse naquella occasião em que estive mal; só devo lembrar-me de que tenho um pae e uma segunda mãe que me adoram, e que tenho obrigação de viver para a alegria de ambos.

— Certamente, minha filha. Serias uma ingrata si assim não procedesses! Mas tenho fé em Deus... já basta de tanta amargura a meus velhos dias! Que existencia seria a nossa sem ti? morreríamos logo!

— Quero que Papae me conte tudo, sim? quando Carlos morreu e de que molestia?

— Agora não, Ceci! é melhor repousares um pouco; mais tarde saberás...

— Não! não! quero saber já! Posso ouvir tranquillamente.

— Segundo as cartas que recebi do meu amigo Moreira, no dia seguinte áquelles factos, no dia de nossa partida, por consequencia, Carlos cahiu com uma grande febre; e lá mesmo no hotel, onde elle tinha ficado, foram os medicos vel-o; mas no fim de dois dias, a febre tomou um character mais grave. Foi nessa occasião que meu amigo foi visital-o, passando-me immediatamente um telegramma. Respondi-lhe que tu tambem estavas muito doente e eu não podia deixar-te só, aqui neste lugar; além disso Carlos tinha o pae á cabeceira de seu leito, e, portanto, nada lhe faltaria. Seis dias depois elle fallecia, segundo o que me participou o teu sogro.

— Elle sabe do que succedeu...?

— Sim, contei-lhe tudo no mesmo dia. Accrescenta até na carta, que a pessoa por quem Carlos te abandonou, quando soube que elle estava em estado desesperador, sahiu do Rio de Janeiro.

— Pobre Carlos! os homens são assim! Casados, abandonam as esposas pelas amantes, não se lembrando que não são estas que vélam á sua cabeceira, que partilham a sua dôr, e choram

a sua morte! Só os amam quando estão bons e felizes, e desprezam-n'os na doença e desgraça, quando mais precisam de carinho e consolo! Ah! meu pae! Antonietta não o amava! não! mil vezes não! agora é que a julgo criminosa!

— Na minha opinião, disse o Commendador, foram as terribes e subitas commoções d'aquelle dia que occasionaram a febre cerebral. Elle era muito impressionavel, tinha o cerebro fraco, eis ahi!

— E... disse a moça hesitante.

— O que?

— Antonietta... que é feito della?

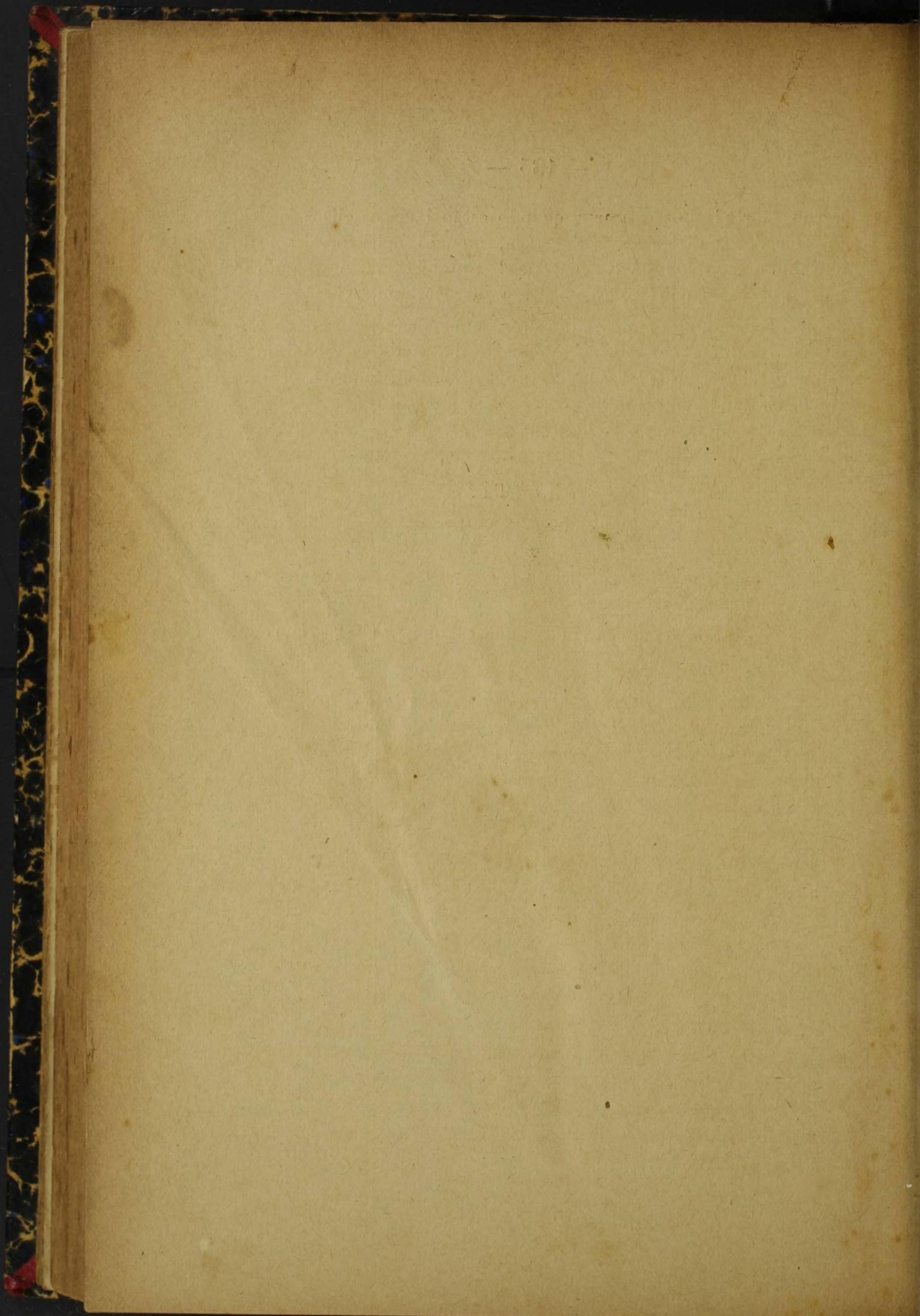
— Vendeu tudo quanto possuia em S. Paulo, e não se sabe para onde foi.

Cecilia permaneceu silenciosa por muito tempo. Depois, com uma voz firme e ar sereno, que espantou seu pae, disse:

— Portanto, ha quasi quatro mezes que... Carlos morreu?

— Ha quatro mezes.

— Mande apromptar a bagagem, Papae, para partirmos d'aqui a tres ou quatro dias para S. Paulo.



## CONCLUSÃO

---

Um anno, pouco mais ou menos depois destes factos, isto é, no dia 24 de Dezembro de 1888, as janellas da casa do Comendador Ramalho, que durante muito tempo permaneceram hermeticamente fechadas, abriam-se, deixando passar os jactos brilhantes de luz que illuminavam a sala.

Entretanto, a casa estava silenciosa, parecendo que nenhuma pessoa extranha alli se achava.

Junto ao salão, n'um gabinete allumiado apenas por um bico de gaz, viam-se duas pessoas que conversavam ternamente com as mãos dadas.

Essas duas pessoas eram Jorge e Cecilia.

A moça trajava um vestido preto, simples, que dava um realce extraordinario á alvura marmorea de suas faces e aos abundantes cabellos louros que lhe cahiam pelos hombros. Os olhos azues, tornados maiores pela magreza das faces, fitavam-se em seu companheiro com uma indizivel expressão de melancolica ternura.

O moço contemplava-a amorosamente.

Apertando mais a mão de Cecilia, disse Jorge com voz commovida:

— Fazem hoje dois annos que estive aqui, neste mesmo gabinete, com o coração despedaçado... vê? nunca se deve perder a esperança! soffri tanto, e agora...

A joven viuva sorriu, dizendo com voz doce:

— Não fallemos do passado, que foi tão horrivel! tratemos antes do presente e do futuro... amar-me-á sempre como diz?

— Oh! pois ainda duvida, Cecilia? não a convenceu tanto tempo de constancia? E' uma crueldade e injustiça!

— Perdão, Jorge; mas bem sabe o que me succedeu...

— Pediu-me que esquecesse o passado, e eil-a agora recordando...

— Sim, tem razão. E, além disso, hoje não é dia proprio para fallarmos em cousas tristes.

— Ah! quando penso que amanhã será minha para sempre... que poderei adoral-a de joelhos, perante a sociedade... ah! sinto-me enlouquecer de goso!

Cecilia ouvia essas ardentes palavras com o coração inebriado de ventura.

— Cecilia... minha querida... então nada me diz?

— Que mais poderei dizer-lhe? que o amo tanto como o Sr. a mim? isto já sabe!

— Não, Cecilia! neste ponto sou egoista! um amor, uma paixão como a minha não se encontram duas neste tempo! Ama-me, acredito firmemente, mas não como eu á Senhora!

E, dizendo estas palavras, o joven apaixonado inclina-se para o hombro da sua noiva, e beija soffregamente as suas madeixas louras; e, vendo que não o repellia segura-a pela cintura e dá-lhe um beijo na frente...

A moça recuou vivamente com as faces ruborisadas, murmurando perturbada:

— Jorge! que faz?

— Perdão! disse o rapaz envergonhado; mas que mal ha nisso?

— Si não promette portar-se bem, disse ella entre risonha e séria, iremos para onde está Papae...

Neste instante, como si as palavras da filha o tivessem invocado, appareceu o Commendador com o rosto risonho e o olhar brilhante.

— Sentou-se ao lado de Cecilia e, tomando-lhe a outra mão, perguntou:

— És agora feliz, minha filha?

— Muito, meu querido pae! disse ella com o sorriso nos labios.

— Deus te ouça! murmurou o velho dirigindo um olhar de gratidão a Jorge.

. . . . .

No dia seguinte, uniam-se pelos laços do matrimonio esses dois entes nascidos um para o outro, mas que a fatalidade houvera afastado por tanto tempo!

Jorge temia que a sua razão se transtornasse devido a tanta felicidade, e Cecilia esquecia o seu passado, cheio de amargura, para abrir, confiante, os braços para o futuro.

Marianna, remoçada dez annos, andava de um lado para outro, dando ordens, como dona da casa. Não procurava esconder a ventura de que sua alma estava repleta.

A mais completa alegria reinava nessa casa.

Tambem já era tempo de uma recompensa a essas creaturas, que tanto haviam soffrido resignadamente!

\* \* \*

No outro dia, um vapor partia de Santos para a Europa, levando a bordo uma joven acompanhada por uma senhora e uma criada.

A moça trajava rigoroso lucto e era de uma belleza tão maravilhosa, a ponto de causar admiração a todos os passageiros. O rosto era extremamente pallido; os olhos, grandes e negros, tinham um brilho febril; os labios descorados, contrahidos para suffocar os soluços que lhe subiam á garganta, tudo isso nessa mulher commovia os companheiros de viagem, que perguntavam entre si quem seria essa joven tão bella e mysteriosa, e que drama occulto motivava essa partida, que lhe parecia tão penosa!

Uma noite, quando o luar claro dardejava os seus raios melancolicos sobre as aguas do mar, alguns passageiros viram na pôpa do navio um vulto feminino, contemplando o firmamento salpicado de estrellas.

Era a mysteriosa mulher que alli chorava! Grossas lagrimas rolavam-lhe pelas faces ainda mais brancas pelo reflexo do luar. Parecia qualquer cousa de phantastico, vestida de negro, pallida e fria, exposta á claridade da lua, chorando silenciosamente...

Escondidos do outro lado, os passageiros espreitavam-n'a cheios de piedade.

Derepente, viram que a formosa mulher cahia de joelhos e, pondo as mãos n'uma attitude supplicante, com o olhar fito na immensidade, ouviram-n'a balbuciar entre lagrimas:

— Meu Deus! perdoae os males que tenho feito! mas bem vêdes que eu não merecia tão cruel provação! Fui uma menina honrada e uma esposa sem macula... que fiz para soffrer tanto? A injustiça da sorte tornou-me cruel, e a quem ella não tornaria assim? O amor que me abrasava até á loucura, o amor que era a minha alegria, a minha vida, eil-o perdido para sempre!

Meu Deus! por muito tempo desconheci a vossa mão poderosa, mas hoje me deixo arrastar por ella, supplicando-vos perdão pelos soffrimentos e pela morte que occasionei! ah! sim! infame que eu sou! fui a causa da morte de Carlos, do desgraçado que tudo sacrificou por mim, morrendo, em seguida, de remorsos! Perdão, meu Deus! e dae-me o esquecimento deste amor, que, correspondido, me tornaria, talvez, uma santa, mas que, calcado aos pés, escarnecido, me fez injusta e má! Quero o esquecimento, só o esquecimento, e não serei tão desgraçada!

Os soluços, desta vez, embargaram-lhe a voz e a moça continuou ajoelhada ainda.

Levantou-se depois mais calma, e, olhando sempre para o espaço, os seus labios tremulos invocavam o Consolador Divino, o Pae amante e bondoso das creaturas!

E Elle, que tem sempre os braços abertos para acolher os filhos desgarrados, recebeu a oração unvida pelo balsamo do arrependimento da infeliz peccadora, restituindo-lhe, em pouco tempo, a paz do coração que ella ardentemente lhe supplicava!

«Perdoada sejas, porque muito amaste», foram as palavras do Redemptor á Magdalena, a peccadora.

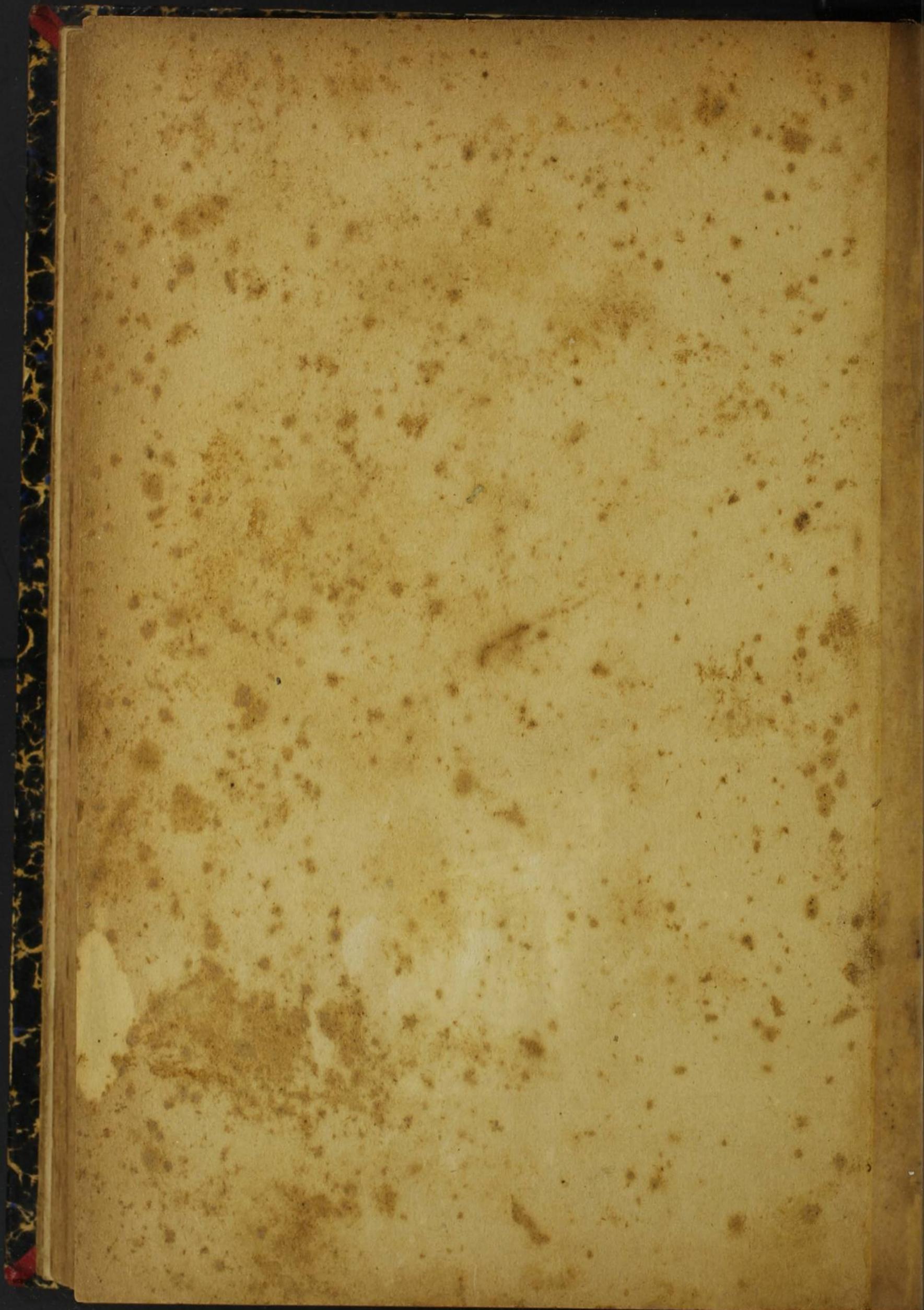
DA MESMA AUCTORA

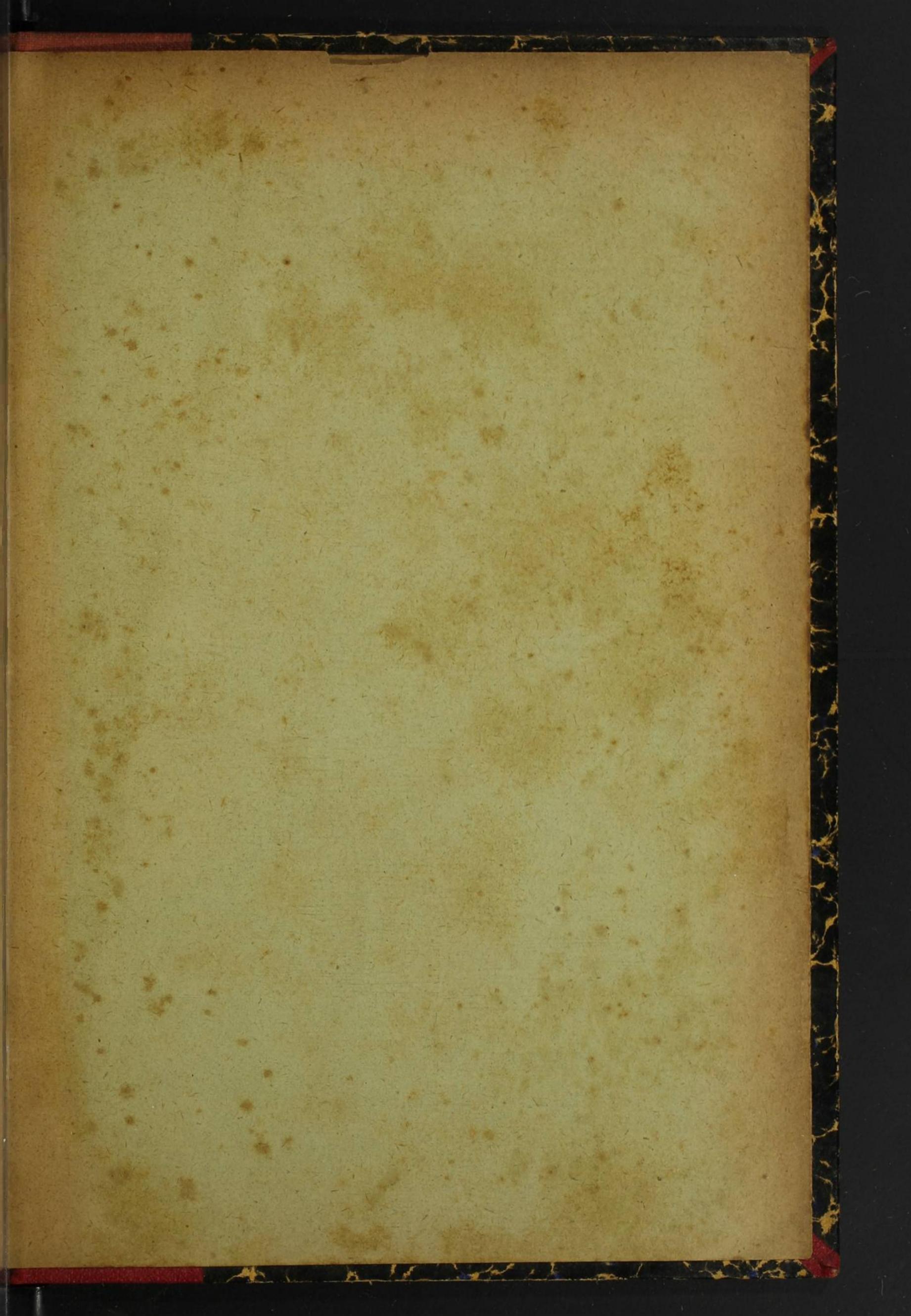
A publicar :

LAGRIMAS — Poesias.

AS TRES AMIGAS — Romance.







18423

